

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PUBLICIDADE E PROPAGANDA

JÚLIA MACHADO LEAL GUIMARÃES

**SKATE PARA FALAR DELAS:
OS ATRAVESSAMENTOS DE GÊNERO NA RECEPÇÃO VIA TWITTER DA
PARTICIPAÇÃO DE RAYSSA LEAL NAS OLIMPÍADAS**

Porto Alegre

2023

JÚLIA MACHADO LEAL GUIMARÃES

**SKATE PARA FALAR DELAS:
OS ATRAVESSAMENTOS DE GÊNERO NA RECEPÇÃO VIA TWITTER DA
PARTICIPAÇÃO DE RAYSSA LEAL NAS OLIMPÍADAS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Laura Hastenpflug
Wottrich Cougo

Coorientadora: Me. Gabriela Saraiva Habckost

Porto Alegre

2023

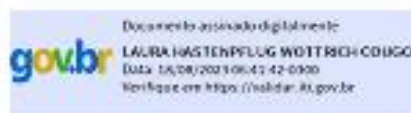


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado "Skate para falar delas: Os atravessamentos de gênero na recepção via Twitter da participação de Rayssa Leal nas Olimpíadas", de autoria de Júlia Machado Leal Guimarães, estudante do curso de Publicidade e Propaganda, desenvolvido sob minha orientação.

Porto Alegre, 18 de agosto de 2023.



Prof.^a Dr.^a Laura Hastenpflug Wottrich Cougo
Orientadora

CIP - Catalogação na Publicação

Guimarães, Júlia Machado Leal

Skate para falar delas: Os atravessamentos de gênero na recepção via Twitter da participação de Rayssa Leal nas Olimpíadas / Júlia Machado Leal Guimarães. -- 2023.

104 f.

Orientadora: Laura Wottrich.

Coorientadora: Gabriela Saraiva Habckost.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Publicidade e Propaganda, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Rayssa Leal. 2. gênero. 3. skate feminino. 4. esporte. 5. Twitter. I. Wottrich, Laura, orient. II. Habckost, Gabriela Saraiva, coorient. III. Título.

Júlia Machado Leal Guimarães

**SKATE PARA FALAR DELAS: OS ATRAVESSAMENTOS DE GÊNERO NA
RECEPÇÃO VIA TWITTER DA PARTICIPAÇÃO DE RAYSSA LEAL NAS
OLIMPIADAS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Laura Hastenpflug Wottrich Cougo
Coorientadora: Me. Gabriela Saraiva Habckost

Porto Alegre, 31 de agosto de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Laura Hastenpflug Wottrich Cougo (FABICO-UFRGS)

Me. Gabriela Saraiva Habckost (PPGCOM-UFRGS)

Prof. Dr. Eduardo Zilles Borba (FABICO-UFRGS)

Me. Carolina Bonoto Espindola (PPGCOM-UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto do amor, carinho, acolhimento, apoio e ensinamentos de muitas pessoas preciosas que tenho à minha volta. Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família, que sempre me deu apoio incondicional, confiou em mim e fez de tudo pelo meu bem. Em especial, gostaria de agradecer a meus pais e meu irmão. Tenho muitíssima sorte. Obrigada por me ensinarem e me incentivarem tanto na minha jornada acadêmica. O amor de vocês foi combustível nessa caminhada.

Gostaria de agradecer imensamente a duas peças chave na construção desta monografia, as minhas fantásticas orientadoras. Laura e Gabriela, minha gratidão a vocês é imensa. Obrigada pela jornada, pelas orientações, pelos ensinamentos, pelo carinho que vocês adicionaram à minha construção deste trabalho. Obrigada por tanto. Foi um prazer enorme ser orientada e aprender tanto com vocês.

Agradeço às amigas que tornaram o caminho mais leve, divertido e carinhoso. Gostaria de agradecer às BBBs que proporcionaram memórias maravilhosas, um carinho imenso e gargalhadas gostosíssimas. Às meninas 18/1, unidas por um curta e pelo cuidado que é característico do grupo. Obrigada pelo amor, pelo acolhimento, por tornarem tudo tão mais leve e querido. A muita gente querida da turma 18/2 e, em especial, às Anas e Clara com quem estive em muitos trabalhos e momentos de carinho durante a graduação. Agradeço imensamente à Clara, Letícia e Mariana, por todo o amor, colos, conselhos e risadas. A vida é muito feliz na presença de vocês.

Agradeço, também, a fantásticos professores e funcionários da Fabico que fizeram parte de meu caminho. São incontáveis as memórias e aprendizados que guardo comigo dos momentos que estive dentro e fora das salas de aula. Agradeço pelas aulas, pelos conteúdos e pela dedicação de muitos professores que marcaram minha jornada como estudante e minha vida como profissional da comunicação.

Minha religiosidade também tem importante papel nesse caminho. Agradeço a Deus, a Jesus, a Maria, ao meu Anjo da Guarda e a todos os santos que foram um lugar de acolhimento durante o processo do TCC e da graduação. As rezas representaram muitos momentos de calma e fé de que tudo daria certo. Obrigada!

Por fim, cabem aqui mais dois agradecimentos especiais. Sou muito grata à Júlia, por tudo que ela representou na minha jornada. Obrigada por tanto carinho e amor, por me acolher tanto e me ensinar que a vida pode ser vivida com mais calma. Obrigada, também, a Isabela,

minha fantástica psicóloga que muito me ajuda a colocar os pés de volta ao chão. Isabela, você não tem noção (ou tem!) da diferença que me faz. Obrigada!

Obrigada a mais tantas pessoas fantásticas que fizeram parte disso tudo. Eu poderia escrever mais muitos nomes aqui. É muita sorte. É muito amor. Obrigada!

RESUMO

Este estudo tem como problema de pesquisa a seguinte questão: quais os atravessamentos de gênero que permearam a recepção da participação de Rayssa Leal no campeonato de skate street feminino das Olimpíadas de 2020 pelo público brasileiro no Twitter? O objetivo geral é identificar quais temáticas que emergiram do debate de gênero nas publicações feitas por brasileiros no Twitter a respeito da participação da atleta Rayssa Leal na estreia do skate nas Olimpíadas de 2020, considerando o contexto de desigualdade enfrentado por mulheres na prática do esporte. A revisão da literatura em um primeiro momento aborda as temáticas de gênero, mulheres e esporte, história e cultura do skate e da categoria feminina; em uma segunda etapa se discorre a respeito de mídias digitais, com foco nas temáticas de: convergência midiática, recepção, segunda tela, uso das plataformas digitais para discussões de relevância social e a presença do debate de gênero e do feminismo na Internet. Quanto às estratégias metodológicas, a pesquisa é qualitativa (BAUER; GASKELL, 2011; PRODANOV; FREITAS, 2013) com ênfase descritiva (GIL, 2008). Utilizou-se da pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2005) e, durante a etapa de análise e investigação empírica, foi tomada como inspiração a análise de conteúdo categorial, baseada nas proposições de Bardin (1977) e Sampaio e Lycarião (2021). O trabalho investigativo empreendido a partir de publicações sobre Rayssa Leal no Twitter permitiu observar uma diversidade de temas que surgem no debate de gênero em torno da participação da atleta nas Olimpíadas. Papéis de gênero, comparações entre o masculino e o feminino e a representatividade/identidade de Rayssa foram atravessamentos que motivaram discussões sobre gênero. Nas discussões empreendidas, respostas com intenções de afastamento/rejeição da pauta de gênero representaram o tema de maior frequência, indicando a forte presença de uma oposição ao debate do assunto no Twitter. Frente à coleta, foi possível perceber o potencial da imagem de Rayssa Leal como tensionadora das normas de gênero a partir do skate.

Palavras-chave: Rayssa Leal; gênero; skate feminino; esporte; Twitter.

ABSTRACT

The research problem of this study is the following question: what gender crossings permeated the reception of Rayssa Leal's participation in the women's street skateboarding championship at the 2020 Olympics by the Brazilian public on Twitter? The general objective is to identify which themes emerged from the gender debate in posts made by Brazilians on Twitter about athlete Rayssa Leal's participation in the skateboarding debut at the 2020 Olympics, considering the context of inequality faced by women in the practice of the sport. The literature review first addresses the themes of gender, women and sport, the history and culture of skateboarding and female skateboarding; in a second stage, it discusses about digital media, focusing on the themes of: media convergence, reception, second screen, the use of digital platforms for discussions of social relevance and the presence of the gender debate and feminism on the Internet. In terms of methodological strategies, this research is qualitative (BAUER; GASKELL, 2011; PRODANOV; FREITAS, 2013) with a descriptive emphasis (GIL, 2008). It used the method of bibliographical research (STUMPF, 2005) and, during the stage of analysis and empirical investigation, categorical content analysis was used as inspiration, based on the propositions of Bardin (1977) and Sampaio and Lycarião (2021). The investigative research based on posts about Rayssa Leal on Twitter allowed this study to observe a diversity of themes that arise from the gender debate around the participation of the athlete in the Olympics. Gender roles, comparisons between the masculine and feminine and Rayssa's representativeness/identity were crossings that motivated discussions about gender. In the held discussions, responses with intentions of distancing/rejecting the gender agenda represented the most frequent theme, indicating the strong presence of the opposition to the debate on the subject on Twitter. In the view of the collected data, it was possible to notice the potential of Rayssa Leal's image as a tensioner of gender norms through skateboarding.

Keywords: Rayssa Leal; gender; female skateboarding; sport; Twitter.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Postagem no site “Garotas no Comando”	38
Figura 2 – Página inicial do site “Skate Para Meninas”	39

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estratégias metodológicas para os objetivos específicos.....	64
Quadro 2 – Critérios de seleção das publicações.....	66
Quadro 3 – Dimensões – Atravessamentos.....	68
Quadro 4 – Categorias temáticas.....	69
Quadro 5 – Dados quantitativos - Papéis de gênero.....	71
Quadro 6 – Dados quantitativos - Masculino x feminino.....	76
Quadro 7 – Dados quantitativos - Representatividade/Identidade.....	80
Quadro 8 – Temas de maior recorrência conforme o atravessamento.....	87

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O SKATE TEM GÊNERO?	19
2.1 O QUE É GÊNERO?.....	19
2.2 O LUGAR DA MULHER NO ESPORTE.....	25
2.3 SKATE: ESPORTE DE RESISTÊNCIA	31
2.3.1 Skate e sub-representação feminina.....	34
3 MÍDIAS DIGITAIS E DEBATES SOCIAIS	44
3.1 CONVERGÊNCIA MUDIÁTICA E REDES SOCIAIS COMO ESPAÇO DE RECEPÇÃO	44
3.2 AS MÍDIAS DIGITAIS E O DEBATE DE TEMAS DE RELEVÂNCIA SOCIAL	52
3.2.1 Debates sociais de gênero e feminismo nas mídias digitais	56
4 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS E ANÁLISE.....	63
4.1 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	63
4.2 DESENVOLVIMENTO DA ANÁLISE.....	70
4.2.1 Papéis de gênero	70
4.2.2 Masculino x feminino.....	75
4.2.3 Representatividade/identidade.....	78
4.3 REFLEXÕES FINAIS DA ANÁLISE.....	85
5 CONCLUSÃO.....	89
REFERÊNCIAS	94

1 INTRODUÇÃO

As Olimpíadas de Tóquio de 2020 - que ocorreram no ano de 2021 em decorrência de atrasos causados pela pandemia - marcaram a estreia do skate como modalidade olímpica. Com as modalidades Street e Park e as categorias feminina e masculina, a competição rendeu três medalhas de prata para a equipe brasileira. Entre os medalhistas, esteve Rayssa Leal, skatista de 13 anos que conquistou o pódio na competição de skate street feminino. Destaque no universo do esporte, Rayssa figura em uma alta posição no ranking de melhores do mundo no street feminino. Segundo a World Skate (2021) - entidade que regula esportes sobre patins e skate - Rayssa Leal, à época da competição, estava em segundo lugar, atrás apenas de Pâmela Rosa, brasileira que foi uma de suas companheiras de equipe na competição olímpica. Considerando o contexto da categoria esportiva do skate feminino, que acompanha uma crescente no número de praticantes, ao mesmo tempo em que enfrenta a sub-representação das skatistas mulheres, a transmissão da competição e a conquista da medalha de Rayssa foram possíveis agentes em prol do aumento da visibilidade da categoria.

O Twitter¹ foi palco de conversações entre os espectadores que acompanhavam as etapas das competições das Olimpíadas. A rede social digital oferece aos usuários a possibilidade de compartilhar mensagens a partir de um espaço de caracteres limitados, os chamados *tweets*. O espaço de conversação oferecido pela plataforma permite seu uso como segunda tela, a partir do rápido compartilhamento de mensagens em texto, imagens, áudios e vídeos, mesmo enquanto os usuários acompanham a transmissão de um evento. Segundo Bavishi (2021), o Brasil figurou como o segundo país com maior volume de *tweets* a respeito das Olimpíadas. Em relação aos assuntos em torno da competição, a conquista da medalha de prata da atleta Rayssa Leal figurou como tópico mais comentado no Brasil e no mundo, sendo Rayssa, também, a atleta mais comentada das Olimpíadas. A categoria esportiva do skate, por sua vez, foi a segunda com maior volume de *tweets* no país. É perceptível, portanto, que houve grande reverberação da competição em espaços de troca do público brasileiro, e um grande destaque relativo aos acontecimentos da competição de skate street feminino. Tais dados sugerem que, nestas conversações, há um interessante campo a ser explorado.

¹ Durante a realização deste trabalho, diversas atualizações foram feitas na plataforma, entre elas, mudanças em sua identidade, de forma que o site se encaminha para ser renomeado como “X”. Porém, para fins de execução deste trabalho, foram mantidas as nomenclaturas e identidade anteriores, referenciando a plataforma pelo nome “Twitter”, uma vez que as atualizações se deram no decurso deste estudo.

O skate feminino tem registrado uma crescente de praticantes, e, segundo a Confederação Brasileira de Skate, a partir de um relatório do instituto DataFolha² pôde-se constatar que, entre 2009 e 2015, houve um aumento no número de praticantes mulheres, saindo de uma porcentagem de 10% para 19%, totalizando aproximadamente 1.600.000 praticantes. Neste contexto de conquistas para a categoria feminina, diversas skatistas mulheres com destaque no cenário do esporte - entre elas, Rayssa Leal - são porta-vozes da busca pela mudança do cenário do esporte em prol da conquista de maiores oportunidades e visibilidade às mulheres. O skate, apesar de ser um esporte de resistência, é atravessado por reflexos de uma sociedade desigual, sendo marcado por práticas que colocam mulheres praticantes em posição de sub-representação.

Nascido em um ambiente marcado por guerras, revoluções e, principalmente, movimentos coletivos contestatórios, o skate carregou consigo esta motivação da prática como elemento de resistência. (BRANDÃO, 2007) Porém, apesar de revolucionária, a atividade carregou consigo por muitos anos a predominância quase que total da participação masculina. Constantemente comparadas a padrões masculinos, estereotipadas pejorativamente ou frequentemente invisibilizadas, as mulheres skatistas têm ganhado cada vez mais espaço neste ambiente e, para além disso, projeção midiática (FOGLIATTO; MARQUES, 2021, p. 2).

Nesse cenário, a figura de Rayssa Leal ganha força representativa por seu enorme alcance e destaque no esporte. A jovem, atualmente com apenas 15 anos, já é referência no skate. Sua conquista nas Olimpíadas de Tóquio é fruto de uma jornada que se iniciou aos 6 anos, quando ganhou seu primeiro skate (MAGRI, 2020). Aos 7 anos, Rayssa obteve enorme alcance a nível mundial após a viralização de um vídeo seu realizando uma complexa manobra de skate enquanto vestia uma fantasia de fada - o que lhe rendeu o apelido de “Fadinha” (MELLO, 2021). A grande visibilidade conquistada pela skatista precedeu uma série de conquistas que já a consagram na história do skate feminino. Aos 13 anos de idade, com a conquista da medalha de prata nas Olimpíadas, Rayssa tornou-se a atleta mais jovem da história brasileira a ser medalhista olímpica (COB, 2021). Como já observado, a participação da atleta na competição rendeu enorme repercussão nos mais diferentes meios de comunicação, em especial, na rede social Twitter. De acordo com o jornal Valor Econômico³, entre o dia 23 de julho e a manhã do dia 26 (tendo a finalização da competição se dado durante a madrugada de

² CBSK. Pesquisa Datafolha 2015. **CBSK**, São Paulo, [????]. Disponível em: <https://cbsk.com.br/noticia/769/pesquisa-datafolha-2015>. Acesso em: 17 abr. 2023.

³ KOIKE, Beth. Rayssa Leal, prata no skate, recebe mais de 2 milhões de citações no Twitter.

Valor, São Paulo, 26 jul. 2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/olimpiada-2021/noticia/2021/07/26/rayssa-leal-prata-no-skate-recebe-mais-de-2-milhoes-de-citacoes-no-twitter.ghtml>. Acesso em: 22 jul. 2023.

acordo com o horário de Brasília), Rayssa recebeu mais de 2 milhões de citações nessa plataforma.

O poder comunicacional de Rayssa para toda uma nova geração de mulheres já se faz ver nas representações da atleta na mídia, sendo a jovem tema de diversas reportagens e o rosto de campanhas publicitárias de grandes marcas, como Nike⁴, Banco do Brasil⁵, Nescau⁶ e Docile⁷. A representação midiática de uma menina que desde cedo destaca-se com suas manobras em cima de um skate, chama a atenção para os novos passos do skate feminino no Brasil, que tem ganhado uma visibilidade que é fruto de décadas de luta.

Postas estas contextualizações, o objeto de pesquisa deste trabalho está nas publicações de brasileiros no Twitter que abordaram gênero a partir da participação de Rayssa Leal na competição de skate feminino das Olimpíadas de 2020. Considerando o contexto no qual se encontra a categoria esportiva do skate street feminino e a alta visibilidade da transmissão do evento, essa pesquisa tematiza os atravessamentos de gênero que estiveram presentes na recepção dos brasileiros que acompanharam a competição. Sendo a plataforma do Twitter um espaço que recebeu em massa comentários dos espectadores, a análise da recepção se dá a partir das conversações produzidas na rede social. O enfoque na atleta Rayssa Leal se justifica por seu potencial representativo e pela reverberação de sua medalha e participação na competição.

O problema de pesquisa parte da percepção de que a transmissão da competição chama a atenção para as dinâmicas desiguais de gênero que marcam o skate. Considerando a posição de sub-representação das skatistas, o grande volume de publicações compartilhadas no Twitter em torno do evento levanta algumas questões a serem investigadas acerca de quais atravessamentos de gênero estiveram presentes na recepção dos espectadores que acompanharam a transmissão e utilizaram da plataforma online como meio de expressão.

A questão de gênero de fato foi algo levantado pelos espectadores? Que disputas de sentido em torno de gênero foram levantadas pelos usuários e usuárias? O quanto a transmissão invocou em termos de representatividade? Que atravessamentos de gênero estiveram presentes nas reações à conquista da atleta Rayssa Leal? Que opiniões foram expressas pelos usuários e

4 CONTADO, Valeria. Em clima de conto de fadas, Rayssa Leal estrela campanha da Nike. **Meio & Mensagem**, São Paulo, 26 jul. 2021. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/comunicacao/em-clima-de-conto-de-fadas-rayssa-leal-estrela-campanha-da-nike>. Acesso em: 17 abr. 2023.

5 ANDRADE, Gabriela. Banco do Brasil lança campanha com skatista e medalhista Rayssa Leal. **Metrópoles**, [s.l.], 19 out. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/m-buzz/banco-do-brasil-lanca-campanha-com-skatista-e-medalhista-rayssa-leal>. Acesso em: 17 abr. 2023.

6 DÊ o start no seu dia com NESCAU® Cereal. [S.l.: s.n.]: 2023. 1 vídeo (15 seg). Publicado pelo canal NESCAU. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a8HhgXjMKtc>. Acesso em: 17 abr. 2023.

7 DOCILE - Doces Gentilezas. [S.l.: s.n.]: 2022. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal Docile Alimentos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZLI9Pi5nO9E>. Acesso em: 17 abr. 2023.

usuárias em torno da temática? Estes são alguns dos questionamentos suscitados pela problemática.

A reunião de tais questionamentos pode ser resumida em um questionamento mais específico, que abarca a investigação necessária para responder às problematizações levantadas. Assim, o problema que serve como ponto de partida desta pesquisa pode ser definido na seguinte pergunta: **Quais os atravessamentos de gênero que permearam a recepção da participação de Rayssa Leal no campeonato de skate street feminino das Olimpíadas de 2020 pelo público brasileiro no Twitter?**

O objetivo geral desta pesquisa é identificar quais temáticas que emergiram do debate de gênero nas publicações feitas por brasileiros no Twitter a respeito da participação da atleta Rayssa Leal na estreia do skate nas Olimpíadas de 2020, considerando o contexto de desigualdade enfrentado por mulheres na prática do esporte. Os objetivos específicos, por sua vez, são: a) Contextualizar a discussão da visibilidade do skate street feminino; b) Mapear quais atravessamentos de gênero estão presentes nas percepções dos brasileiros no Twitter; c) Examinar as temáticas que emergem no debate de gênero das conversações coletadas a partir da análise dos atravessamentos.

A justificativa deste trabalho de pesquisa se dá a partir de três vieses: pessoal, social e profissional/epistemológico. Cada viés está justificado nos próximos parágrafos.

Em uma perspectiva pessoal, minha proximidade com o tema⁸ vem de alguns anos em contato com a prática do skate. Em torno dos meus 10 ou 11 anos, descobri o universo do esporte junto de amigos da vizinhança. Sendo uma das poucas meninas do grupo de praticantes mirins, logo lidei com questões de gênero que tinham diferentes impactos em minha prática. Nesta época em que as manobras eram prática diária junto de meu grupo de amigos, decidimos gravar alguns vídeos para o YouTube, os quais tiveram notável alcance na plataforma. Expostos aos comentários do público que nos assistia, entrei em contato ali, também, com comentários permeados pelas questões de gênero que acompanham o esporte. Desde meninas que expressavam enxergar nos vídeos inspiração para iniciarem no skate, até usuários que criticavam minha presença naquele espaço. Tendo experienciado essa vivência marcada por atravessamentos de gênero, a transmissão da competição feminina de skate street nas Olimpíadas foi um momento de grande afeto para mim. Utilizando o Twitter como segunda tela enquanto assistia à disputa, entrei em contato com comentários semelhantes aos que vivi anteriormente. Percebi, também, o quanto teria sido importante para a menina de 11 anos que

⁸ Para fins de justificativa individual, a 1ª pessoa do singular foi adotada neste parágrafo.

fui poder assistir, em um evento com o porte das Olimpíadas, incríveis atletas expondo ao mundo o skate feminino e inspirando tantas outras mulheres. A conquista da medalha de prata de Rayssa Leal tem enorme significado para a categoria esportiva que há tanto tempo busca por visibilidade, respeito e reconhecimento. É por conta desse laço afetivo com o tema que decidi investigar os impactos da transmissão para o debate de gênero no esporte.

Em termos de impacto social, a temática encontra relevância como espaço de investigação de dinâmicas de gênero que permeiam nossa sociedade. A intersecção de esporte e gênero é um lugar que suscita diferentes debates e, ao explorar esta intersecção junto a uma categoria esportiva marcada pela maior representatividade masculina em detrimento da sub-representação das mulheres, a pesquisa contribui para entender de que forma essas dinâmicas têm sido presentes no debate público. A escolha por explorar a recepção do público que assistiu à competição de skate street feminino e expressou suas percepções na plataforma online do Twitter, colabora para compreender - no escopo do debate de gênero - os impactos da transmissão do evento, a posição que a temática ocupa na sociedade brasileira, a visibilidade a categoria esportiva, entre outros aspectos interessantes a serem explorados junto aos sentidos evocados pelo público.

Partindo para uma compreensão do lugar epistemológico⁹ ocupado pelo trabalho a ser desenvolvido, esta pesquisa se justifica pela contribuição com algumas categorias temáticas. A partir da realização do estado da arte, não foram identificados trabalhos dedicados à investigação de atravessamentos de gênero na recepção de competições de skate feminino. Porém, uma vez que a temática apresenta uma intersecção com diferentes campos - recepção, mídias digitais, gênero, esporte, entre outros -, para compreender o espaço científico no qual este trabalho se encontra, foram organizadas três categorias para quantificar outras pesquisas já realizadas que dialogam com a temática (com enfoque no campo da comunicação): skate; Olimpíadas/Paralimpíadas; esporte e gênero. Para este mapeamento, foi feita uma busca nas seguintes bases de dados: Banco de Teses e Dissertações da Capes, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Lume/UFRGS, Anais da Intercom e Repositório Digital da UFSM. Junto às ferramentas de busca destes bancos de dados, foram utilizadas as seguintes palavras-chave e suas combinações: *gênero*, *recepção*, *convergência*, *skate feminino*, *twitter*, *Olimpíadas* e *esporte*. Foram priorizados trabalhos do campo da comunicação publicados entre 2017 e 2021, apesar de terem composto a coleta, também, algumas publicações de anos anteriores. Foram identificados trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e artigos em anais.

⁹ A investigação epistemológica deste trabalho deu-se durante a consolidação de seu projeto de pesquisa, e, portanto, foi realizada em julho de 2022. Novos materiais podem ter surgido após esta data.

Na categoria “skate” foram identificados 5 trabalhos, dos quais 2 adicionam gênero à discussão. Quanto a trabalhos atravessados pela temática das Olimpíadas e Paralimpíadas, foram encontradas 13 produções. Por fim, foram identificadas 24 pesquisas com temáticas que interseccionam esporte e gênero. Vale citar nesta justificativa bibliográfica o artigo “A produção acadêmica sobre gênero e esporte no Brasil” (VIMIERO; EUGÊNIO; PILAR, 2021), que identifica que, nesta intersecção entre gênero e esporte, a produção da área da Comunicação costuma voltar-se para o tópico “Mídia esportiva”, categoria na qual o objeto desta pesquisa também pode ser alocado. Tais resultados sugerem que o trabalho se encontra num contexto de intersecção com temas que já possuem uma considerável produção científica, principalmente a respeito da temática “gênero e esporte”. Quanto a estudos de comunicação referentes à skate, o baixo número de trabalhos identificados demonstra que a pesquisa pode contribuir para o aumento de referenciais com este propósito, carregando um certo grau de “novidade” ao abordar um evento recente - as Olimpíadas de 2020.

A organização deste trabalho de pesquisa se dá da seguinte forma: nos capítulos 2 e 3 está desenvolvido o suporte teórico, que serve de base para a análise empreendida, concentrada no capítulo 4.

O primeiro capítulo teórico tem como enfoque trabalhar o universo que envolve o skate feminino no que diz respeito às dinâmicas de gênero. Para tanto, são trabalhados: os conceitos desenvolvidos em torno de “gênero”, a partir de diferentes reflexões e proposições, compreendendo-o como demarcação social de grande impacto na vida dos indivíduos; as dinâmicas de gênero no esporte, a partir de revisitações históricas e do debate das lógicas que permeiam a vivência das mulheres esportistas; a prática do *skateboarding*, sua história, cultura e a comunidade skatista; o skate feminino, as desigualdades e a sub-representação que afetam as skatistas mulheres, as quais lutam por visibilidade e reconhecimento, e o cenário atual de importantes conquistas para a categoria.

O segundo capítulo teórico volta-se para o universo das mídias digitais, abordando, também, processos de recepção e o uso da Internet como espaço de debates sociais. Dessa forma, o capítulo aborda: os conceitos de convergência midiática e segunda tela e os processos que estes envolvem, debatendo as redes sociais digitais como espaço de recepção; os usos das mídias digitais para o debate de temas de relevância social; a presença das discussões de gênero e do feminismo no universo digital.

Por fim, o capítulo 4 corresponde à análise deste trabalho de pesquisa. A análise é de caráter descritivo, com base nas definições de Gil (2008), e utiliza um método qualitativo, conforme as definições de Bauer e Gaskell (2011) e de Prodanov e Freitas (2013). A análise

baseia-se nas definições da análise de conteúdo de Bardin (1977), inspirando-se, também, nas reflexões de Sampaio e Lycarião (2021) acerca do método, aproximando-se de uma análise categorial temática. Os processos empíricos desta etapa baseiam-se na coleta de publicações no Twitter que atendem às proposições da pesquisa, ou seja, registram o debate de gênero empreendido a partir de Rayssa Leal e sua participação no skate feminino das Olimpíadas. A análise é estruturada em duas instâncias: na observação e sistematização dos *tweets* que motivam os debates a partir dos atravessamentos de gênero neles presentes; e na categorização dos *tweets* que participam das conversações a partir das temáticas que desenvolvem em torno de gênero. Dessa forma, com base no material coletado são debatidos os atravessamentos e as temáticas que partem destes nas conversações. Frente à análise desenvolvida, levantam-se algumas reflexões e conclusões a respeito de como a figura de Rayssa Leal e o skate feminino foram tensionadores do debate de gênero no Twitter.

2 O SKATE TEM GÊNERO?

A demarcação de gênero impõe normas e padrões no meio social, de forma a criar papéis e limitações baseadas na identidade de gênero dos indivíduos, os quais, historicamente, geram relações desiguais entre os indivíduos. O universo esportivo é marcado de forma expressiva por tais dinâmicas, e, nesse âmbito, muitas vezes afastam figuras femininas de suas práticas, em especial no que se refere a esportes caracterizados como “radicais” ou de impacto. O skate - apesar de sua cultura contestatória dos valores hegemônicos - é um desses esportes e, portanto, é marcado pela exclusão e sub-representação das skatistas mulheres. É nesse cenário que o skate feminino luta por visibilidade e reconhecimento, com importantes conquistas recentes para a categoria esportiva. Este capítulo dedica-se ao aprofundamento destes conceitos e da compreensão do cenário que envolve o skate feminino. Para isso, são abordados os conceitos de gênero, o lugar das mulheres no universo esportivo, a história e a cultura do skate e da modalidade feminina.

2.1 O QUE É GÊNERO?

A categoria de gênero é uma das demarcações de mais expressiva presença em nossa organização social, sendo um dos principais fatores constituintes da identidade dos indivíduos. Sua relação com diferentes “normas sociais” tem forte impacto nos modos de viver e de comportar-se frente à sociedade. A compreensão dessas lógicas é central para este trabalho de pesquisa, uma vez que este se propõe a identificar e analisar o espaço ocupado pelo debate de gênero no contexto da prática esportiva do *skateboarding*.

As categorias de gênero têm uma relação desigual, que favorece, principalmente, indivíduos cisgêneros¹⁰ que se identificam como homens, em detrimento de outras identidades de gênero, como, no caso do enfoque desta pesquisa, as mulheres. Tal assimetria se faz presente nas diferentes esferas da vida em sociedade, entre elas, a vivência do esporte. Nesse sentido, em um contexto de favorecimento das identidades masculinas, o universo esportivo é marcado por dinâmicas prejudiciais às praticantes e atletas mulheres, que, por muitas vezes, se encontram em um contexto de sub-representação. Antes de explorar o funcionamento dessas dinâmicas na prática esportiva, é necessário compreender mais profundamente a conceituação de gênero, de que forma as relações desiguais afetam aquelas que se identificam com o gênero feminino e o

¹⁰ Indivíduos cuja identificação de gênero corresponde ao sexo determinado ao nascer.

funcionamento do feminismo como luta que atua na denúncia e combate dos efeitos de tais assimetrias sociais.

Conceituar gênero pode ser uma tarefa complexa, tendo o próprio movimento de luta das mulheres - o feminismo - adotado o termo sob diferentes pontos de vista ao longo de sua história (ESCOSTEGUY, 2020). A construção de seu conceito está ligada aos estudos das mulheres, e “faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens” (SCOTT, 1995, p. 85). O surgimento do termo deu-se durante os anos 70, com o objetivo de diferenciação do termo “sexo”:

Tal reformulação surgiu com o intuito de distinguir e separar o sexo – categoria analítica marcada pela biologia e por uma abordagem essencializante da natureza ancorada no biológico – do gênero, dimensão esta que enfatiza traços de construção histórica, social e sobretudo política que implicaria análise relacional. (MATOS, 2008, p. 336).

Frequentemente, esta conceituação - a qual coloca gênero como uma construção social - aborda tal categoria sob um ponto de vista binário, restringindo-se a compreensão da existência de dois gêneros: homem e mulher (MATOS, 2008). Nos movimentos feministas, tal restrição a um binarismo vem sendo contestada, evitando, assim, que tais compreensões sejam colocadas em uma posição estática e inflexível (e muitas vezes pretensamente "naturalizada"), sendo esta uma posição nociva a uma diversidade de identidades que não se restringem às noções de “feminino” e “masculino”, assim como a uma diversidade de existências que são atravessadas por outros fatores e dimensões sociais.

A complexidade de definição do que é gênero, e, em especial, do que é “ser mulher”, é um dos pontos de debate da luta feminista, que, por vezes, lida com a definição de tais termos como um fator determinante para que o feminismo obtenha sucesso na compreensão dos seus objetivos (BUTLER, 2003). A busca por uma definição limitada do que é a identidade feminina no contexto das categorias de gênero cumpre com o objetivo de compreender qual, afinal, seria a “identidade comum” que designa quem são as mulheres. O desejo dessa definição, porém, é criticado pela filósofa estadunidense Judith Butler, que argumenta que o alcance de tal definição em nada é necessário para a continuidade da ação política do feminismo, e que a busca por unidade pode gerar uma consequência de exclusão:

Não implica a “unidade” uma norma excludente de solidariedade no âmbito da identidade, excluindo a possibilidade de um conjunto de ações que rompam as próprias fronteiras dos conceitos de identidade, ou que busquem precisamente efetuar essa ruptura como um objetivo político explícito? Sem a pressuposição ou o objetivo

da “unidade”, sempre instituído no nível conceitual, unidades provisórias podem emergir no contexto de ações concretas que tenham outras propostas que não a articulação da identidade. Sem a expectativa compulsória de que as ações feministas devam instituir-se a partir de um acordo estável e unitário sobre a identidade, essas ações bem poderão desencadear-se mais rapidamente e parecer mais adequadas ao grande número de “mulheres” para as quais o significado da categoria está em permanente debate. (BUTLER, 2003, p. 36).

A rejeição de Butler na busca por uma “unidade” é um importante exercício para a busca de um feminismo que não gere exclusão, e que não se torne estático e insensível às mudanças na organização social que constantemente tensionam as lógicas de gênero, muitas vezes em prol de mudanças benéficas no acolhimento da diversidade. A proposta da autora parte da compreensão de que a falta de unidade deve ser, na verdade, abraçada pelo movimento para que este seja aliado às diferentes lutas que atuam na mudança do cenário assimétrico de relações sociais de gênero. Essa proposta, portanto, é um impulsionador do feminismo como movimento que não se restringe a uma estática classificação do que é “ser mulher”, e abraça as diferentes formas desse existir, aliando-se, também, às lutas de outras assimetrias sociais, como as de classe e raça, além das lutas da comunidade LGBTQIA+, que em muito conversa com a luta das mulheres. Quando a mobilização da luta contra as opressões de gênero foca-se em uma identidade única, ela abre margem para que o feminismo ignore pautas de mulheres que não pertencem àquela identificação, resultando em um movimento que corrobora com outras formas de opressão e com a exclusão. Dentro da categoria “mulheres”, portanto, há uma diversidade de identidades as quais o movimento feminista deve abarcar em sua luta, o que não pode ser alcançado se este restringe sua articulação a uma unificação do que é “ser mulher”.

A problematização do que é ser mulher é abordada por diversos outros autores e autoras, e muitos localizam respostas para a questão justamente no reconhecimento do contexto de desigualdade em que as dinâmicas de gênero se dão. Para Simone de Beauvoir (1970), a figura do homem coloca-se em posição de neutralidade, ou seja, apenas o feminino é demarcado, de forma que o masculino apresenta-se sob um caráter “universal”. A mulher, portanto, existe por sua diferenciação do homem, afinal “a humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo” (BEAUVOIR, 1970, p. 10). A concepção de Beauvoir é interessante para observar algumas expressões de gênero do convívio social que retratam essa posição masculina como universalidade.

Um exemplo pode ser visualizado na nomenclatura de grandes eventos esportivos, em especial aqueles historicamente marcados pela sub-representação feminina. A Copa do Mundo

de Futebol FIFA¹¹, por exemplo, evento de grande expressividade e reconhecimento a nível mundial, possui edições da competição nas categorias masculina e feminina. A competição masculina, porém, é tida como a principal categoria do evento, sendo referenciada sem a adição do termo “masculina” para diferenciá-la da outra categoria. A competição feminina, por sua vez, carrega o termo demarcador de gênero, e enfrenta uma posição de sub-representatividade que torna sua expressividade muito distante daquela experimentada pelos homens que competem. Vale lembrar que o contexto esportivo do futebol é demarcado por uma histórica sub-representação feminina no contexto brasileiro, mesmo sendo o país um reconhecido polo do esporte. Situações como a vista na Copa do Mundo de Futebol, com uma demarcação de gênero que em muito remete às definições de Beauvoir, podem ser vistas em outros contextos esportivos, que serão apresentados no decorrer do capítulo.

No contexto das relações desiguais entre gêneros em que homens são privilegiados e mulheres são constantemente prejudicadas, o movimento feminista emerge como luta para denunciar as desigualdades, questionar e tensionar lógicas sociais de gênero e lutar por medidas de equidade. Bell hooks (2018, p. 17) traz que “dito de maneira simples, feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão”. A autora reforça que o feminismo é, por vezes, erroneamente definido como um movimento “anti-homem”, e que é resumido como uma simples busca das mulheres para serem iguais aos homens perante a sociedade. Tal definição, muito disseminada pela mídia tradicional, ignora o quão profundo e complexo é o impacto do sexismo na vida das mulheres, além de ignorar a amplitude do movimento, que, no combate à desigualdade, intersecciona-se com outras lutas, para dar voz a uma diversidade de mulheres que enfrentam diferentes formas de opressão.

O feminismo tem sua história marcada por uma multiplicidade objetivos, inquietações, propostas, visões, sendo, portanto, um movimento muitas vezes fragmentando em seus diferentes períodos e localidades, variando conforme as demandas de diferentes grupos de mulheres (PINTO, 2003), mas mantendo o objetivo de mudar a condição feminina na sociedade. O que marca o início do feminismo é sua “primeira onda”, a qual deu-se no século XIX, na Inglaterra, sendo a luta pelo direito ao voto das mulheres um de seus primeiros objetivos. No cenário das mulheres brasileiras, este mesmo objetivo marcou o início da consolidação do feminismo no país (PINTO, 2010). Após um período em que o movimento perde sua força

¹¹ A Copa do Mundo de Futebol FIFA consiste em uma competição futebolística realizada de forma regular em períodos de 4 em 4 anos, reunindo equipes do mundo inteiro. O evento é organizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA).

SILVA, Daniel Neves. Copa do Mundo. **Brasil Escola**, [s.l.], [20??]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/copa-mundo.htm>. Acesso em 12 dez. 2022.

(entre 1930 e 1960), o feminismo tem um período de efervescência na Europa e nos Estados Unidos, cenário este que se desenvolve de forma diferente no Brasil, que enfrentava um momento de forte repressão política durante a ditadura militar. Apesar do contexto, foi na década de 70 que ocorreram as primeiras manifestações feministas brasileiras. Com a redemocratização na década de 80, houve um cenário propício para a verdadeira efervescência do movimento no Brasil: “há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais” (PINTO, 2010, p. 17). Nas duas últimas décadas do século XX, o feminismo brasileiro obteve importantes conquistas na efetivação de políticas para a equidade de gênero, tendo como resultado, por exemplo, a incorporação dos direitos das mulheres na Constituição de 1988. De acordo com Hollanda:

[...] na época da transição democrática, que cobre as décadas de 1980 e 1990, o feminismo nos surpreendeu ao construir fortes articulações com instituições políticas e organizações não governamentais. Esse movimento procurava, sobretudo, o uso de ferramentas institucionais para pressionar a criação e a aprovação de políticas públicas que favorecessem as mulheres. (HOLLANDA, 2018, p. 14-15)

Em relação ao contexto contemporâneo do movimento feminista no Brasil, pode-se partir do diálogo estabelecido por Pilger (2021) com os textos de Hollanda (2018), Bogado (2018) e Costa (2018), para compreender o que é denominado como “feminismo de quarta onda”, uma etapa do movimento marcada pela diversidade de vozes, pelas influências das manifestações de junho de 2013 e pelo uso das mídias digitais.

A diversidade de vozes que marca o feminismo de quarta onda revela a conquista de visibilidade por parte dos feminismos que chamam a atenção para o fato de que, dentro da categoria “mulheres”, existem diferentes grupos que vivenciam a desigualdade de gênero de formas distintas e interseccionadas com outras opressões (HOLLANDA, 2018). São estes os feminismos da diferença, que englobam movimentos como o feminismo negro, o feminismo indígena, o feminismo asiático, o transfeminismo, entre outros que dão luz a opressões interseccionalizadas e voz a mulheres com diferentes vivências. Tais feminismos configuram um importante avanço na luta do movimento, uma vez que, sem que se compreendam tais intersecções, a mobilização feminista pode agir de forma excludente, representando interesses de grupos hegemônicos e ignorando a diversidade de vivências das mulheres. Como abordado por bell hooks (2018), a história do movimento foi marcada por momentos em que a voz de um feminismo branco e de elite contribuiu para a exclusão de mulheres atravessadas por outras opressões, como as mulheres negras/não brancas. Com o trabalho das feministas que chamaram

a atenção para estas intersecções, o feminismo pôde avançar e verdadeiramente abraçar as demandas de uma variedade de vivências, em movimentos que hoje, na quarta onda, alcançaram maior visibilidade (HOLLANDA, 2018).

A quarta onda, no contexto brasileiro, foi fortemente marcada pelos modos de mobilização das manifestações de junho de 2013, compartilhando características como a horizontalidade das relações e priorização da coletividade (BOGADO, 2018). Uma marca em especial dos novos feminismos chama a atenção desta pesquisa: o uso das redes sociais digitais em favor do movimento. Tal uso colaborou para o aumento da amplitude dos novos feminismos, para a organização de marchas e campanhas com *hashtags*¹² por parte das mulheres, sendo redes sociais como o Twitter e o Facebook espaços férteis para tais articulações (COSTA, 2018). O uso do espaço digital como impulsionador dos debates das lutas das mulheres será abordado mais profundamente em capítulo posterior, sendo a compreensão deste cenário essencial para que a pesquisa explore as expressões de gênero na rede social digital Twitter.

O gênero é, portanto, uma concepção que possui forte expressão na organização social, e marca relações de poder desiguais, nas quais a figura masculina é privilegiada. Joan Scott (1995) compreende o gênero a partir de sua existência como construção social e como importante elemento nas relações de poder. A autora traz que:

Estabelecidos como um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. Na medida em que essas referências estabelecem distribuições de poder (um controle ou um acesso diferencial aos recursos materiais e simbólicos), o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do próprio poder. (SCOTT, 1995, p. 88)

É a partir da compreensão de que as dinâmicas de gênero - enquanto elemento social definidor de estruturas de poder - se dão em um contexto desigual, que esta pesquisa se desenvolve, com o enfoque da expressão deste cenário desigual em um contexto específico: na prática feminina do esporte *skateboarding*. A adoção de uma perspectiva feminista, como a abordada neste subcapítulo, visa dialogar com a pretensão do movimento de discutir as dinâmicas de gênero na sociedade, compreendendo de que modo, no contexto específico citado, o debate sobre tais dinâmicas tem operado. Para tanto, uma vez que a pesquisa visa o estudo em torno de uma prática esportiva, é necessário contextualizar o lugar do gênero no universo dos esportes.

¹² As *hashtags* são utilizadas em diferentes plataformas de redes sociais digitais, e se formam com o uso do sinal de sustenido (#) em frente a palavras que demarcam uma “tag” (PRIMO, 2008). Dessa forma, elas cumprem o papel de agrupar tópicos de conversação (RECUERO, 2012).

2.2 O LUGAR DA MULHER NO ESPORTE

O gênero, como demarcação que impacta diferentes instâncias da vida social, encontra no universo esportivo expressões historicamente marcadas pela desigualdade entre homens e mulheres. No contexto brasileiro, tal cenário se fez presente desde o início da expansão da atividade esportiva do país (GOELLNER, 2006) sendo ainda hoje espaço de luta e conquistas das feministas em favor das mulheres praticantes. As piores condições de acesso ao esporte, a falta de estímulo de sua prática, os baixos valores de remuneração e premiação de atletas, a menor quantidade de oportunidades, a pouca visibilidade e mais muitas outras instâncias do cenário esportivo nacional das mulheres - seja no âmbito da atividade física para fins de lazer ou fins competitivos - se deram e ainda se dão de forma desigual em relação aos homens, que não enfrentam as mesmas dificuldades (GOELLNER, 2006).

A análise do universo esportivo e das lógicas de gênero que incidem sobre este tem sua importância na medida que tal universo é também um reflexo da realidade social, ou seja, as dinâmicas que incidem nos diferentes espaços da sociedade também encontram “eco” nos esportes. Como abordado por Adelman (2003, p. 463), considerando seu contexto midiático e de consumo, o esporte “participa da produção de conceitos sociais sobre quais os tipos de corpos masculinos e femininos que nossa cultura valoriza ou despreza”. Voltar o olhar para este espaço é um exercício produtivo de denúncia das desigualdades, além de que as possibilidades de mudanças no cenário impactam não só o esporte em si, mas também os valores patriarcais impostos pela sociedade. Quanto à percepção do esporte como retrato da realidade social, Cafeo e Marques trazem que:

O ambiente esportivo é também um modelo da realidade social, no qual valores culturais e sociais, assim como implicações ideológicas, econômicas e políticas estão presentes, refletindo muitos valores que estão introjetados na sociedade. Diante desse cenário, as mulheres do esporte também vivenciam ainda hoje desafios, já que há um senso comum institucionalizado da representação do papel da mulher na sociedade de subvalorização das conquistas das atletas, assim como da invisibilidade de suas trajetórias. (CAFEO; MARQUES, 2019, p. 1).

Para compreender de que forma se construiu a exclusão das mulheres no esporte, uma revisão histórica do contexto de inserção feminina na atividade física no Brasil se faz necessária, uma vez que as justificativas utilizadas ao longo da história para impedir a inserção feminina em tal ambiente são aquelas que encontram “respingos” em uma sociedade que, apesar dos avanços em termos de alcance das mulheres quanto à sua presença nas diferentes instâncias sociais, ainda é permeada por dinâmicas desiguais.

A prática feminina do esporte no Brasil, apesar de ter seus primeiros movimentos no século XIX, adquire maior expressividade no início do século XX, em um momento em que o país buscava pela modernização (GOELLNER, 2006). No contexto de urbanização das cidades, o esporte emerge como uma das partes integrantes do crescimento e desenvolvimento desejados, sendo uma espécie de estímulo ao estilo de vida que se buscava, de forma que “como uma manifestação urbana em franca expansão, o esporte recheia com entusiasmo as horas de lazer imprimindo nas cidades a imagem do espetáculo” (GOELLNER, 2006, p. 87). Esse contexto marca na sociedade uma busca por progresso que se mistura com impulsos ainda conservadores:

O desenvolvimento industrial, as novas tecnologias, a urbanização das cidades, a mão-de-obra imigrante, o fortalecimento do Estado, as manifestações operárias e os movimentos grevistas formam o tecido das novas demandas sociais, no qual circulam valores conservadores e revolucionários que tanto promovem a legitimação do já instituído, quanto procuram a experimentação de novas possibilidades culturais (GOELLNER, 2006, p. 86).

O estímulo a uma vida esportiva neste período atinge também às mulheres, porém sob condições diferentes das dos homens. Em termos de conquista de direitos e mais espaço na sociedade, as brasileiras encontravam novas possibilidades, uma vez que “os papéis sociais assumidos pelas mulheres passaram por mudanças no decorrer do século XX e, dessa forma, havia indefinições em relação aos espaços que ainda lhes seriam vetados ou permitidos” (GOELLNER; KESSLER, 2018, p. 34).

As mulheres, porém, ainda eram limitadas por concepções que impunham a elas formas de agir para corresponder a padrões de feminilidade, além da expressiva imposição de papéis pela maternidade em suas vidas. O incentivo ao esporte foi, inclusive, estimulado pela ideia de que a atividade física seria positiva ao desenvolvimento corporal das mulheres para que pudessem desenvolver “bons frutos”. Isso significa que o esporte ideal para elas seria aquele que não fosse considerado “intenso demais”, mas que garantisse uma maternidade saudável. Tais concepções eram, ainda, atravessadas por ideais racistas e classistas, que resultaram em um início das mulheres no esporte excludente, reservado à branquitude e às classes altas, “ou seja, as mulheres brancas a quem a tarefa de fortalecer o povo mediante o aprimoramento da ‘espécie’ estava colocada” (GOELLNER; KESSLER, 2018, p. 35).

A presença das mulheres no ambiente esportivo, portanto, representou, naquele momento, complementaridade ao estilo de vida adotado pelos homens das altas classes no contexto de modernização das cidades. O esporte feminino, porém, também passou a tensionar

questões de gênero que estavam postas, desestabilizando o entendimento da “feminilidade” e o terreno do domínio masculino justificado por razões biológicas:

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Pareciam, ainda, desestabilizar o terreno criado e mantido sob domínio masculino cuja justificativa, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas (GOELLNER, 2006, p. 92).

Este tipo de percepção não tardou a resultar em proibições que definiam quais modalidades eram permitidas às mulheres e quais eram vedadas a estas, com o objetivo de evitar a “masculinização” das praticantes (GOELLNER, 2006). Dois movimentos por parte do Conselho Nacional de Desportos, nos anos de 1941 e 1965, resultaram na interdição das mulheres em práticas esportivas como as lutas, o boxe, o salto com vara, o salto triplo, o decatlo, o pentatlo, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, rugby, halterofilismo e beisebol (GOELLNER; KESSLER, 2018). As proibições, porém, não impediram as mulheres de persistirem realizando tais atividades e desenvolvendo-se no universo esportivo (GOELLNER 2006).

Com a compreensão do início da inserção das mulheres brasileiras no mundo esportivo, é possível perceber que a jornada das atletas mulheres foi marcada por muito mais obstáculos do que a jornada dos atletas homens. Hoje, apesar do ambiente esportivo ter tido grandes avanços para a equidade em relação à participação feminina, o atraso histórico imposto às mulheres ainda repercute nos espaços nos quais estas conseguem estar. Nesse sentido, a mídia tem papel crucial no que diz respeito à forma como estas são representadas no universo esportivo. A diferença de visibilidade e forma de representação dos gêneros expõe a falta de equilíbrio no que se refere ao reconhecimento da prática esportiva feminina. Como abordado por Cafeo e Marques:

[..] as mulheres do esporte também vivenciam ainda hoje desafios, já que há um senso comum institucionalizado da representação do papel da mulher na sociedade de subvalorização das conquistas das atletas, assim como da invisibilidade de suas trajetórias. Vários estudos demonstraram que a cobertura esportiva da mídia tende a privilegiar os homens atletas em detrimento das mulheres, e que as atletas costumam ser mais retratadas por sua aparência, roupas e vida pessoal em reportagens sobre esportes. Há ainda uma tendência de sempre valorizar as conquistas dos homens, porém no caso das atletas, quando se trata de apresentar suas vitórias, o discurso normalmente leva a uma sub-representação e/ou ainda trivialização das conquistas das mulheres no cenário esportivo (CAFEO; MARQUES, 2019, p. 1).

Os meios de comunicação, portanto, na medida que reproduzem e reforçam padrões da sociedade, têm enorme responsabilidade na mudança de cenário necessária à prática esportiva

feminina, uma vez que “[...] são determinantes para a construção de representações sociais, pois é necessário considerar a dinâmica social, suas linguagens e as formas de comunicar um pensamento, assim como o seu teor subjetivo e identitário” (CAFEO; MARQUES, 2019, p. 3). Quando a mídia banaliza conquistas das mulheres, deixa-as em segundo plano e aborda sua prática a partir de valores patriarcais que colocam as atletas em posição de fragilidade, é reforçado o argumento de superioridade masculina na prática de atividade física que tem como consequência a falta de incentivo ao esporte na vida das mulheres. Dessa forma, as mesmas lógicas que em décadas passadas proibiam o acesso feminino a certas modalidades são perpetuadas e colocam obstáculos ao desenvolvimento das esportistas brasileiras.

Por outro lado, esta mesma mídia também pode atuar na desestabilização destas representações, e contribuir para a mudança de cenário. Para debater de forma mais profunda a ação da mídia nas representações, vale uma rápida retomada teórica do tema. O terreno das representações no âmbito da comunicação pode ser complexo, uma vez que tal termo assume diferentes significados pelas diferentes áreas que os abordam (CORRÊA; SILVEIRA, 2014). As representações estão ligadas a contextos sociais e históricos, e se dão em uma dinâmica “dupla”, em que, ao mesmo tempo que são produzidas pelo meio social, impactam nas práticas deste (FRANÇA, 2004). Tal caráter nos permite compreender o dinamismo das representações, pois estas “não são entidades/enunciados/projeções estáticas, uma vez que são construídas e reconstruídas nas experiências e interações comunicativas entre pessoas e grupos, seja nas relações face a face ou por meio dos dispositivos midiáticos” (CORRÊA; SILVEIRA, 2014, p. 212).

Na medida em que se compreende que as representações não são estáticas e estão em constante construção e desconstrução e que a mídia é um dos lugares de materialização destas representações (CORRÊA; SILVEIRA, 2014), depreende-se que os meios de comunicação podem contribuir tanto para a manutenção de certas práticas representativas quanto para a sua mudança. Nesse sentido, França (2004, p. 25) traz que “apenas nos aproximaremos melhor da compreensão das representações que circulam na sociedade se nos dermos conta da profunda reflexividade que marca o lugar social da mídia - as representações são construídas e ganham sentido em contextos relacionais específicos”, e, ainda, que “a mídia é a instituição central pela qual a sociedade fala de si mesma” (FRANÇA, 2012, p. 16). No contexto do debate aqui desenvolvido - a respeito das representações de gênero no esporte - é importante destacar que a mídia, em seu movimento reflexivo em relação às práticas sociais, pode também contribuir para a mudança de paradigma. Com as atuais transformações na ordem social, as repercussões dos movimentos feministas e o tensionamento de lógicas patriarcais, a mídia pode refletir essa

mudança nas representações e contribuir para a adoção de novas formas de apresentar o feminino no esporte.

Após esta breve discussão a respeito de mídia e representação, vale destacar que a pesquisa a ser desenvolvida por este trabalho não visa analisar as representações do skate feminino pela mídia, mas, sim, a recepção do público. Tal recepção, porém, é atravessada por influências dos modos de representar dos meios de comunicação, como a transmissão do evento em si. É possível, portanto, que nas publicações feitas pelo público sejam encontradas impressões a respeito destas representações.

Antes de abordar o skate - esporte foco da pesquisa aqui desenvolvida - a situação do futebol feminino no contexto brasileiro é um interessante campo de análise para compreender de forma ainda mais profunda as lógicas de gênero que incidem na prática esportiva no contexto brasileiro. O esporte tem em sua história marcas de uma constante luta das atletas mulheres em busca de espaço e visibilidade, em um país que é internacionalmente reconhecido pela sua tradição futebolística, em que “fala-se muito sobre futebol, mas em sua versão masculina, deixando-se quase que em silêncio a modalidade feminina” (COSTA, 2019, p. 2). Assim como em outros esportes tidos como “de contato”, o futebol feminino em seu início causou temor pela “masculinização” das mulheres:

Embora a participação de mulheres em jogos de futebol seja mais evidente na atualidade, esse panorama tardou a mudar. Ao contrário da prática por homens, em que o futebol era incentivado como espaço de construção e reafirmação da masculinidade, esta modalidade esportiva foi considerada inapropriada para as “senhoritas”, por ser um esporte de contato e, portanto, considerado bruto para a sua frágil natureza. Nesse contexto, desde o início dessa prática no Brasil, emerge um certo temor de que o futebol poderia ferir uma representação normatizada de feminilidade ao “masculinizar” as mulheres, argumento que perdurou por longa data, minimizando possíveis atrevimentos (GOELLNER; KESSLER, 2018, p. 33).

A história do futebol feminino no Brasil é marcada por uma série de lutas por visibilidade e reconhecimento em um enorme contraste à modalidade masculina, que, por sua vez, conta com grande atenção da mídia e investimentos muitos distantes daqueles dados às praticantes, de forma que “o pouco espaço, visibilidade e reconhecimento ao futebol praticado por mulheres têm promovido não apenas a marginalização das atletas nesse campo específico, como também a anulação simbólica de suas realizações” (GOELLNER, KESSLER, 2018, p. 37). Mesmo às atletas que conquistam um grau de visibilidade maior, o reconhecimento dirigido a elas fica, muitas vezes, ancorado em comparações com os atletas homens.

Um exemplo desse cenário está na figura de Marta, jogadora de futebol brasileira detentora de títulos de grande prestígio, mas que é constantemente referenciada como “Pelé de

saias”, de forma a “fomentar a tendência de fazer a performance masculina o paradigma de excelência” (COSTA, 2019, p. 4). O contexto do futebol feminino no Brasil ilustra as dificuldades que a sociedade patriarcal impõe às mulheres. Apesar do esporte em si ter grande visibilidade no país, o prestígio recebido pelos praticantes homens está muito além do recebido pelas mulheres, mesmo quando as atletas atingem conquistas de grande expressividade. Tal padrão repete-se em muitos âmbitos do ambiente esportivo, e tem sido constantemente questionado por mulheres que se apropriam deste ambiente para mudar os padrões impostos.

O esporte, como espaço marcado e marcador de expressões de gênero, teve e tem papel no reforço de estruturas de poder que colocam a identidade feminina como subjugada à masculina, a partir de noções como a da mulher frágil e que tem a maternidade como seu papel principal. O potencial do esporte como lugar de expressões de gênero, porém, também foi e é usado pelas mulheres como espaço de tensionamento dessas noções, questionando-as e lutando por novas representações da mulher na sociedade a partir do esporte. Ao conquistar novos espaços no universo esportivo e, a partir deste, criar novas significações do feminino, as mulheres impactam os paradigmas sociais para além deste universo, em um movimento que, junto a outros avanços e mobilizações femininas, questiona os papéis impostos às mulheres. A presença delas no esporte, portanto, expande-se para além deste, e compõem parte das conquistas das mulheres que impactam a ordem social em favor da busca de equidade para elas. Como observado anteriormente, a mídia aqui tem papel essencial, uma vez que o reconhecimento das conquistas das atletas através dos meios de comunicação contribui para a valorização delas, e contribui para a mudança nas relações de gênero no meio esportivo (CAFEO; MARQUES, 2019).

Compreender o contexto de desenvolvimento da prática esportiva feminina e as dinâmicas de gênero que nela incidem, nos revela um retrato de um dos muitos espaços nos quais as brasileiras ainda lutam contra as lógicas impostas pela sociedade patriarcal. Tal compreensão nos revela, também, que o esporte é um espaço fértil para conquistas femininas que mudam paradigmas sociais em favor das mulheres, sendo, portanto, um espaço não só de lutas, mas, também, de conquistas. A pesquisa desenvolvida neste trabalho busca, no âmbito do *skateboarding* - esporte de impacto também permeado pela desigualdade sofrida pelas atletas - identificar de que forma tais dinâmicas têm sido observadas pelo público brasileiro. Para tanto, é necessário que voltemos a atenção para a forma como se dão estas práticas especificamente no universo do *skateboarding* feminino.

2.3 SKATE: ESPORTE DE RESISTÊNCIA

Para compreender as dinâmicas de gênero que incidem sobre a prática do *skateboarding*, faz-se essencial o entendimento da história do esporte, seu desenvolvimento, sua cultura e significados. O *skateboarding* configura como um esporte radical, tendo sua origem ligada ao surfe. O esporte é carregado por um conjunto de significados que envolve sua prática, de forma que esta se expande para além da execução de manobras e habilidades físicas, sendo marcado por um caráter identitário que envolve a comunidade skatista. Impulsionado pela contracultura e com forte influência do movimento punk, a comunidade skatista, desde o início de sua expansão, é reconhecida pela adoção de uma postura contra-hegemônica, sendo, por vezes, marginalizada e alvo de repressões conservadoras, que enxergam no esporte desvios às normas sociais das cidades (BRANDÃO, 2008; FOGLIATTO, 2021). O caráter contra-hegemônico do skate, porém, não o torna um esporte livre de desigualdades advindas de uma sociedade patriarcal, de forma que, assim como em outros esportes, a desigualdade de gênero fez e segue sendo parte de sua história. Para a compreensão da forma que estas dinâmicas se dão dentro da cultura do universo do skate, é necessária uma revisão histórica de seu surgimento como esporte, em especial, no Brasil.

Tendo como principal ponto de origem o surfe, o skate compartilha muitas características com o esporte, na medida em que ambos possuem uma intensa carga identitária por parte das comunidades que os praticam. Quanto à origem do surfe, Fogliatto (2021, p. 23) traz que “pouco se sabe a respeito do seu real surgimento, já que, em sua gênese, o surfe estava mais ligado ao simbolismo de um aspecto ritual de algumas sociedades que habitavam determinadas faixas litorâneas ao redor do mundo”. A prática, que surgiu a partir de pedaços planos de madeira usados para equilibrar-se sobre as águas, foi, desde seu princípio, marcada por uma série de simbolismos e significados para além da atividade em si (FOGLIATTO; MARQUES, 2020).

O esporte tem sua ligação com o surgimento do skate na medida que é apontado como um dos motivadores para sua criação: o objeto do *skateboarding* - a tábua de madeira que se soma a rodas e desliza pelo solo - teria surgido por uma necessidade de surfistas da Califórnia na década de 60, em um contexto de condições climáticas que dificultaram a prática do surfe no mar (FOGLIATTO, 2021; MACHADO, 2013). Assim, o skate surge como uma espécie de “simulador” dos movimentos das pranchas, tendo as cidades como palco. Este episódio, porém, não é o único que remonta às origens do esporte, e, como aponta Brandão a partir de outros autores:

Segundo Michael Brooke, os primórdios do skate estão associados às scooters, caixas de laranja fixadas a uma madeira com rodas e que serviam como meio de locomoção entre os jovens estadunidenses no início do século passado. Um outro pesquisador norte-americano, Rhyn Noll, afirma em seu livro “Skateboard retrospective” que o primeiro skate foi patenteado em 1939, contando com um shape (prancha de madeira), quatro rodas e dois eixos. A descoberta de Rhyn Noll fornece um tempo de existência ao skate que já passa de meio século, o que não significa, bem entendido, que ele era uma prática constante entre os jovens do período, pois existe um hiato significativo entre este período do skate e seu desenvolvimento esportivo, que passa a acontecer com maior intensidade durante a década de 70 do século passado (BRANDÃO, 2006, p. 30).

A maior popularização e expansão da prática dá-se, portanto, na década de 1970, tendo como ponto de partida os Estados Unidos, mais precisamente o Estado da Califórnia (BRANDÃO, 2006). Para compreender a cultura desenvolvida pela comunidade de skatistas destes primeiros passos do esporte, é necessário contextualizar o período no qual ele se popularizou. Os anos 60 e 70 foram marcados por diversas mudanças no seio da convivência social, com um grande papel da juventude para movimentos de contracultura e adoção de estilos de vida que prezavam pela liberdade, com uma forte contestação e questionamento da ordem social imposta, num período que “cresce sob o signo da transformação, anuncia novos modos de compreensão do mundo e coloca em cena um novo ator social, o jovem” (BRANDÃO, 2006, p. 71). Fruto de seu tempo, o skate é atravessado pelo espírito jovem da década, e a comunidade incorpora em sua prática um conjunto de significações que conversam com o espírito contestador da contracultura.

O contexto refletia-se no Brasil, que, por seu contexto político, revelava uma dualidade: o país era impactado pelas movimentações mundiais que revolucionavam a política, a cultura e o status social, ao mesmo tempo que sofria com a repressão de uma rigorosa Ditadura Militar, que impunha uma regulação social conservadora e autoritária, nos “Anos de Chumbo” (HOBSBAWM, 1995 apud FOGLIATTO; MARQUES, 2020). Quanto à figura do jovem nesse período, Fogliatto e Marques (2020, p. 41) colocam que “a juventude brasileira tentava, a custo da repressão e do cerceamento de liberdades, instituir uma nova mentalidade nos mais diversos setores sociais, ainda que relativamente sem sucesso”. É neste contexto que o skate, atividade marcada por uma mentalidade jovem e contestatória, populariza-se no país.

Foi durante a década de 1970, em plena ditadura militar, que os esportes praticados à maneira californiana começaram a seduzir, muito mais do que nas décadas anteriores, uma quantidade significativa de jovens no Brasil. Vistos como um misto de lazer e aventura numa época marcada por um maior controle social e comportamental, tais atividades ofereciam aos seus praticantes uma alternativa para manifestar excitações em público - ainda que de maneira moderada - e um certo antídoto para as tensões resultantes do esforço contínuo de autocontrole e restrições sociais (BRANDÃO, 2012, p. 17).

De acordo com Brandão (2012) e Honorato (2004), não há uma precisão quanto ao ano de início do skate no Brasil, tendo sido na década de 60 sua introdução no país. A mídia impressa teve importante papel nesta introdução, uma vez que foi a partir de uma revista norte-americana de surfe - chamada Surfer - que surfistas do Rio Janeiro entraram em contato com o skate (FILHO, 2000 apud BRANDÃO, 2008). O solo carioca foi o grande palco do início da expansão do skate pelo país, que conquistou praticantes também em outros estados. O Rio de Janeiro, porém, destacou-se como ponto de desenvolvimento da cultura skatista no Brasil nas décadas de 60 e 70, enquanto, na década de 80, São Paulo tornou-se o local de referência de disseminação e desenvolvimento do skate (BRANDÃO, 2006).

Assim como o surfe, esporte que lhe foi uma espécie de predecessor, o skate é marcado em sua história pelo desenvolvimento de uma cultura comum por seus participantes (BRANDÃO, 2006; FOGLIATTO, 2021). Produto de seu contexto de inserção no país, o skate incorporou em sua identidade um caráter contestatório, de busca por mudanças, o qual se fez presente nos modos de agir e se portar de seus praticantes, tendo, portanto, características de uma mentalidade oposta à do conservadorismo da Ditadura Militar que se fazia vigente no Brasil (FOGLIATTO, 2021).

Aspecto relevante para a construção dessa identidade que se opunha às normas vigentes foi a influência do movimento punk - elemento também importado dos Estados Unidos. Para além de sua influência nas formas de vestir e nas músicas que embalavam a prática do skate, a cultura punk colaborou para a construção de uma “filosofia” dos skatistas, que exploravam as cidades com seus skates e as resignificavam, com uma mentalidade que opunha-se à ordem instituída com rebeldia e irreverência, em um movimento que reinventava os espaços a partir dos valores cultivados pelos praticantes, em um uso tido como “subversivo” do espaço público (HONORATO, 2013; BRANDÃO, 2008; FOGLIATTO, 2021). Esta mentalidade embalada pelo punk era refletida nos modos de se andar de skate: praticar manobras em espaços urbanos não planejados para a atividade era uma forma de transgressão e de negação das normas da cidade (BRANDÃO, 2008). Como Brandão evidencia a partir de registros feitos em revistas brasileiras voltadas para o esporte: “a cultura punk não começou no Brasil mas acabou sendo incorporada por diversos jovens que encontraram nela uma forma alternativa de se posicionar frente à vida” (BRANDÃO, 2008, p. 16). O caráter transgressor da comunidade skatista, porém, encontrou respostas negativas de camadas conservadoras da sociedade, que viam na prática uma deturpação do espaço público. Tal desaprovação levou a uma marginalização do skate, que ainda é perpetuada, e torna necessária uma luta constante pelo respeito à prática.

Se de um lado é possível enxergar práticas de apropriação dos espaços urbanos pelas manobras do skate, detectar influências da cultura punk e desejos por transgressão, de outro lado existe a cidade enquanto um organismo funcional, que detecta, seleciona e analisa seus componentes urbanos. Os skatistas, sujeitos indesejáveis quando o assunto é manter a ordem e a disciplina, foram muitas vezes classificados como arruaceiros, agitadores ou baderneiros. A prática desses sujeitos, ao criarem seus territórios, que inventam e reinventam o espaço urbano a partir da elaboração ou reelaboração dos valores adquiridos em suas experiências, constitui-se em algo contrário ao pensamento ordenador da vida urbana (BRANDÃO, 2008, p. 21).

A identidade compartilhada pelos skatistas no início de sua expansão no país mantém-se como importante parte do espírito de sua prática, com a constante proposição de fazer do esporte uma forma de reimaginar a cidade e seus usos, contestando formas de controle que buscam reprimir e marginalizar seus praticantes. Dessa forma, o skate contribui para tensionar lógicas sociais, que determinam leis de uso do espaço público que definem quem pode usá-lo, como deve usá-lo e o que deve ser repreendido. Mais do que uma prática esportiva que envolve seus participantes em manobras arriscadas e usos criativos das “pranchas do asfalto”, o skate se demonstra um esporte de resistência.

A mídia foi um importante agente para a esportivização do skate no solo brasileiro, contribuindo para a importação da prática, sua popularização e desenvolvimento de sua cultura, tendo papel, também, na mercantilização do esporte. A mídia impressa, em especial, destacou-se nesse processo, com revistas que foram propagadoras da prática e do estilo de vida a ser levado pelos skatistas, em periódicos como o “Jornal do Skate”, a “Revista Brasil Skate”, a “Revista Esquete” e a “Overall” (HONORATO, 2013). Pensar o papel da mídia para a popularização do esporte levanta importantes questões a respeito quais eram as representações presentes nas peças de comunicação. Ao propagar os modos de se viver o skate, tais peças apontam não apenas o “como” viver a prática, mas, também, para “quem” ela se dirigia. No contexto desta pesquisa, que volta seu olhar para as dinâmicas de gênero, a seguinte questão é levantada: que espaço foi reservado às mulheres nas primeiras representações midiáticas do skate? Em que momento elas marcaram presença nos anúncios, capas de revista e reportagens sobre o esporte? Que espaço midiático é reservado hoje às skatistas? Estas e outras questões serão abordadas no tópico seguinte deste trabalho.

2.3.1 Skate e sub-representação feminina

O skate revisita as cidades, cria novos significados. Posiciona-se culturalmente, cria identidades, questiona limites e luta contra a marginalização de sua prática. Seu caráter questionador dos valores hegemônicos, porém, não o torna um esporte livre de desigualdades e

da reprodução de opressões engendradas no meio social. Como foi abordado anteriormente neste capítulo, o universo esportivo como um todo apresenta reflexos de uma sociedade patriarcal, que institui papéis de gênero que colocam a mulher em segundo plano. O skate, desta forma, também é permeado por lógicas de desigualdade de gênero. Este subcapítulo, portanto, visa abordar a presença de tais lógicas nas particularidades do universo skatista, que opera sobre uma cultura própria. Onde está a representação feminina na cultura do skate?

O cenário atual do skate feminino, o qual vem ganhando atenção e conquistando espaço na mídia e no meio esportivo, é fruto de uma constante luta das skatistas por reconhecimento em um universo de predominância masculina, a qual não apenas figura como uma maioria, mas também coloca obstáculos às mulheres para seu crescimento no esporte. O skate, portanto, apesar de possuir uma cultura que “questiona as regras do jogo”, reflete padrões sociais de gênero que atribuem às skatistas mulheres posições carregadas de estereótipos negativos que contribuem para a sua inviabilização (FOGLIATTO; MARQUES, 2019). As mulheres, portanto, tomam esse espaço de disputas para reivindicar seu lugar dentro da prática, sendo este um lugar reconhecido e visível pelos demais. Como observado por Figueira e Goellner (2013, p. 245):

As mulheres são as outras, estão à margem e, por assim ser, disputam posições e poderes, pois, como qualquer produto da cultura, o skate é um território pleno de embates, inclusive de gênero. Um espaço que demanda disputas por significação, visibilidade e, até mesmo, existência.

Os embates de gênero presentes no skate estão ligados a lógicas que repercutem no universo esportivo. Tais lógicas buscam atribuir às mulheres atividades que, de alguma forma, estejam de acordo com padrões de feminilidade. A utilização de justificativas baseadas em papéis que seriam atribuídos por fatores “biológicos” resultou até mesmo em proibições da prática feminina de esportes considerados intensos demais às mulheres, como visto no subcapítulo anterior. O determinismo biológico, portanto, causou e causa impactos no acesso das mulheres a diferentes atividades físicas (CAFEO; MARQUES, 2019), e o skate, tido como esporte radical, torna-se campo de disputas, de forma que “concomitante a outros esportes, é visto pelo senso comum como sendo perigoso, por envolver riscos físicos (como constantes lesões) e também, por exigir demasiado esforço e resistência, características que comumente não são associadas às mulheres” (MACHADO, 2013, p. 3). Tais paradigmas, que apoiam-se em supostas diferenças de ordem biológica, são, na verdade, discursos de viés político e cultural, que objetivam a manutenção de um funcionamento patriarcal da ordem social (FIGUEIRA; GOELLNER, 2012). É, portanto, lutando contra tais concepções que as mulheres

ocupam seu espaço no universo skatista. Por outro lado, a vivência masculina no skate ocupa uma posição de “naturalidade”, de forma que sua presença não necessita ser “nomeada”, uma vez que já lhes é reservado um lugar de protagonismo no esporte (FIGUEIRA; GOELLNER, 2013). Tal dinâmica de gênero pode ser analisada através dos conceitos de Simone de Beauvoir (1970) na compreensão das posições ocupadas por homens e mulheres na sociedade:

O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens" para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo vir o sentido geral da palavra homo. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade (BEAUVOIR, 1970, p. 9).

É nesse embate de gênero que as mulheres skatistas lutam para se fazerem ver e respeitar. Ao questionarem as lógicas postas e o lugar “secundário” que lhes é dado, as skatistas tensionam o “protagonismo” masculino posto como “natural” no universo do esporte, e mostram que, sobre as rodas, elas também são construtoras e integrantes ativas da cultura do *skateboarding*.

Cabe, ainda, traçar aqui alguns apontamentos acerca de outras formas de opressão que se interseccionam com as opressões de gênero e podem se fazer presentes na vivência das mulheres skatistas. Como abordado anteriormente, o skate em si é atravessado por opressões que o colocam à margem, opondo-se à prática do esporte de ocupar as cidades. Considerando que as mulheres skatistas somam as opressões de gênero com àquelas já sofridas pelo esporte como um todo, é necessário pensar, também, a respeito de questões de raça e classe. Como as mulheres skatistas negras e não brancas ocupam as cidades, e participam da ressignificação dos espaços a partir do esporte? E as mulheres de classes sociais menos abastadas, é aberta a elas essa possibilidade? Buscando a literatura sobre raça, gênero e cidades, podemos nos apoiar nas reflexões de Tainá de Paula (2021, p. 157), que traz que:

Pensar as problemáticas sociais e urbanas a partir da interseccionalidade, conceito que vem sendo proposto por feministas negras, é essencial para aprofundar a discussão através da análise do cruzamento das múltiplas formas de opressão (gênero, raça, classe e sexualidade) que resultam na construção de uma subcidadania.

Pensar as intersecções de gênero, classe e raça no *skateboarding* a partir de um dos principais “palcos” do esporte - as cidades - abre espaço a questionamentos sobre as vivências de mulheres que, atravessadas por essas opressões, se fazem presentes no skate. É essencial que se compreenda que as dinâmicas de tais intersecções conferem a diferentes mulheres diferentes vivências da opressão, de forma que se faz necessário amplificar a voz destas experiências, para que a luta feminina por mais espaço no skate não seja excludente.

Ao observar a história do skate e buscar os dados a respeito da participação feminina na construção do esporte, já é possível entrar em contato com um enorme fator de exclusão das mulheres: a falta de visibilidade e representação na mídia. A história das mulheres no skate conta com lacunas causadas pela falta de produtos midiáticos que representassem a presença delas nas pistas de skate. A falta de registros, porém, não significa a ausência delas (FIGUEIRA; GOELLNER, 2012), de forma que esta carência diz mais respeito a uma postura da mídia, da comunidade skatista e da sociedade em si de pouco dar voz e voltar os olhares à prática feminina de um esporte radical (e, portanto, considerado por muitos incompatível com a feminilidade) do que à participação delas na construção do skate.

A história do skate conta com grandes nomes femininos desde seu início. A primeira skatista profissional de que se tem registro foi Patti McGee, jovem estadunidense que, no ano de 1965, foi vencedora do Campeonato Nacional nos Estados Unidos. Vale destacar, também, Ellen O'Neal, skatista estadunidense que, nos anos 70, conquistou espaço na mídia com suas manobras, sendo até mesmo patrocinada por grandes marcas (FOGLIATTO; MARQUES, 2019; NUSBAWN, 2020). No Brasil, por sua vez, nas décadas de 80 e 90 as brasileiras já marcavam presença nas pistas de skate, com, inclusive, nomes de reconhecimento internacional, como Leni Cobra e Mônica Polichuck. Isso não significa, porém, que a elas foi dado o devido incentivo, reconhecimento e espaço midiático. Apesar de ter nomes já presentes no skate, as mulheres brasileiras só tiveram sua primeira grande competição em 1995, a “Check It Out Girls” (FOGLIATTO; MARQUES, 2019).

A falta de representação na mídia durante a consolidação da modalidade é um ponto-chave para compreender a situação do skate feminino no Brasil. A conquista de espaço na mídia pelo skate e crescimento dos materiais comunicacionais que marcaram sua solidificação no país reservou pouco ou nenhum lugar às mulheres skatistas. Diante de um cenário de falta de incentivos e de materiais que as representassem, porém, elas não se mantiveram passivas. Conforme as autoras Figueira e Goellner (2013, p. 246) registram em sua pesquisa a respeito da trajetória das skatistas brasileiras:

[...] em sua grande maioria, as informações sobre o skate feminino eram produzidas pelas próprias skatistas. Ao analisarmos várias dessas fontes, identificamos que algumas estratégias adotadas pelas mulheres foram determinantes para a sua visibilidade na modalidade e, inclusive, para a estruturação do skate feminino no Brasil, pois essa atuação acabou por promover a realização de campeonatos, a existência de premiações, a busca dos patrocínios, a adesão de novas participantes, a visibilidade na mídia, enfim, uma série de situações que possibilitou a sua emergência.

As mulheres, portanto, tornaram-se produtoras das próprias informações, construindo um universo comunicacional que pôde solidificar sua existência no esporte, criar espaços de

incentivo a outras mulheres e consolidar comunidades de skatistas movidas pelo objetivo de viver o skate e lutar por reconhecimento. Com essas movimentações, as skatistas não apenas puderam fortalecer seu lugar no skate, mas criaram novas significações, tensionando uma cultura que as colocava à margem, de forma que “o avanço das mulheres neste meio constrói novas performances, novos discursos, que em muitos dos casos são também políticos” (MACHADO, 2013, p. 10). Vale, ainda, destacar os formatos e meios utilizados pelas mulheres em sua busca por se fazer ver a partir de sua própria narrativa.

Entre os diferentes espaços comunicacionais conquistados pelas mulheres para dar voz à sua atividade, um meio em especial chama a atenção desta pesquisa: o uso do espaço online pelas skatistas. Em busca de fortalecer a comunidade e de se fazer ver em um esporte com escassa representação da categoria, as skatistas passaram a utilizar diferentes plataformas digitais para compartilhar suas vivências, conectar praticantes e movimentar o skate feminino a partir de ações que expandiram-se para além do online, resultando em eventos concretos para elas. Nesse caminho de uso das plataformas digitais, pode-se destacar a criação, na primeira década dos anos 2000, de espaços como o site “Skate para Meninas”, o site “Garotas no Comando”, o blog “Unidas pelo Carrinho” e a comunidade na rede social Orkut “Skate para Meninas” (FIGUEIRA; GOELLNER, 2012).

Figura 1 - Postagem no site “Garotas no Comando”



Fonte: Site “Garotas no Comando”, acesso via ferramenta “WayBack Machine”¹³

¹³ GAROTAS NO MUNDO. Vídeo de skate feminino vem aí. **Garotas no comando**, [s.l.], [20??]. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20081120184636/http://www.garotasnocomando.com.br/garotasold/videofem.htm>. Acesso em: 10 maio 2023.

Figura 2 - Página Inicial do site “Skate Para Meninas”



Fonte: Site “Skate Para Meninas”¹⁴

O uso destes ambientes online pelas mulheres facilitou a comunicação entre as praticantes e promoveu a divulgação de suas vivências no esporte. O impacto do surgimento desses espaços de troca via web teve como resultado, também, a realização de encontros e interações presenciais, que puderam se desdobrar em grandes movimentos de divulgação da presença feminina no skate. A utilização do ciberespaço como “local de encontro” das skatistas revela um estratégico uso do universo online como forma de união de interesses e de uma força conjunta em prol de um objetivo em comum: fortalecer o skate feminino. Nesse sentido, Luís Mauro Sá Martino destaca que:

Se, na internet, a voz do indivíduo pode cair em um oceano de outras vozes, a chance de ser ouvido é maior quando diversas pessoas se reúnem em torno de um interesse comum. No lugar de ser mais uma voz perdida no espaço virtual, torna-se pólo de convergência de várias vozes (MARTINO, 2014, p. 143).

Aqui, podemos perceber o quão importante foi o uso das plataformas digitais na amplificação das vozes das mulheres no skate no Brasil. Os blogs, sites e comunidades criados pelas skatistas não apenas somaram “vozes perdidas no espaço virtual”, mas, também, uniram e amplificaram vozes perdidas nas pistas de skate do país e a quem pouco se dava visibilidade. A ação conjunta destas mulheres que tornaram-se elas mesmas produtoras e disseminadoras de informações do skate feminino foi um ato decisivo para que a mídia tradicional, a comunidade skatista e a sociedade conhecessem a força feminina que fazia parte da consolidação do esporte

¹⁴ SKATE PARA MENINAS. Skate para Meninas. **Skate para meninas**, [s.l.]. [20??]. Disponível em: <https://skateparameninas.wordpress.com>. Acesso em: 10 maio 2023.

no Brasil. Assim, somando estas estratégias virtuais à ocupação de outros espaços comunicacionais - como zines e revistas - as mulheres se fizeram ver e ouvir:

Os sites coordenados pelas skatistas, os blogs, as comunidades virtuais, as revistas e zines, fizeram circular essas informações a partir das ferramentas que tinham a seu dispor. Estratégia essa que criou condições de possibilidade para que as mídias tradicionais também noticiassem essas conquistas, mesmo que não no ato de seu acontecimento (FIGUEIRA, GOELLNER, 2012, p. 161).

A atuação das skatistas como suas próprias agentes de comunicação teve efeitos concretos para que elas ocupassem não apenas os espaços criados por elas, mas também para que alcançassem lugares de representação do skate que os homens já estavam acostumados a ocupar. Isso não significa dizer que um patamar de igualdade ou equidade foi alcançado, uma vez que esta ainda é uma luta constante das mulheres do skate. Tais conquistas, porém, tiveram enorme impacto para a consolidação da atividade das skatistas e para uma expansão crescente da participação das mulheres no esporte.

O cenário que se vê hoje é de mudanças, assentadas nas conquistas passadas das skatistas que lutaram para esta transformação de realidade, que já se faz aparecer nos dados do panorama do skate brasileiro. Confirme resgatado por Fogliatto e Marques (2019), Karen Jones, skatista e uma das pioneiras da modalidade “vertical”, em entrevista realizada em 2019 para o Globo Esporte¹⁵ expressou uma significativa frase sobre a mudança no panorama: “Eu sempre fui o peixe fora d’água e agora tem um aquário inteiro”. Conforme observado nos dados apresentados anteriormente, o skate feminino registra uma crescente no número de participantes nos últimos anos. Este relevante aumento é, portanto, um reflexo de uma série de mudanças no meio social, com constantes mobilizações das mulheres na conquista de espaços que antes lhes eram negados, e, nisto, entram as conquistas das skatistas, que, buscando por visibilidade e oportunidades, abriram espaço para o aumento da presença feminina no skate.

É importante pontuar que o cenário de mudanças que se vê no skate é fruto da luta das skatistas e, também, das conquistas das mulheres na sociedade como um todo, com a constante movimentação das pautas feministas que, em diferentes setores do meio social, têm questionado os papéis reservados às mulheres. O tensionar dos papéis de gênero causado pelos movimentos feministas possibilita a abertura de novos espaços para as mulheres, entre eles, aqueles que dizem respeito ao universo esportivo. Nesse sentido, a luta das skatistas está relacionada ao contexto da quarta onda feminista, e acompanha esse movimento de conquistas femininas no

¹⁵ FRICKE, Gabriel *et al.* Mãe, música e skatista! Pioneira, Karen Jonz agora quer ser olímpica: “Estou super a fim”. **GE**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/programas/verao-espetacular/noticia/mae-musica-e-skatista-pioneira-karen-jonz-agora-quer-ser-olimpica-estou-super-a-fim.ghtml>. Acesso em: 16 abr. 2023.

meio social. Ainda, o uso das plataformas digitais pelas skatistas como forma de expressão de sua atividade em busca de maior alcance conversa com a tendência da onda atual de explorar tais meios em favor de sua luta (COSTA, 2018).

Em um cenário mais atual, para além do que havia disponível na primeira década dos anos 2000 em termos de plataformas digitais, as feministas contam com cada vez mais possibilidades de expressão em diferentes mídias sociais digitais. No contexto desta pesquisa, que visa explorar publicações na rede social do Twitter, interessa compreender as formas de atuar das lutas das mulheres via plataformas digitais, uma vez que expressões dessa luta podem estar presentes nas publicações acerca do objeto de interesse.

A ascensão das skatistas nos últimos anos conta com o surgimento de nomes expoentes de praticantes e atletas que conquistaram destaque no esporte e são porta-vozes da busca constante pela mudança do cenário. Essas figuras, assim, cumprem um importante papel de representatividade para servir de inspiração a outras mulheres que, cada vez mais, encontram possibilidades de se ver vivendo o *skateboarding*.

Evento recente que causou significativo impacto na visibilidade das skatistas mulheres brasileiras foi a adição do *skateboarding* aos esportes integrantes das Olimpíadas na edição de 2020 - realizada em 2021 em decorrência da pandemia de COVID-19 (STEFANELLI, Francisco *et al.*, 2023). Sediada no Japão, a Olimpíada trouxe grande visibilidade ao esporte, uma vez que se trata de um evento de proporções globais, sendo transmitido pelo mundo inteiro e desdobrado em diferentes meios de comunicação.

Com os formatos *park* e *street*, divididos entre feminino e masculino, a modalidade contou com a participação da Seleção Brasileira, que competiu em todas as categorias e conquistou 3 medalhas de prata, sendo uma delas conquistada por Rayssa Leal, competidora do skate street feminino (GLOBO ESPORTE, 2020; UOL, 2021). Rayssa competiu lado a lado com suas parceiras de equipe Pâmela Rosa e Leticia Buffoni, atletas também de grande expressividade no esporte, com reconhecimento internacional e altas posições nos rankings do skate. Segundo a World Skate¹⁶ - entidade que regula esportes sobre patins e skate - no ranking do skate street feminino de 2020, Pâmela Rosa figurou em primeiro lugar, Rayssa Leal em segundo e Leticia Buffoni ocupou a quarta colocação. Tais classificações apontam para o lugar de destaque ocupado pelas skatistas brasileiras no skate mundial, sendo o país, portanto, uma potência feminina no esporte.

¹⁶ WORLD SKATE. Olympic World Skateboarding Rankings. **Ranking Tokyo 2020**, Lausanne, [202?]. Disponível em: <https://www.worldskate.org/skateboarding/ranking-tokyo-2020.html>. Acesso em: 17 abr. 2023.

No contexto das Olimpíadas, a conquista da medalha de prata pela atleta Rayssa Leal figurou como um dos momentos de maior repercussão do evento como um todo, a nível nacional e mundial. Em redes sociais como Instagram, a jovem teve um salto de seguidores: iniciando a competição com cerca de 600 mil seguidores, Rayssa atingiu os 2,3 milhões em menos de 48 horas, segundo Costa, Rodrigues e Dillon, em reportagem ao Globo Esporte (2021)¹⁷. A grande atenção da mídia em torno do episódio chamou atenção para o debate a respeito do lugar do skate feminino e o evidente impacto de Rayssa para as atuais e futuras gerações de meninas e mulheres skatistas.

Vale citar que a representatividade identitária de Rayssa não está apenas na questão de gênero. A mídia também chama atenção para o caráter representativo de Rayssa como atleta nordestina e negra¹⁸. Nesse sentido, fez parte do debate público a reivindicação da negritude de Rayssa pela audiência, uma vez que, logo após sua conquista, circularam ilustrações que ignoravam os traços negros da jovem, embranquecendo sua figura (PEREIRA, 2023). Diante do episódio, debateu-se sobre a importância do papel de representação da atleta para a discussão racial, e sua potência em termos de representatividade para meninas negras. Por sua vez, a origem de Rayssa, nascida no Maranhão, foi abordada como uma positiva representação da “força nordestina” (PEREIRA, 2023). Se faz necessário compreender, portanto, que a potência de Rayssa Leal para o debate de gênero inclui, também, a perspectiva do ser mulher não branca e nordestina em cima de um skate, o que chama atenção para o debate de vivências femininas que interseccionam-se com outras formas de opressão e que encontram na vitória da jovem uma expressão de sua luta.

Observar as repercussões de eventos como a conquista de Rayssa Leal nas Olimpíadas de Tóquio aponta para mudanças nas formas de ver, representar e comunicar o skate feminino. A presença crescente de mulheres nessa prática, que ainda é manchada pela exclusão feminina, tem um enorme poder de impacto, e é carregada de muitos significados. As mulheres, ao mostrarem que podem fazer parte de um esporte radical, arrisquem-se nas manobras, ressignifiquem as cidades com seus skates, encontram no esporte sobre rodas mais uma forma de tensionar o machismo e a organização social que as subjuga. Nesse movimento, elas se apropriam do skate para pôr em prática algo que é próprio de sua cultura: usar o esporte para

¹⁷ COSTA, Guilherme; RODRIGUES, João Gabriel; DILLON, Lorena. Rayssa Leal ultrapassa marca de dois milhões de seguidores: "O que é isso, minha gente?". **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, 26 jul. 2021 Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/rayssa-leal-ultrapassa-marca-de-dois-milhoes-de-seguidores-o-que-e-isso-minha-gente.ghtml>. Acesso em: 11 maio 2023.

¹⁸ Durante a realização desta pesquisa, não foram encontrados registros de uma autodeclaração racial de Rayssa. No entanto, a partir das discussões que foram suscitadas em torno da atleta, entende-se que Rayssa pode ser lida como uma mulher negra.

questionar o hegemônico. Se o esporte reflete estruturas da ordem social vigente, este também causa impactos nela, e é isto que as skatistas fazem ao lutar por seu espaço. Ainda, assim como a ausência de mulheres nas representações da mídia implicou na falta de incentivos à presença delas no esporte, a conquista de espaços midiáticos e a crescente visibilidade dada a elas tem o poder de transformar o panorama do skate feminino.

A participação de Rayssa Leal, sua conquista, a repercussão do evento e a recepção do público brasileiro podem ser uma pequena - mas reveladora - amostra dos impactos que a visibilidade do skate feminino tem causado à ordem social, bem como dos impactos em meninas que começam a enxergar no skate uma possibilidade de lazer e até mesmo de profissionalização, um lugar para se divertir ou competir e serem vistas e respeitadas quando em cima de um skate. Para tanto, esta pesquisa se propõe a analisar tal recepção a partir de uma rede social digital e, para visualizar de forma mais profunda a forma como se deu esta recepção, é necessário compreender como as interações em meios digitais se dão nesse contexto.

3 MÍDIAS DIGITAIS E DEBATES SOCIAIS

As mídias digitais representam um espaço comunicacional de amplas possibilidades, as quais revolucionaram as formas de consumir e produzir conteúdos midiáticos, inserindo novas ferramentas e processos nos fluxos de comunicação. Os espaços digitais, permitem, portanto, mudanças nas dinâmicas de produção, distribuição e recepção de informações. Este capítulo se volta para a abordagem de fenômenos que surgem da comunicação e consumo via mídias digitais, como a convergência midiática, a segunda tela e novas possibilidades dos processos de recepção. Ainda, são abordadas potencialidades dos sites de redes sociais na criação de espaços de debates de temas de relevância social, com enfoque no debate de gênero e nos usos do feminismo dos ambientes digitais.

3.1 CONVERGÊNCIA MIDIÁTICA E REDES SOCIAIS COMO ESPAÇO DE RECEPÇÃO

A internet e as plataformas digitais inauguraram formas de interação entre os diferentes agentes que compõem o meio social, ampliando possibilidades de comunicação entre veículos e públicos e estabelecendo novas dinâmicas de emissão e recepção. Nesse sentido, destaca-se a mudança de posição dos públicos, uma vez que o indivíduo comum pôde assumir novos papéis na dinâmica comunicacional, conquistando possibilidades e espaços de expressão, emissão de mensagens e desdobramento do conteúdo midiático consumido. No contexto desta pesquisa, interessa compreender as dinâmicas envolvidas no uso das mídias digitais, com foco, em especial, nos usos da rede social digital Twitter. O cenário de interesse deste trabalho envolve os desdobramentos da recepção de um evento esportivo - a competição de skate street feminino das Olimpíadas de 2020 -, sendo o Twitter um espaço de expressão de seus espectadores. Assim, se faz necessário um desenvolvimento a respeito de estudos e conceitos de comunicação que abordam as relações de recepção e de uso dos ambientes digitais.

As mídias digitais representaram uma mudança nos suportes técnicos dos meios de comunicação. Tendo como base o meio digital, essas mídias se diferenciam das que se dão a partir de um suporte físico, e abrem novas possibilidades em termos de distribuição, compartilhamento e armazenamento da informação. Foi a partir de 1995 que as mídias digitais e internet se expandiram para, a partir de diferentes dispositivos, como computadores e celulares, abrirem portas para um dia a dia mais “conectado” (MARTINO, 2014). No contexto brasileiro, os anos 2000 representaram um momento de crescimento do meio digital no país, tendo aumentado em 143,8% o número de pessoas com mais de 10 anos a terem acesso à

internet entre os anos de 2005 e 2011 (PIENIZ; WOTTRICH, 2014). O uso das mídias digitais no Brasil se mantém em uma crescente, e, segundo o Mídia Dados¹⁹, no ano de 2021 o país ocupou a quarta posição no ranking de maiores usuários de internet no mundo.

A expansão das mídias digitais e de suas possibilidades de uso trouxe um importante fator ao fluxo comunicativo na sociedade: a partir delas, qualquer indivíduo tem a oportunidade de se tornar um emissor de mensagens de grande alcance, a partir das diferentes ferramentas que o ambiente digital disponibiliza. Isso significa que, nestas mídias, as possibilidades de grande alcance não ficam restritas aos veículos de comunicação massivos. Como abordam Pieniz e Wottrich (2014, p. 74):

A tradicional divisão entre emissores e receptores tem suas fronteiras amenizadas e borradas. No mesmo espaço, como nas redes sociais *on-line*, por exemplo, os receptores e os produtores podem interagir e, dessa forma, e reconfigurar os produtos ou a visão sobre esse.

Os blogs, sites e comunidades criados pelas skatistas citados no capítulo anterior são um interessante exemplo da mudança de paradigma provocada pelas mídias digitais. Ignoradas pela mídia tradicional, elas encontraram nos ambientes digitais uma possibilidade de expressão e alcance de mulheres skatistas em prol do fortalecimento de sua comunidade. Ou seja, “cidadãs comuns” - que não possuíam o poder dos meios massivos - puderam exercitar possibilidades comunicativas e atingir o público que lhes interessava. A inauguração dessas possibilidades pela Internet muda a dinâmica comunicativa da sociedade em muitas frentes, e cada vez mais surgem novos espaços possíveis de interação. Hoje, o uso das redes sociais digitais revela um potencial ainda maior de alcance por parte de usuários a partir das ferramentas desses sites. Em subcapítulo posterior, as possibilidades políticas desse uso serão abordadas a partir de ações promovidas pelas feministas nesse ambiente.

As redes sociais digitais são importante elemento para a compreensão da interação construída no ambiente online. O conceito de “rede social”, apesar de comumente ser associado ao meio digital, advém das ciências sociais, e denomina relações entre indivíduos marcadas pela flexibilidade e dinamismo (MARTINO, 2014), de forma que “as redes sociais são as estruturas dos agrupamentos humanos, constituídas pelas interações, que constroem os grupos sociais” (RECUERO, 2012, p. 16). O desenvolvimento das mídias digitais impulsionou o desenvolvimento de redes sociais a partir da internet, e, nestes ambientes, as redes são modificadas pela mediação tecnológica (MARTINO, 2014; RECUERO, 2012). A respeito da

¹⁹ GRUPO DE MÍDIA SÃO PAULO. **Mídia Dados 2021 para todxs**. Grupo de mídia São Paulo, [São Paulo], [2021]. Disponível em: <https://midadadosgmsp.com.br/2021/>. Acesso em: 24 maio 2023.

popularização das ferramentas que possibilitam a formação de redes sociais digitais, Recuero (2012, p. 16) traz que:

Com a popularização dessas ferramentas, as práticas de uso de computadores, notebooks, celulares etc. para trocar ideias e conectar-se a outras pessoas passaram a fazer parte do dia a dia de milhares de pessoas em todo o mundo, incorporadas no cotidiano de suas práticas de comunicação. Com isso, essas tecnologias passam a proporcionar espaços conversacionais, ou seja, espaços onde a interação com outros indivíduos adquire contornos semelhantes àqueles da conversação, buscando estabelecer e/ou manter laços sociais. Passam a representar um espaço de lazer, lugares virtuais onde as práticas sociais começam a acontecer, seja por limitações espaço físico, seja por limitações da vida moderna, seja apenas pela comodidade da interação sem face. Tratam-se de novas formas de “ser” social que possuem impactos variados na sociedade contemporânea a partir das práticas estabelecidas no ciberespaço.

Vale, ainda, pontuar que, na conceituação da autora (RECUERO, 2012) sites como o Facebook e o Twitter não são propriamente as redes sociais, mas, sim, espaços que possibilitam a formação dessas estruturas, sendo a rede social o grupo de atores que faz uso dessas ferramentas para interação. A explicação de Recuero é importante para a compreensão das dinâmicas empreendidas nos ambientes digitais, e para, assim, avaliar de que forma as relações são construídas a partir das funcionalidades oferecidas pelas ferramentas de conversação online. Tal entendimento chama a atenção para o papel de sujeitos dos usuários destas plataformas, que são os verdadeiros responsáveis pela formação das redes sociais digitais.

O avanço da internet e seu impacto nos meios de comunicação resultou no surgimento de novas práticas comunicativas e novas possibilidades de usos dos meios. Nesse sentido, é importante ressaltar que o surgimento das mídias digitais não resultou no apagamento das mídias tradicionais e das suas formas de comunicar (OROZCO, 2011). O que ocorre, na verdade, é que estas novas mídias inauguraram formas de interação e consumo midiático que “somam” diferentes suportes e meios. Para compreender essas novas dinâmicas, alguns conceitos desenvolvidos por estudiosos da comunicação podem contribuir para o debate, entre eles, o conceito da “convergência midiática”.

A convergência midiática abrange o fenômeno das novas formas de consumir mídia apoiando-se em um fluxo que se dá em diferentes meios de comunicação. Jenkins (2009, p. 29) define o termo da seguinte forma:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando.

A difusão das mídias digitais, portanto, diversifica o acesso a telas e as possibilidades de emissão de mensagens, em um processo que conversa com os demais meios de comunicação disponíveis na sociedade. A transformação proporcionada pela expansão da convergência midiática nos hábitos dos públicos promove mudanças nos papéis dos indivíduos envolvidos no processo comunicacional. O autor destaca que, na convergência, o consumidor tem participação ativa, sendo o fenômeno uma transformação de cunho cultural, incentivando o público no uso dos diferentes meios (JENKINS, 2009).

Esse processo de aumento de participação por parte do público é debatido pelo autor a partir do conceito de “cultura participativa”, na qual “em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo” (JENKINS, 2009, p. 30). Assim, a cultura participativa é fruto dos espaços que o universo digital promove, no qual o indivíduo comum encontra novas formas de expressão e emissão de mensagens. No contexto da convergência midiática, isso significa poder contribuir para a discussão a respeito dos conteúdos dos meios, criar novos materiais a partir destes, expandir o universo midiático e criar conexões com outros consumidores desses meios.

A convergência midiática confere inovações tanto para os meios de comunicação quanto para seus públicos. Entre as diferentes novidades trazidas por este cenário, interessa a este trabalho compreender as mudanças que dizem respeito aos processos de recepção. Para tanto, faz-se necessária a abordagem da perspectiva dos estudos de recepção a respeito dos processos comunicativos, em especial, daqueles que se dão no contexto das mídias digitais.

Os estudos de processos de recepção são abordados a partir de diferentes linhas teóricas, e passaram por uma série de mudanças e pelo surgimento de novas perspectivas ao longo da história dos estudos de comunicação (JACKS, 2015). A recepção constitui-se como um dos processos da comunicação, sendo, portanto, abarcado por essa e componente dessa (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005). Os estudos de recepção tomam como foco a parte da problemática “que diz respeito à relação das pessoas com meios ou veículos de comunicação, com programas, gêneros, mensagens ou momentos particulares, abarcando a complexa configuração de elementos e fatores que caracterizam o fenômeno como um todo” (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p. 15).

Com as mudanças conferidas pelo contexto de expansão de possibilidades tecnológicas e da convergência, Jacks (2015) reforça a importância da recepção para os estudos de comunicação, e pontua até mesmo a necessidade de repensar os usos do termo para abranger todo um processo que agora inclui de forma mais expressiva outras etapas do consumo

mediático, como a participação, uma vez que atual configuração comunicacional é marcada pela presença do produtor-receptor. Nesse sentido, Orozco (2011) afirma que as audiências encaminham-se para serem descritas não por apenas uma posição de recepção na dinâmica comunicacional, mas por seus papéis de usuárias e emissoras. Assim:

O fluxo de conteúdo que perpassa múltiplas plataformas e mercados midiáticos acontece, sobretudo, pelo comportamento migratório percebido no receptor, que oscila entre diversos veículos e meios em busca de experiências diferenciadas de entretenimento, informação e interação social. Logo, a convergência também é caracterizada pelo seu aspecto cultural, abarcando uma nova configuração que ultrapassa o âmbito da produção e do produto midiático. Hoje a recepção já não é um processo de mão única em se tratando do fluxo de participação e mesmo de produção de conteúdos, o que, aliás, em outros aspectos, como a produção simbólica, nunca o foi (JACKS, p. 247, 2015)

O contexto de convergência, portanto, é de um consumo midiático ampliado por parte das audiências, que transitam entre as várias mídias e, assim, exige aos estudos de recepção um olhar para além das narrativas monomidiáticas (JACKS, 2015; OROZCO, 2011). A fala de Jacks, ainda, chama a atenção para um importante aspecto do seu entendimento dos processos de recepção: a produção de sentidos, mesmo que simbólica, é anterior à existência das mídias digitais. Pode-se compreender, a partir dessa perspectiva, que a mudança de paradigma oferecida pela comunicação via Internet estende-se para além de noções de “passividade” ou “atividade” dos receptores, uma vez que estes sempre estiveram envolvidos na atividade da produção de sentidos, ou seja, sempre foi possível aos receptores reinterpretar e desconstruir de forma simbólica o conteúdo midiático que lhes era dado (OROZCO, 2011). Ainda, em relação às noções de recepção das audiências atuais, Orozco (2011) destaca que nem todo consumo na era digital é essencialmente uma participação ou produção criativa, de forma que, no ato de ser audiência, existem diversas possibilidades de interação, as quais não necessariamente colocam os receptores em uma horizontalidade em relação aos emissores e produtores. Assim, temos um “trânsito de audiências receptivas, embora não irremediavelmente passivas, pelo menos nem sempre, para audiências produtoras, embora não necessariamente criativas ou críticas” (OROZCO, 2011, p. 389/390, tradução nossa).

As perspectivas de Jacks e Orozco evidenciam a necessidade de compreender que os impactos conferidos pelas mídias digitais não significam um apagamento de formas anteriores de recepção, tampouco das “velhas mídias”. A mudança de paradigma está na complexificação das práticas comunicativas, em um contexto que mistura as velhas e novas mídias e as possibilidades de interação com estas, com receptores que migram de um suporte midiático para o outro na era da convergência e utilizam dos espaços digitais para expressão, multiplicando as formas de participação (JACKS, 2015). Conforme abordado por Pieniz e Wottrich (2014, p. 74)

“os receptores, antes observados a partir de uma dinâmica de recepção massiva, adquirem a possibilidade de estreitar contatos, aproximar distâncias e travar mais diálogos, ampliando a percepção sobre o recebido”.

Dentro do contexto de recepção e convergência, uma prática que chama a atenção desta pesquisa é a chamada “segunda tela”. O fenômeno da segunda tela faz parte do que é denominado como a “*Social TV*”²⁰, que engloba os novos usos da televisão na era das mídias digitais (PROULX; SHEPATIN, 2012). Proulx e Shepatin (2012), definem segunda tela como quaisquer dispositivos com tela que acompanhem a atividade de assistir à TV. Assim, tal prática ganhou força com a difusão dos dispositivos portáteis e das plataformas digitais, que expandem a experiência de assistir a um conteúdo televisivo tendo a possibilidade de explorá-lo junto a outras mídias e compartilhar impressões com outros consumidores, amplificando os sentimentos de conexão e de participação. As mídias digitais sociais, assim, expandem uma experiência de consumo:

[...] a mídia social deu origem a um "canal de retorno" (“*backchannel*”) em tempo real composto por milhões de expressões sociais vivas e orgânicas que atuam como uma companhia participativa para nossas transmissões de TV favoritas. Ela expõe as conversas que ocorrem em nossas salas de estar, antes isoladas, e conecta residências em todo o mundo em um único, opcional, evento de co-visualização. (PROULX; SHEPATIN, 2012, p. 10, tradução nossa)

Um ponto interessante da ideia de “segunda tela” é que ela conversa com a compreensão de que as novas mídias não desbancaram as mídias tradicionais, mas, sim, somaram-se aos processos comunicativos já estabelecidos. Compreende-se, também, que elas não apenas inauguraram formas próprias de interação como, também, expandiram possibilidades postas pelas mídias anteriores.

Os sites de redes sociais digitais são espaços férteis para a experiência de segunda tela das audiências, uma vez que propiciam a emissão de novas mensagens por parte do público, o que resulta em trocas, interação e encontro de novas informações a respeito de um conteúdo. Nesses ambientes, os usuários podem expressar opiniões, expressões, criar e conversar com outros indivíduos sobre o que estão consumindo de forma simultânea (PROULX; SHEPATIN, 2012). Diferentes sites de redes sociais digitais são utilizados para estas trocas, porém, para o objeto de interesse desta pesquisa e considerando sua importância para o fenômeno, uma plataforma em especial pode ser destacada: o Twitter.

²⁰ Sobre o conceito de “social TV”, Proulx e Shepatin (2012) trazem que: “[...] a expressão “*social TV*” foi criada para descrever a convergência da televisão e da mídia social. No entanto, a “*social TV*” tem sido usada com frequência nos últimos anos como uma expressão abrangente ao se referir à era moderna da televisão.” (p. ix, tradução nossa)

São as características e funcionalidades do Twitter que fazem dele um espaço propício para a expressão do público que assiste a uma transmissão. Para Habckost, “as plataformas de rede social, particularmente o Twitter, têm pautado mais e mais a experiência de segunda tela, até mesmo criando ferramentas para facilitar esse processo” (2020, p. 90). A plataforma é conhecida por sua facilidade e simplicidade no acesso a dados e seu caráter público, permitindo a visualização de seus conteúdos até mesmo ao usuário não cadastrado no site (PROULX; SHEPATIN, 2012). Com ferramentas que propiciam a rápida publicação de mensagens a partir de textos, imagens e vídeos, a plataforma “se tornou um meio de comunicação integral para os telespectadores que querem se expressar enquanto assistem às transmissões de seus programas de televisão favoritos” (PROULX; SHEPATIN, 2012, p. 11, tradução nossa).

Diversos são os formatos dos conteúdos midiáticos que encontram reverberação na interação via rede social digital, desde obras ficcionais televisivas até programas de reality (PROULX; SHEPATIN, 2012). Entre estes, a programação esportiva destaca-se como uma das temáticas de grande repercussão nos meios digitais. No contexto de expansão destes, “o debate público acerca do esporte passa a fazer parte das relações sociais que acontecem na internet, e, mais do que isso, encontra nesse aparato condições específicas para produzir e reproduzir valores, ações e compreensões sobre o fenômeno esportivo” (MENDES et al, 2013, p. 931). O potencial da programação esportiva para o uso da segunda tela é até mesmo reconhecido por empresas do ramo, que já buscam soluções na entrega de informações extras para consumidores de esportes a partir da criação de aplicativos voltados para este uso (PROULX; SHEPATIN, 2012) e distribuição de informações via redes sociais digitais. O uso da segunda tela pelos espectadores de esportes conversa com o entendimento sobre as práticas dos fãs²¹ desenvolvida por Jenkins (2009). A respeito dos fãs e sua relação com as mídias digitais:

A “*social TV*” é um fenômeno intimamente relacionado à cultura dos fãs: permite que eles convirjam entre pares, se apropriem de tecnologias para complementar as formas de consumir, extraíndo informações sobre o consumo e produzindo uma inteligência coletiva que beneficia diferentes agentes do mercado (MOURA et al, 2021, p. 8, tradução nossa).

A possibilidade de uso das tecnologias para ter um controle maior do movimento midiático e para a interação com outros consumidores potencializa a ação dos fãs e sua cultura (JENKINS, 2009). A convergência midiática e o fenômeno da segunda tela, porém, expandem-se para além da figura dos fãs, uma vez que o digital amplifica o acesso aos conteúdos e a interação com eles. Isso significa que o debate sobre os conteúdos das mídias nas redes sociais

²¹ Cabe ressaltar que a perspectiva de “fã” não é mobilizada nos estudos de recepção desta pesquisa, sendo esta apenas uma breve revisão do conceito de Jenkins.

digitais agrega não apenas fãs de um determinado nicho, mas, também, outros usuários que não necessariamente possuem um alto grau de envolvimento com uma temática específica, mas que desejam se expressar acerca daquilo que consomem. O uso do espaço digital como segunda tela permite aos receptores que comentem a respeito do que assistem com um número maior de pessoas, mesmo aquelas que não possuem conhecimento aprofundado sobre um determinado conteúdo. Nesse sentido, o consumo de programações esportivas e o uso das mídias digitais para expressão não está restrito aos fãs, e uma diversidade de espectadores podem interagir em torno desse consumo.

O amplo espaço de interações nas mídias digitais permite, desse modo, que usuários com diferentes opiniões e graus de interesse sobre um mesmo conteúdo conversem a respeito e desdobrem esse consumo em múltiplos debates. Ferramentas como as *hashtags* no Twitter contribuem para agregar determinados assuntos, potencializando o alcance das conversações (RECUERO, 2012). Assim, debates como os provenientes da prática da segunda tela podem ser amplificados, tornando a experiência de conversação ainda mais intensa. No contexto dos eventos esportivos, as *hashtags* são usadas pelos espectadores ao expressarem suas reações no ambiente online, o que contribui para a visibilidade não apenas das publicações, mas, também, do evento em si. As Olimpíadas de 2020 são exemplos disto, tendo o próprio Twitter²² incentivado o uso do recurso para demarcar as conversas em torno do evento. As possibilidades dos usos das *hashtags* serão aprofundadas em subcapítulo posterior.

Vale, ainda, ressaltar que as conversações nas redes sociais digitais acerca de produtos midiáticos podem desencadear discussões de relevância social. É justamente a partir desta perspectiva que esta pesquisa se propõe a analisar debates em torno da pauta de gênero que podem ter surgido a partir da transmissão da competição de skate feminino das Olimpíadas de Tóquio. Para tanto, o subcapítulo seguinte se aprofundará nas possibilidades ofertadas pelo Twitter como espaço de conversações a respeito de temas de relevância social.

Com a compreensão dos conceitos de redes sociais digitais, convergência midiática, recepção, segunda tela e demais termos que permeiam os estudos das mídias digitais, podem ser levantadas algumas questões a respeito do objeto desta pesquisa. Considerando as possibilidades de expansão da experiência de consumo de conteúdos esportivos a partir das mídias digitais, de que forma a exibição de um campeonato de skate feminino em um evento de grande porte como as Olimpíadas contribuiu para a construção de significados em torno do

²² X BLOG. Como acompanhar os Jogos no Twitter. **X Blog**, [s.l.], 21 jul. 2021. Disponível em: https://blog.twitter.com/pt_br/topics/events/2021/como-acompanhar-os-jogos-no-twitter. Acesso em: 23 jun. 2023.

esporte? Que debates foram levantados e de que forma a audiência utilizou das redes sociais digitais para falar sobre skate feminino? De que forma a enorme repercussão de Rayssa Leal no Twitter impacta o debate público? Antes do aprofundamento nestas questões, se faz necessário ainda levantar alguns pontos a respeito dos usos do Twitter e suas implicações nos debates sociais.

3.2 AS MÍDIAS DIGITAIS E O DEBATE DE TEMAS DE RELEVÂNCIA SOCIAL

As mídias digitais, ao expandirem as oportunidades de emissão e interação, estabelecem diversos novos espaços para trocas entre indivíduos. Nesse sentido, têm destaque os sites de redes sociais, baseados justamente na possibilidade de criação destas redes. São diversos os usos dados pelos usuários nestes sites, a partir de ferramentas de texto, áudio, imagens, vídeos, entre outros. Entre os usos possíveis, há aqueles que dizem respeito ao debate de temas de relevância social. Interessa a essa pesquisa compreender de que forma se dão esses debates, como o espaço das mídias digitais é usado para esse fim e como as ferramentas da Internet contribuem para estas interações, com foco, em especial, no site de rede social digital Twitter como ambiente para estas conversações.

Conforme abordado no subcapítulo anterior, a Internet inaugurou formas de interação que expandiram a possibilidade de emissão de mensagens entre os diferentes atores da dinâmica comunicacional. Fenômenos como a convergência midiática, a inteligência coletiva e a cultura participativa são reflexos de um contexto em que “o surgimento de novas tecnologias sustentam um impulso democrático para permitir que mais pessoas criem e circulem mídia” (JENKINS, 2009, p. 341). Isso significa, portanto, que as mídias digitais representaram mudanças importantes em diferentes aspectos da vida em sociedade, entre eles, a expansão dos locais de debate de temas de relevância social, o que traz grandes impactos em relação à expressão democrática em rede. Nesse sentido, os sites de rede social destacam-se como lugares de desenvolvimento dessas conversações. Em relação às redes sociais formadas nas mídias digitais, Recuero desenvolve que:

As características dos sites de rede social, nesse contexto, acabam gerando uma nova “forma” conversacional, mais pública, mais coletiva, que chamaremos de conversação em rede. Conversações que acontecem no Twitter, no Orkut, no Facebook e em outras ferramentas com características semelhantes são muito mais públicas, mas permanentes e rastreáveis do que outras. Essas características e sua apropriação são capazes de delinear redes, trazer informações sobre sentimentos coletivos, tendências, interesses e intenções de grandes grupos de pessoas. São essas conversas públicas e coletivas que hoje influenciam a cultura, constroem fenômenos e espalham informações e memes, debatem e organizam protestos, criticam e acompanham ações

políticas e públicas. É nessa conversação em rede que nossa cultura está sendo interpretada e reconstruída (RECUERO, 2012, p. 17-18).

São as próprias características das redes sociais digitais, portanto, que as tornam locais propícios para conversações de temas de relevância social, que refletem e impactam a sociedade, de forma que “assim como o mundo real é levado para as redes sociais digitais, as discussões online têm o potencial de gerar atitudes e ações no mundo físico” (MARTINO, 2014, P. 58). Nesse sentido, “a interface entre comunicação e política pressupõe que a cibercultura é, necessariamente, participativa, já que através das redes sociais interativas os cidadãos podem se informar, dialogar, debater e construir conteúdos digitais”. (BEIRÃO; CORRÊA; CASTRO, 2015, p. 51-52).

Para compreender o caráter público de algumas conversações na Internet e de que forma essas podem ser lugar de expressão de opiniões, valores e trocas, a noção de “Esfera Pública”, pode ser extremamente útil. O conceito foi desenvolvido por Habermas (1962), e a existência de uma expressão da esfera pública no universo digital tem sido tema de debate entre estudiosos de política e comunicação (MARTINO, 2014).

Martino (2014), a partir de Habermas (1962), define a “Esfera Pública” como um espaço de conversa entre indivíduos voltado à discussão de temas relevantes à sociedade, podendo levar, também, a tomadas de decisões a partir dessas discussões. Assim, a Esfera Pública é caracterizada como um espaço democrático, pois tem como princípio livre debate de ideias, possibilitando, também, a formação da opinião pública. De acordo com o autor, a conversação na Internet dialoga com o conceito e pode, em certa medida, ser uma expressão deste no universo online, por suas possibilidades de uso para o debate de assuntos de relevância social, além de possibilitar conexões entre públicos diversos. Nesse sentido:

À primeira vista, o ciberespaço, formado na interação das pessoas na interface das mídias digitais, tem uma dimensão pública considerável, visível sobretudo nos sites e páginas da Web. A própria noção de “publicação” na internet representa esse ato de “tornar público” um determinado assunto, promovendo-o de algum modo a partir de sua exposição em um determinado site (MARTINO, 2014, p. 91).

Os espaços de discussão online, porém, nem sempre se dão dentro dos princípios da Esfera Pública. Isso porque nem todos os debates realizados por meio dos sites de redes sociais se dão de forma democrática, perdendo o caráter de uma discussão produtiva e tornando-se campo de confrontos pessoais que pouco têm relevância social (MARTINO, 2014). Existem, portanto, limitações na expressão de uma esfera pública na internet, o que não diminui, entretanto, a importância de seu espaço para a expressão de ideais e trocas entre seus atores.

A Esfera Pública também conversa com noções de diferenciação entre debates de caráter público e privado, uma vez que nem todo assunto é de relevância social, restringindo-se, portanto, a espaços particulares. Nesse sentido, as formas de comunicação no ambiente das mídias digitais fazem com que os limites entre os dois tipos de temas nem sempre sejam rígidos, de forma que um assunto particular publicado na Internet pode vir a tornar-se discussão pública se for do interesse de diversos outros indivíduos (MARTINO, 2014). Na mesma medida, nem todo tema tornado “público” faz parte da Esfera Pública, uma vez que pode não se tornar assunto de debate. Recuero (2012), em suas definições a respeito das conversações mediadas por computador, destaca que a permeabilidade da fronteira entre o público e o privado nestas mídias tende a tornar as comunicações entre seus atores mais públicas.

As reflexões sobre Esfera Pública no contexto das mídias digitais são relevantes para a compreensão de que estas mídias representam também um lugar de exercício da democracia, portanto, um lugar de conversação, formação de opiniões e de discussões que promovem temas de relevância social. Além disso, as mídias digitais permitem que façam parte de uma mesma conversa atores de grupos e lugares diferentes, promovendo o diálogo entre indivíduos que, talvez, não teriam a oportunidade de trocas em outro espaço que não o digital.

O Twitter, no contexto de uso das mídias digitais para o exercício democrático dos debates de sociais, destaca-se como site de rede social cujas ferramentas contribuem para o desenvolvimento e maior alcance das discussões. Assim, “o Twitter parece especialmente interessante por se mostrar como um local de ressonância de temas e discussões políticas que são divulgadas pelos mais diversos meios de comunicação” (ALMADA; CARREIRO; ROSSETTO, 2013, p. 191) de forma que o site de rede social é “um espaço propício para a formação da esfera pública, ainda que seja necessário levar em conta as limitações como fragmentação nas discussões e circulação de conteúdo de baixa qualidade” (SOARES et al, 2019, p. 4). É necessário, portanto, compreender mais a fundo de que forma o site funciona e quais são os recursos que ele disponibiliza e que podem ser utilizados para estas conversações.

O Twitter é um site de rede social que permite ao usuário a publicação de mensagens - os chamados *tweets* - as quais podem comportar conteúdo em formato de texto, imagens e vídeos²³. Cada *tweet* permite a publicação de um texto relativamente curto, de até 280 caracteres²⁴ em contas gratuitas²⁵. Cada usuário do site cria sua conta, sendo seu perfil - o qual

²³ X. Perguntas frequentes de novos usuários. X, [s.l.], 2023. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/resources/new-user-faq>. Acesso em: 01 jun. 2023.

²⁴ X. Página Inicial. X, [s.l.], 2023. Disponível em: <https://twitter.com/home>. Acesso em: 01 jun. 2023.

²⁵ Atualmente a plataforma também disponibiliza o Twitter Blue, serviço de assinatura paga que adiciona ferramentas à experiência dos usuários.

é personalizável - o local onde estarão suas publicações. Na plataforma, o ator escolhe a quem seguir, podendo, também, ser seguido por outros usuários. A ferramenta de “seguir” permite ao ator decidir perfis cujas publicações lhe interessam para receber atualizações (RECUERO; ZAGO, 2010).

Além da interação a partir de publicações, a ferramenta também disponibiliza a possibilidade de envio de mensagens privadas (RECUERO, 2016). É possível, também, direcionar publicações para determinados perfis, citando-os a partir do uso do símbolo “@” no corpo do texto do *tweet* (RECUERO; ZAGO, 2010). Há, ainda, a função do “*retweet*” que permite que um usuário “compartilhe” a publicação realizada por outro perfil, o que aumenta seu alcance. De acordo com Beirão, Corrêa e Castro, “além de ser uma plataforma de produção e disseminação de conteúdo, é uma mescla de blog, rede social digital e comunicador instantâneo” (2014, p. 51). O site permite a expressão individual e, também, a discussão coletiva, não sendo necessária a conexão simultânea dos participantes da conversação (PRIMO, 2008).

No Brasil, o Twitter tem grande expressividade entre os sites de rede social usados pelos brasileiros. De acordo com a plataforma Statista²⁶, em janeiro de 2022 o país figurou como o quarto com maior número de usuários, estando atrás apenas de Índia, Japão e Estados Unidos. Isso mostra, portanto, que estudar as relações entre os usuários na plataforma pode ser um importante revelador das pautas públicas desenvolvidas de forma *online* no país.

Para além da possibilidade de conversas públicas entre os usuários da plataforma, o Twitter conta com recursos que auxiliam as discussões desenvolvidas em seu ambiente digital e, entre estes, o uso de *hashtags* por seus usuários pode ser destacado. As *hashtags* costumam ser utilizadas “para organizar informações, como uma forma de tornar possível o resgate de tweets sobre um determinado tópico, o que pode inclusive vir a suscitar conversações” (RECUERO; ZAGO, 2010, P. 72). Assim, a *hashtag* no Twitter cumpre o papel de agregar conteúdos publicados no site, de forma a indicar temáticas que podem ser convertidas em tendências (CORTEZ, 2011). Tal recurso, ao agrupar publicações voltadas a uma mesma temática, facilita que usuários interessados em uma mesma temática possam interagir, e cumpre

X. Sobre o Twitter Blue. X, [s.l.], 2023. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/using-twitter/twitter-blue#:~:text=Para%20se%20manter%20a%20par,qualidade%20das%20conversas%20no%20Twitter>. Acesso em: 05 jun. 2023.

²⁶ A Statista é uma plataforma que fornece análise de dados do mercado e consumidores.

DIXON, Stacy Jo. Countries with most Twitter users 2022. **Statista**, [s.l.], 22 nov. 2022. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/242606/number-of-active-twitter-users-in-selected-countries/>. Acesso em: 02 jun. 2023.

importante papel na construção de debates na plataforma. As *hashtags* podem amplificar a audiência das conversações e são capazes de conferir contexto²⁷ a elas (RECUERO, 2012).

Através do uso da hashtag, que provê o contexto, é possível acompanhar centenas de pessoas falando umas com as outras, em uma conversação que parece caótica e complexa. A conversação em rede, assim, é passível de ser contextualizada e recuperada e, por isso, consegue espalhar-se e amplificar-se dentro das redes sociais (RECUERO, 2012, p. 126).

O Twitter representa, portanto, um ambiente digital que oportuniza o debate público entre seus usuários. Tais conversações podem revelar dinâmicas inscritas no meio social, e refletir aspectos da opinião pública. O uso dos sites de redes sociais para o exercício democrático - ao se exercitar o livre debate entre interagentes - representa, portanto, os impactos das mídias digitais nas lógicas interacionais da sociedade. Na discussão proposta por esta pesquisa, que pretende visualizar expressões ligadas ao debate de gênero, o Twitter apresenta-se como local onde podem estar registradas essas conversações. Apesar do foco deste trabalho estar atrelado a um evento específico - o skate feminino das Olimpíadas de Tóquio - é necessário ressaltar que o debate de gênero já se faz presente no universo digital, de forma que o próprio feminismo de quarta onda utiliza-se das redes sociais digitais para o exercício de sua luta. Nesse sentido, compreender mais a fundo de que formas a discussão de gênero e a luta feminista se fazem presente nas mídias digitais - em especial, no Twitter - pode ser um interessante indicador das tensões que a temática evoca nas conversações destes ambientes.

3.2.1 Debates sociais de gênero e feminismo nas mídias digitais

As mídias sociais digitais, conforme abordado, vocalizam vários debates de temas de relevância social, permitindo aos sujeitos a expressão de opiniões, trocas e discussões com outros usuários e a visibilidade de uma diversidade de vozes e posicionamentos. A discussão de gênero, nesse contexto, encontra nos sites de redes sociais um espaço de grande expressão. Nesse sentido, o feminismo se destaca como movimento que expandiu o debate de gênero na Internet e cresceu em torno das possibilidades do ambiente digital²⁸. Antes de compreender as formas de ação do feminismo nesses espaços, porém, é necessário visualizar um contexto mais amplo de onde se encontra o debate de gênero, o que inclui dinâmicas como os reflexos da

²⁷ Recuero (2012, p. 95) afirma que o contexto é um fator essencial para o entendimento das conversações via mídias sociais digitais: “todo ator envolvido em uma conversação precisa ser capaz de negociar, construir e recuperar o contexto, que vai formar o pano de fundo sobre o qual as conversações acontecem”.

²⁸ Aqui, estão em foco as ações do feminismo, mas entende-se que a pauta de gênero expande-se também para outros focos de discussão, entre eles os levantados pelos movimentos LGBTQIA+.

polarização política que reverbera no cenário político brasileiro. Isso significa dizer que, ao mesmo tempo que movimentos como o feminista ganham voz para deliberar a respeito de gênero - em defesa das pautas identitárias e da problematização das dinâmicas desiguais presentes no meio social - discursos opostos ao debate também se fazem presentes, negando a importância da pauta e argumentando, muitas vezes, em favor de ideias conservadoras. A temática de gênero, portanto, adquire diferentes faces a partir de diferentes posicionamentos políticos.

As mídias digitais, na medida em que têm sido usadas como ambiente de discussão e difusão das questões de gênero (NASCIMENTO; COSTA; STREY, 2018), refletem as tensões políticas envolvidas na temática. Em relação a este ambiente de disputas que envolve o debate de gênero e sexualidade na Internet, Vencato (2017, p. 820) observa que “há uma evidente profusão de vozes e ideias, que vão das falas que defendem o direito à identidade até aquelas que o negam, que tornam possível observar um amplo campo de disputas acerca dos sentidos da verdade assim como de seu questionamento”.

Tal profusão de vozes é reflexo de um contexto de polarização política que marca o cenário brasileiro e tem numerosos efeitos no meio social e nas instituições do país. No que diz respeito ao panorama da discussão de gênero, conforme explica Alegretti (2021), de forma geral podem ser observados em protagonismo dois discursos antagônicos em disputa nas redes sociais digitais: um de viés progressista, em favor das pautas identitárias e das lutas das minorias - que, aqui, podemos exemplificar com as ações de movimento feminista, que adotam este viés; outro de viés neoconservador, que defende o normativo e os valores do conservadorismo, em discursos que muitas vezes assumem caráter antidemocrático e de ódio.

Um dos discursos mais replicados de deslegitimação da discussão de gênero reside na nomeação deste debate como “ideologia de gênero”, de forma que o termo “é utilizado como um rótulo e uma estratégia político-sexual para demarcar o debate em prol de um conservadorismo engajado na sociedade brasileira [...]” (FURLAN, 2017). Em relação ao uso do termo por parte de um posicionamento político que se opõe às discussões de gênero de viés progressista, Alegretti (2021, p. 25) traz que:

Essa construção discursiva se apropriou do termo “ideologia de gênero” para fazer referência a algo como uma doutrina, que estaria sendo ensinada pelo movimento pró-gênero para quebrar os padrões de comportamento hegemônicos com relação a identidade de gênero e orientação sexual – ideia reforçada em diversos discursos do presidente Jair Bolsonaro.

Tais posicionamentos, portanto, são efeitos de um contexto político de ascensão de discursos de viés conservador, potencializados por figuras políticas como, conforme citado por

Alegretti (2021), o ex-presidente Jair Bolsonaro, o qual representou posicionamentos e políticas de extrema-direita que corroboram com a oposição aos debates de gênero e identitários. Nesse sentido, na medida em que estes discursos adquirem muitas vezes vieses antidemocráticos e de ódio, tais expressões se fazem presentes nas redes sociais digitais, o que leva a observação de que, conforme sinaliza Vencato (2017, p. 814):

Se por um lado as redes sociais propiciam encontros e possibilidades de (re)conhecimentos de uma ampla gama de indivíduos e/ou coletividades, por outro, também propicia a organização e veiculação de discursos ofensivos e/ou questionadores dos direitos sociais.

É nesse contexto que o feminismo de quarta onda, em seu uso estratégico das redes sociais digitais, se mostra importante por seu papel de construção, expansão e resistência das pautas de gênero nestes ambientes. O feminismo destaca-se como luta que encontrou nas mídias digitais formas de aumentar exponencialmente seu alcance e reconstruir-se a partir de características advindas das próprias formas de socialização nas redes sociais digitais. Conforme aborda Costa (2018, p. 60): “se algum movimento se beneficiou da lógica descentralizadora das redes, sem dúvida esse movimento foi a insurreição feminista”. Isso porque a Internet representa um produtivo lugar para a organização de movimentos sociais, campanhas e ações coletivas de cunho político voltados para o impacto no meio social, de forma que “a militância passa a ter novos ares e encontra na rede mundial de computadores um novo espaço para unir esforços em busca de uma mudança social. (MUGNAINI, 2020, p. 31)”. Assim, se faz importante compreender como o ativismo político se beneficia dos meios digitais para, então, abordar de que forma o feminismo encontra nesses espaços formas de expressão e, portanto, de propagação e desenvolvimento do debate de gênero.

O uso das mídias digitais para atividades de cunho político adquire características próprias das interações online. Tais práticas costumam se dar de forma descentralizada e nem sempre são voltadas para a convocação de ações específicas, agindo também com o objetivo de gerar tensionamentos e pressões no meio social (COSTA, 2018). O caráter de descentralização das ações políticas nas redes digitais pode ser entendido como fruto das próprias dinâmicas das relações em rede nestes meios, uma vez que “entre outros elementos, redes são definidas por seu caráter horizontal, desprovido de uma hierarquia rígida” (MARTINO, 2014, p. 55). Os movimentos sociais, dessa forma, encontram nesses espaços novas formas de expressão:

As ações ganham vida e energia por meio dessas redes digitais e as/os ativistas podem ser ouvidos – e até mesmo contestados – por meio delas, enquanto que simpatizantes das causas defendidas pelos ativistas podem ter a opção de aderir a cada ação desenvolvida por estes tipos de grupo (MUGNAINI, 2020, p. 31).

O ativismo digital, portanto, revela o uso potencial da Internet como impulsionadora de ações políticas conjuntas. Nesse sentido, é importante ressaltar que as ações políticas promovidas nesse ambiente não restringem sua atuação ao espaço digital, de forma que o universo online e offline dialogam e, assim, se somam (MUGNAINI, 2020).

A era das mídias digitais, dessa forma, traz significativos impactos nas formas de organização do ativismo. Nessa perspectiva, Castells (2012) afirma que, na Internet, o ativismo encontra maneiras de organizar-se que impulsionam suas ações, na medida em que o espaço digital possibilita relações horizontais, não centralizadas e múltiplas, o que é benéfico ao exercício democrático dos movimentos sociais:

Essa estrutura descentralizada maximiza as chances de participação no movimento, já que ele é constituído de redes abertas, sem fronteiras definidas, sempre se reconfigurando segundo o nível de envolvimento da população em geral. Também reduz a vulnerabilidade do movimento à ameaça de repressão, já que há poucos alvos específicos a reprimir, exceto nos lugares ocupados; e a rede pode se reconstituir enquanto houver um número suficiente de participantes, frouxamente conectados por seus objetivos e valores comuns. A conexão em rede como modo de vida do movimento protege-o tanto dos adversários quanto dos próprios perigos internos representados pela burocratização e pela manipulação (p. 129).

As particularidades das relações sociais na Internet, assim, determinam novas dinâmicas nos ativismos que fazem proveito desse espaço. É a partir dessas características que o feminismo beneficiou-se substancialmente da estrutura de conversação das mídias digitais, de forma que seu uso é uma das marcas da quarta onda do movimento.

No contexto brasileiro, plataformas como o Twitter e o Facebook foram palco de ações de mulheres que encontraram nas mídias digitais novas formas de organização política (COSTA, 2018). Uma das mais emblemáticas expressões do uso da Internet para a mobilização social feminina se deu no ano de 2015, no que ficou conhecido como a “Primavera das Mulheres”, episódio em que uma série de protestos foi realizada a partir da articulação das feministas em ambientes digitais (BRITO, 2017). Assim, a Primavera das Mulheres “e as outras manifestações em que isso ocorreu levantam a questão de estarmos diante de um novo feminismo, em que o ciberativismo teria um papel fundamental” (BRITO, 2017, p. 1).

Entre os elementos que caracterizam o feminismo desenvolvido das mídias digitais, é possível destacar a potência dos relatos pessoais que, publicados nas redes, ganham alcance e tornam-se assuntos públicos, na medida em que “as experiências em primeira pessoa, tornadas públicas na rede, passam a afetar o outro” (COSTA, 2018, p. 46). Tais movimentos conversam com as noções de “público” e “privado” abordadas anteriormente para compreender a dinâmica da Internet como expressão da Esfera Pública. A linha tênue entre os dois espaços, portanto,

encontrou no feminismo uma forma de potencializar relatos pessoais das mulheres, que identificam-se com as experiências umas das outras.

Uma vez que a Internet se mostra um ambiente que permite que vozes diversas conquistem alcance, o uso deste espaço pelas feministas contribui de forma substancial para a conquista de visibilidade de correntes do feminismo que chamam a atenção para identidades femininas marcadas por intersecções na vivência de gênero. Tais feminismos, que durante parte da história do movimento se viram pouco representados, puderam, na articulação nas redes digitais, ampliar de forma significativa a visibilidade de sua luta:

No caso da diversidade de feminismos que se desdobram e se anunciam a cada dia, as redes se mostraram ainda uma base suficientemente flexível para articular as múltiplas posições identitárias feministas dentro das lógicas interseccionais indispensáveis para a expressão dos novos ativismos das mulheres. Talvez somente agora, a partir de modos de fala e uso de vozes individuais em rede, o feminismo tenha conseguido encontrar um modelo de comunicação efetivamente contagioso (COSTA, 2018, p. 47).

No ambiente digital, portanto, correntes como o feminismo negro, feminismo indígena, feminismo trans e feminismo lésbico ganham potencialidade frente às possibilidades de alcance da Internet.

Nesse cenário, o Twitter apresenta-se como plataforma produtiva para a mobilização feminista. O site tem sua origem ligada a objetivos de manifestação política, como destaca Costa (2018), e hoje tem usos diversos para conversação digital. Mesmo sendo apropriado para diversos usos que não apenas o político e sendo caracterizado por vezes por assuntos fugazes, “o Twitter se tornou um grande espaço para mobilizações sociais, sendo um local que agrega e junta pessoas com ideais e pensamentos tanto semelhantes como distintos” (MUGNAINI, 2020, p. 33).

A luta feminista fez grande proveito das ferramentas disponibilizadas pelo Twitter para a disseminação de seus debates. Nessa perspectiva, o uso de hashtags²⁹ destaca-se como forma estratégica de divulgação de seu discurso, criando verdadeiras campanhas capazes de engajar mulheres do país inteiro em prol da luta feminina (COSTA, 2018). Hashtags como #PrimeiroAssédio, #ChegaDeFiuFiu, #MeuAmigoSecreto e #EstuproNuncaMais são exemplos de mobilizações femininas no Twitter de expressiva repercussão, as quais suscitaram discussões nas mídias sociais digitais e para além destas (REIS, 2017; COSTA, 2018; MELLO; PAGEL, 2021). Como abordam Mello e Pagel (2021, p. 595) “fenômenos de comunicação como as

²⁹ O uso de hashtags para campanhas feministas não se restringiu ao Twitter, sendo presente também em outras plataformas como o Facebook (COSTA, 2018). Neste trabalho, porém, o Twitter é abordado de forma mais próxima por ser parte do objeto de pesquisa.

hashtags atraem o viral e fazem a contaminação do movimento feminista acontecer nas redes por meio do compartilhamento, que, por sua vez, gera um agenciamento coletivo”. Em termos quantitativos, por exemplo, a hashtag #PrimeiroAssédio - idealizada pela ONG Think Olga - atingiu mais de 82 mil tweets em cinco dias, o que demonstra a potencialidade do compartilhamento em rede das campanhas feministas (REIS, 2017).

No caso específico do ativismo de mulheres via internet, as hashtags tem operado algumas das experiências mais bem sucedidas de mobilização no campo. Assumindo sentidos diversos, elas ora contribuem para fazer pressão junto ao poder público nos processos de tomada de decisões; ora servem para dar visibilidade às causas da militância; ora se traduzem em campanhas de conscientização no campo das relações de gênero; ora ajudam a sistematizar dados que referendem políticas públicas; e, não menos importante, servem para promover encontros, partilhas de experiências e facilitar a solidariedade (REIS, 2017, p. 3).

As hashtags, portanto, fazem parte das novas ferramentas utilizadas pelas mulheres para que suas lutas, demandas e vivências ganhem visibilidade, alcance, gerem conscientização acerca de problemáticas de gênero e sejam repercutidas na mídia e na sociedade. A plataforma do Twitter representa um espaço produtivo para a disseminação e até mesmo elaboração do discurso feminista, na medida em que permite a viralização dos conteúdos em um ambiente caracterizado pela horizontalidade que dá força ao feminismo de quarta onda.

Quando se percebe que Hollanda (2018) define a quarta onda do feminismo como mais horizontal e plural, vemos aí um possível reflexo das formas de interação postas pela Internet, que causam impactos nas formas de funcionamento do movimento feminista. A não verticalidade das relações e a não necessidade de lideranças são reflexos de um lugar de conversação onde diferentes indivíduos têm voz. É necessário pontuar que, apesar destes aspectos, a Internet não é um espaço totalmente igualitário³⁰, visto que as estruturas de poder ainda estão presentes na interação dos usuários. Porém, ainda assim, as mídias digitais se oferecem como um local de emissão de mensagens de possibilidades muito mais amplas que as mídias tradicionais.

Vale rememorar, também, a presença das forças opostas abordadas no início deste subcapítulo, que, frente às ações feministas em rede, “contra-atacam” a partir de diferentes estratégias. Costa (2018, p. 59) relata que, entre os “agentes” dessa oposição, “muitos deles se utilizam de perfis falsos e patrulham diariamente as redes sociais em busca de ideias contrárias às que procuram disseminar, espalhando discurso de ódio”. O ambiente digital que discorre em

³⁰ Um exemplo dessa desigualdade pode ser encontrada a partir de Costa (2018), que sinaliza isso ao comparar as performances de diferentes campanhas feministas no Twitter. Campanhas voltadas a mulheres de camadas mais vulneráveis da sociedade não tiveram o mesmo desempenho de outras movimentações, o que indica uma expressão de estruturas de poder mesmo no contexto de um movimento social.

torno de gênero, portanto, é permeado por tensões que assumem diferentes frentes no que diz respeito à expansão do debate e à oposição a este.

A atuação do feminismo nas redes sociais digitais indica a presença nestes ambientes da discussão de gênero sob o ponto de vista da defesa dos direitos das mulheres. Os discursos em torno da temática nas mídias digitais, porém, não estão circunscritos a esse ponto de vista, uma vez que forças opostas também se fazem presentes, a partir de posicionamentos que contrariam o debate e adicionam novas tensões a este. Dessa forma, ambos os discursos participam do “falar sobre gênero” existente nas plataformas digitais, o que sinaliza a importância de voltar a atenção para estes espaços para a compreensão dos lugares que a temática vem ocupando no meio social. Considerando a investigação teórica aqui apreendida que aborda a Internet como espaço produtivo para o debate de temas de relevância social (com destaque, aqui, às potencialidades da plataforma do Twitter), buscar publicações em torno do tema indica uma forma de visualizar uma amostra das tensões envolvidas no avanço da discussão de gênero no contexto brasileiro digital.

4 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS E ANÁLISE

Este capítulo centra-se na realização da análise proposta para o atingimento dos objetivos elaborados para esta pesquisa, apoiando-se na coleta de dados realizada e no referencial teórico apresentado nos capítulos anteriores. A partir do entendimento de estudos de gênero, da história do skate e da modalidade feminina, dos estudos de mídias digitais e de seus fenômenos em torno do uso dos sites de redes sociais digitais, este trabalho de pesquisa tem como objetivo geral identificar quais temáticas que emergiram do debate de gênero nas publicações feitas por brasileiros no Twitter a respeito da participação da atleta Rayssa Leal na estreia do skate nas Olimpíadas de 2020, considerando o contexto de desigualdade enfrentado por mulheres na prática do esporte. Tendo o Twitter, portanto, como local para a coleta dos dados desejados, a investigação aqui empreendida centra-se na análise de tweets na plataforma que contribuam para o cumprimento dos objetivos propostos.

4.1 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Esta pesquisa pode ser caracterizada como descritiva. De acordo com Gil (2008, p. 28), em sua definição sobre pesquisas que podem ser classificadas desta forma: “são incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população”. Uma vez que esta análise se propõe a compreender pontos de vista em relação a temática de gênero a partir do skate feminino, ela pode ser considerada como de caráter descritivo.

A análise proposta segue o método qualitativo, uma vez que na coleta realizada os dados estão no texto, em valores subjetivos (BAUER; GASKELL, 2002). Com um grande foco na análise de textos postados na rede social Twitter e sua relação com a temática de gênero no contexto da competição de skate feminino das Olimpíadas, a pesquisa a ser desenvolvida encontra no método qualitativo a forma ideal para o atingimento de seus objetivos, uma vez que esse método “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70). Vale, porém, destacar que dados quantitativos também servem - de forma complementar - aos objetivos desta análise, visto que a quantificação dos dados encontrados auxilia na percepção das temáticas de maior relevância nas publicações coletadas.

Os objetivos específicos definidos para este trabalho de pesquisa foram: a) Contextualizar a discussão da visibilidade do skate street feminino; b) Mapear quais atravessamentos de gênero estão presentes nas percepções dos brasileiros no Twitter; c) Examinar as temáticas que emergem no debate de gênero das conversações coletadas a partir da análise dos atravessamentos. No quadro abaixo se encontram as estratégias selecionadas para atingir estes objetivos.

Quadro 1 – Estratégias metodológicas para os objetivos específicos

Objetivo específico	Estratégia metodológica
a) Contextualizar a discussão da visibilidade do skate street feminino;	Este objetivo foi atingido durante o desenvolvimento teórico sobre skate feminino, a partir da revisão da literatura que trata da temática. Tal etapa, portanto, baseou-se nos métodos de pesquisa bibliográfica. De acordo com Stumpf (2005), o método envolve a busca e a seleção da bibliografia e, após sua leitura, a sistematização do conhecimento adquirido em formato de texto, incluindo as observações do aluno. A investigação da literatura se deu a partir da busca em portais, utilizando buscadores voltados para produção acadêmica, e pela busca no catálogo de bibliotecas, tanto de forma online quanto durante visitas a acervos físicos. Com os referenciais organizados - os quais consistiram em artigos, capítulos de livros, teses e dissertações - o texto foi desenvolvido e, assim, utilizou-se da literatura acessada para a contextualização da discussão da visibilidade do skate street feminino.
b) Mapear quais atravessamentos de gênero estão presentes nas percepções dos brasileiros no Twitter;	A estratégia utilizada para este objetivo inspira-se no método estabelecido pela análise de conteúdo, a partir das ferramentas e processos propostos por Bardin (1977) e Sampaio e Lycarião (2021). De acordo com Bardin, a análise de conteúdo é caracterizada por “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores, quantitativos ou não, que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens” (BARDIN, 1977, p. 42). A partir de um viés, sobretudo, qualitativo e com foco no texto, utilizou-se estratégia baseada nestas proposições para nomear e sistematizar os atravessamentos observados nas conversações coletadas no ambiente digital do Twitter, para, então, realizar inferências a partir da classificação realizada.
c) Examinar as temáticas que emergem no debate de gênero das conversações coletadas a partir da análise dos atravessamentos.	Assim como no objetivo descrito anteriormente, a necessidade de identificação de temáticas relacionadas ao debate de gênero nas publicações do público conversa com as ferramentas oferecidas pela análise de conteúdo. O foco novamente está no texto, e foram observadas as repetições, possibilitando a criação de categorias para as temáticas encontradas. A análise de conteúdo inspira esta pesquisa por conta da intenção de sistematizar o conteúdo das

	<p>comunicações do público e criar classificações, uma vez que "pertencem, pois, ao domínio da análise de conteúdo, todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais mas complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo [...]" (BARDIN, 1977, p. 42). Esta estratégia metodológica, portanto, foi adotada para que, a partir das categorias temáticas, se pudessem realizar inferências a respeito das comunicações realizadas pelo público visado por esta pesquisa. Nesse sentido, esta análise toma como base as etapas de uma análise de conteúdo categorial temática.</p>
--	--

Fonte: elaborado pela autora

Considerando que a análise desta pesquisa centra-se, conforme exposto no quadro acima, no atingimento dos objetivos b) e c), e inspira-se em uma análise de conteúdo realizada a partir de materiais de um site de rede social digital, vale destacar que, de acordo com Recuero (2014, p. 290) “a Análise de Conteúdo (AC) tem sido cada vez mais utilizada por diversas áreas para compreender e debater os discursos que são espalhados pelo ciberespaço”. Logo, pode-se compreender que tal estratégia metodológica pode ser uma proveitosa estratégia para esta análise, uma vez que é baseada em dados e discursos coletados no meio digital.

Tomando como base o método da análise de conteúdo proposto por Bardin, a estratégia metodológica desenvolvida por esta pesquisa inspira-se na divisão de etapas que baseia-se nas fases de “pré-análise”, “exploração do material” e “tratamento dos resultados obtidos e interpretação”.

De acordo com Bardin, a fase da pré-análise diz respeito à organização da investigação, de forma que “corresponde a um período de intuições, mas, tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (1977, p. 95). Assim, essa etapa objetiva a seleção dos documentos a serem analisados, formulação das hipóteses e objetivos e a estruturação dos indicadores que apoiarão a interpretação final.

Para a pré-análise foi realizada uma série de investigações junto à ferramenta de busca avançada do Twitter, que permite ao usuário adicionar filtros de busca para o acesso a publicações específicas. Considerando o objeto de pesquisa proposto, foram testados diferentes filtros em torno de fatores como a data das publicações, as palavras-chave presentes e o número de interações recebidas pelos *tweets*.

No que se refere a datas, foram testados os dias no entorno da competição do skate street feminino nas Olimpíadas, que (de acordo com o horário de Brasília) se deu entre os dias 25 e

26 de julho de 2021, tendo a conquista da medalha por Rayssa se consolidado por volta da uma e meia da manhã do dia 26.

Quanto às palavras-chave, foram avaliados os usos de palavras como “Rayssa Leal”, “Rayssa” e “fadinha³¹”. Também foram testadas *hashtags* - encontradas em pesquisa anterior e observadas durante os testes - como “#Tokyo2020”, #olimpiadas, #Tóquio2020, #JogosOlimpicos e #fadinhaemtoko. Outro filtro observado foi o de *tweets* que mencionam o usuário (@) de Rayssa no Twitter, à época “@Rayssa_Leal_Sk8”³². Todas as buscas realizadas utilizaram o filtro de língua portuguesa, uma vez que o foco da análise está nas publicações de brasileiros.

Os resultados das buscas empreendidas foram registrados em uma planilha, concentrando as buscas de maior efetividade para os objetivos traçados, comparando os resultados de diferentes filtros e registrando os dados das publicações coletadas. Após uma série de testes, foram selecionados os filtros de busca e os critérios que permitiram o alcance de publicações que atendessem às proposições desta análise. Tais critérios estão discriminados no quadro seguir:

Quadro 2 – Critérios de seleção das publicações

Data	26 de julho, a partir de 1h30 da manhã (horário da conquista da medalha) até o final do dia.
Tweets contendo todas estas palavras:	Rayssa
Número mínimo de respostas	10
Idioma	Português
Mínimo de respostas participando do debate de gênero/identitário proposto	3

Fonte: elaborado pela autora

³¹ Apelido conferido à Rayssa devido a viralização de vídeo seu aos 7 anos andando de skate em uma fantasia de fada. O vídeo foi compartilhado por Tony Hawk, considerado um dos mais importantes skatistas da história do esporte.

HAWK, Tony. **I don't know anything about this but it's awesome**: a fairytale heelflip in Brazil by #RayssaLeal (via @oliverbarton). [S.l.], 8 sep. 2015. Twitter: @tonyhawk. Disponível em: <https://twitter.com/tonyhawk/status/641374976927399938?s=20>. Acesso em: 07 ago. 2023.

³² Atualmente (durante a realização desta pesquisa) o usuário de Rayssa Leal é @rayssaleal. LEAL, Rayssa. **Rayssa Leal - OFICIAL**. Twitter: @rayssaleal. [S.l.], 2023. Disponível em: <https://twitter.com/rayssaleal>. Acesso em: 07 ago. 2023

Os critérios para a seleção da data baseiam-se na observação do enorme alcance do feito de Rayssa no dia de sua conquista, o que culminou na publicação massiva de tweets a seu respeito. Pôde-se observar que isso se deve não só por se tratar a data do evento em si, mas também pela propagação de conteúdos jornalísticos sobre a skatista durante o restante do dia. A escolha pela busca a partir do horário de conquista da medalha deu-se com o objetivo de limitar a quantidade de material a ser observado, uma vez que, devido à grande quantidade de *tweets* sobre a atleta, foi necessário dedicar tempo considerável para a coleta. Ainda, foi observado que nos demais dias da semana Rayssa continuou sendo assunto de grande atenção, porém, com as demais competições das olimpíadas, o skate street feminino perdeu um pouco de sua centralidade como assunto. Para tanto, o dia 26 de julho demonstrou-se produtivo para a coleta.

Após sucessivos testes, “Rayssa” foi definida como palavra-chave. Tal escolha deveu-se à amplitude de publicações que puderam ser encontradas pelo uso apenas do primeiro nome da skatista, o que permitiu a coleta de mais conversações com atravessamentos de gênero.

As *hashtags* foram descartadas como filtro por conta da observação de que limitavam mais do que o desejado os resultados de pesquisa. A diversidade de *hashtags* usadas pelos usuários para referir-se ao evento também dificultou a busca. Além disso, boa parte das publicações realizadas pelos usuários não utilizaram de *hashtags* para demarcar o assunto abordado. Pode-se inferir que a ausência de *hashtags* em postagens a respeito de Rayssa se deve ao fato de que o evento teve alcance massivo, preenchendo as *timelines* brasileiras com comentários sobre a competição e a skatista. Por conta disso, não seria essencial demarcar assunto e contexto a partir de *hashtags*, já que se fazia claro que as publicações se referiam ao evento e à conquista da atleta.

Considerando a proposta de analisar os debates realizados em torno de gênero a partir da conquista da atleta Rayssa Leal, foram selecionados *tweets* que apresentavam atravessamentos de gênero em seu conteúdo, tendo recebido um mínimo de 10 *tweets* em resposta, dos quais aos menos três deveriam participar do debate de gênero estabelecido, de forma que tais publicações atendem à proposta de analisar conversações em torno do tema no Twitter. A escolha por analisar conversações a partir de *tweets* que receberam um número considerável de respostas e não apenas publicações individuais permitiu a observação de diferentes pontos de vista nas discussões.

Os critérios para a definição do que é uma publicação que apresenta um atravessamento de gênero foram baseados na revisão bibliográfica a respeito do tema apresentada nos capítulos teóricos deste trabalho. Assim, foram selecionadas publicações em que a questão de gênero é

abordada de forma direta, desencadeando conversações a respeito. Tais tweets abordaram a temática na medida em que destacaram questões identitárias de gênero de Rayssa, discutiram sobre normas e papéis de gênero e realizaram comparações entre figuras masculinas e femininas. A experiência da autora como usuária do Twitter também foi determinante para a compreensão da forma como se dão as conversações em seu ambiente digital. Por fim, cabe destacar que questões contextuais das publicações auxiliaram na seleção e percepção da presença do debate.

Apoiando-se nestas definições, pôde-se chegar a um *corpus* de 12 tweets com atravessamentos de gênero em seus conteúdos e que iniciaram conversações que suscitaram o debate em torno da temática. As respostas a estes *tweets*, portanto, também compõem o *corpus* de pesquisa. A análise, assim, desenvolveu-se em duas instâncias: na organização dos 12 *tweets* iniciadores das conversações - que aqui serão nomeados como *tweets*-motivadores - em dimensões conforme os atravessamentos de gênero que expressam; e a sistematização dos tweets em resposta - nomeados aqui como *tweets*-resposta - em categorias conforme a temática que abordam.

A partir da observação dos 12 *tweets*-motivadores foram elaboradas três dimensões de atravessamentos sobre gênero presentes nas publicações. Os 12 *tweets*-motivadores foram agrupados a partir da seguinte organização:

Quadro 3 – Dimensões - Atravessamentos

Atravessamentos	Critérios
Papéis de gênero	Tweets que abordam a divisão de papéis na sociedade conforme o gênero dos indivíduos.
Representatividade/Identidade	Tweets que abordam a representatividade da figura da Rayssa, questões identitárias de gênero e demonstrações de identificação com a figura da atleta.
Masculino x feminino	Tweets que tensionam a comparação entre figuras masculinas e femininas no contexto do esporte.

Fonte: elaborado pela autora

Por sua vez, os *tweets*-resposta foram, a partir da observação e revisão da bibliografia, organizados nas seguintes categorias:

Quadro 4 - Categorias temáticas

Categorias	Crítérios
INCENTIVO/INFLUÊNCIA/IMPACTO/INSPIRAÇÃO	Mencionar Rayssa como influência/inspiração para outras mulheres; mencionar impactos positivos que Rayssa e sua conquista podem causar em outras mulheres.
VISIBILIDADE E DESEMPENHO ESPORTIVO	Abordar dinâmicas de gênero no esporte, voltadas para questões de visibilidade e desempenho de atletas.
POLÍTICO- INSTITUCIONAL/PARTIDÁRIA	Referenciar figuras, instituições e posicionamentos políticos, entendendo aqui o termo “político” dentro do enquadramento institucional/partidário.
EXPRESSÕES DO FEMINISMO	Fazer uso de expressões características ou semelhantes às do movimento feminista.
OUTROS ATRAVESSAMENTOS	Abordar outros atravessamentos identitários que se cruzam com a vivência de gênero.
AFASTAMENTO DA PAUTA DE GÊNERO/IDENTITÁRIA	Afastar ou rejeitar a pauta de gênero; rejeitar dinâmicas de gênero colocadas em pauta; utilizar de argumentos que distanciam da temática de gênero.
EVOCAÇÃO DA FIGURA DA CRIANÇA/MENINA	Evocar a figura da criança/menina em torno de Rayssa, afastando a percepção de “criança” da ideia de gênero e do “ser mulher”.
IDENTIFICAÇÃO	Demonstrar identificação com a temática abordada ou com Rayssa; trazer relatos pessoais.
NÃO SE APLICA / INCONCLUSIVO	Não mencionar ou abordar gênero; não possuir dados o suficiente para inferências; abordar outros assuntos; disseminar correntes/spam.

Fonte: elaborado pela autora

As dimensões de atravessamentos dos *tweets*-motivadores e as categorias dos *tweets*-resposta foram elaboradas durante a pré-análise, ao longo da investigação do material. Para estes processos foi inicialmente usada a plataforma Miro para a elaboração de mapas mentais e rascunhos acerca das possibilidades de sistematização dos *tweets*. Em uma segunda etapa, as publicações foram registradas em planilhas, e, assim, foram determinadas as dimensões e as categorias.

A efetiva categorização dos *tweets* coletados corresponde à etapa de exploração do material. Esta etapa é definida pela sistematização das decisões que foram feitas na pré-análise, sendo a parte de codificação do conteúdo do corpus selecionado, a partir das definições que foram feitas previamente (BARDIN, 1977). Assim, durante a exploração do material, os *tweets* foram classificados conforme as categorias elaboradas.

Por fim, na etapa de tratamento dos resultados obtidos e interpretação, “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (falantes) e válidos” (BARDIN, 1977, p. 101). Assim, nesta etapa os resultados obtidos são organizados e podem ser elaboradas inferências a partir do material. O desenvolvimento desta etapa consta nos subcapítulos a seguir.

4.2 DESENVOLVIMENTO DA ANÁLISE


Tendo as conversações observadas e selecionadas, a análise do material se dá a partir da divisão de atravessamentos elaborada, que resultou em três dimensões de conversações. Assim, a análise será dividida nessas dimensões, buscando compreender de que forma cada temática surgiu nas conversações de cada atravessamento.

4.2.1 Papéis de gênero


Conforme descrito na tabela 3, os *tweets*-motivadores que demonstram este atravessamento são aqueles que abordam a divisão de papéis na sociedade conforme o gênero dos indivíduos. A este atravessamento correspondem os seguintes tweets:

Tweet-motivador 1: Tomara q a Rayssa faça muitas meninas começarem a andar de skate! Não existe coisa de menino ou menina!

Tweet-motivador 2: Nossa fadinha, Rayssa Leal, aponta para o futuro três vezes: 1- não existe esporte só para meninos; 2- o estigma contra o skate tem que acabar; 3- o Brasil precisa levar a sério o investimento no esporte e seus atletas!

Tweet-motivador 3: Passei a infância e a adolescência sem ter visto uma menina andando de skate. Sempre quis aprender mas nhé. Não era "coisa de menina". Realizei meu sonho somente depois de adulta com mais de 40 anos. A luta feminista tem tudo a ver com essa nossa felicidade hoje ao ver Rayssa .

Tweet-motivador 4: Uma história de transformação de desafios em oportunidades e sonhos em realidade.

Rayssa Leal, Fadinha, você é uma menina de ouro! 

#ElasTransformam
@Rayssa_Leal_Sk8

Os tweets acima abordam papéis de gênero na medida em que, a partir da figura de Rayssa, debatem sobre limitações impostas a mulheres baseadas nos “papéis” a elas atribuídos. Os tweets-motivadores 1, 2 e 3 fazem referência às limitações impostas por “normas” de gênero no contexto do skate, esporte o qual, conforme abordado anteriormente, é, por vezes, tido como

“masculino” por seu caráter como esporte de impacto, sendo distanciado dos padrões de “feminilidade” que associam as mulheres à fragilidade e delicadeza, além dos reflexos históricos de imposição da maternidade às mulheres que às afastaram do universo esportivo (MACHADO, 2013; GOELLNER; KESSLER, 2018). O tweet 4, por sua vez, trata-se de uma campanha de incentivo a esportistas mulheres³³, e, com um vídeo de Rayssa Leal - patrocinada pela empresa em questão - posiciona-se contra a imposição de papéis que coloca as mulheres como incapazes em determinados contextos, neste caso, o esportivo.

Quanto às categorias dos *tweets*-resposta, os dados quantitativos estão organizados no quadro a seguir:

Quadro 5 – Dados quantitativos - Papéis de gênero

Categoria	Quantidade
INCENTIVO/INFLUÊNCIA/IMPACTO/INSPIRAÇÃO	4
VISIBILIDADE/DESEMPENHO ESPORTIVO	0
POLÍTICO-INSTITUCIONAL/PARTIDÁRIA	6
EXPRESSÕES DO FEMINISMO	5
OUTROS ATRAVESSAMENTOS	1
AFASTAMENTO DA PAUTA DE GÊNERO/IDENTITÁRIA	6
EVOCAÇÃO DA FIGURA DA CRIANÇA/MENINA	3
IDENTIFICAÇÃO	13
NÃO SE APLICA / INCONCLUSIVO	63

Fonte: elaborado pela autora

Considerando as categorias propostas para a análise dos *tweets*-resposta, a única categoria que não foi observada nas conversações promovidas a partir do atravessamento de papéis de gênero foi a de “visibilidade/desempenho esportivo”. As demais temáticas se fizeram presentes, com destaque às de “identificação”, “afastamento da pauta de gênero/identitária”, “expressões do feminismo” e “político-institucional/partidária”. Publicações que não participam do debate de gênero foram categorizadas como “não se aplica/inconclusivo”.

A temática da “identificação” surge, principalmente, a partir da evocação de relatos pessoais, os quais permitem inferir que os usuários enxergaram na conquista de Rayssa um tensionamento de papéis de gênero que remete às suas vivências pessoais. Nestes relatos, os usuários rememoram experiências em que o gênero foi um limitador na prática esportiva de

³³ ELAS TRANSFORMAM - MRV. Projeto #ElasTransformam. Mrv, [s.l.], [202?]. Disponível em: <https://elastransformam.mrv.com.br/sobre/>. Acesso em: 26 jul. 2023.

mulheres. Em diferentes tweets, são feitas referências a atividades tidas como “de menino” e atividades tidas como “de menina”, o que sinaliza uma divisão de papéis que, de acordo com o que relatam as publicações, se faz presente desde a infância.

Tweet-resposta 1: Saudades do tempo em que eu andava de skate na calçada, lá pelo final dos anos 70 ... Nunca foi uma habilidade de Raissa, mas eu me divertia fazendo esporte de menino... Que todas as meninas possam experimentar a liberdade de escolher o que quiser fazer

Tweet-resposta 2: Lembrei um amigo de infância. A irmã dele queria jogar bola com os moleques na rua, todo mundo com seus 10 anos de idade, 1990. A família ainda mais machista que a média e o irmão proibiu. A gente falou que ele só jogaria se ela entrasse no time também. E ela jogava até melhor.

A “identificação” por parte dos usuários que suscitou o compartilhamento de relatos pessoais remete a uma importante dinâmica que ocorre no espaço das redes sociais digitais, no que diz respeito à uma espécie de “coletivização” de vivências particulares, em um ambiente de trocas entre usuários em que há uma permeabilidade entre o que é público e o que é privado (RECUERO, 2012). Considerando a temática de gênero, vale lembrar que o feminismo foi um movimento que beneficiou-se dessa característica da comunicação digital, utilizando a potência dos relatos pessoais como importantes vozes para sua luta e reivindicações (COSTA, 2012). Nesse sentido, nota-se a importância do enorme alcance da conquista de Rayssa Leal, que, na medida em que causa um efeito de identificação, suscita o compartilhamento de relatos pessoais que revelam lógicas imbricadas no meio social.

Nestas conversações, os tweets que representam um “afastamento da pauta de gênero/identitária”, trazem argumentos que se posicionam de forma oposta àqueles do viés de identificação. Nesse sentido, é possível perceber nas publicações uma negação das dinâmicas de gênero que limitam as mulheres, em argumentos como “não existe esporte só para meninos”. Ainda, há tweets que acusam os usuários que iniciaram o debate de “oportunistas” diante da figura de Rayssa. O antifeminismo também se faz presente nestas publicações. Tais afirmações, portanto, afastam a pauta de gênero na medida em que compreendem que ela não é necessária, ou mesmo que é digna de rejeição.

Tweet-resposta 3: Não existe esporte só para meninos;E desde quando os esportes só foram destinados só aos meninos? sempre existiu as meninas e os meninos fazendo o mesmo esporte e falo nisso na modalidade radical.que conversa fiada e ainda tem gente que acredita nisso.

Tweet-resposta 4: Vcs ajudaram em que quando ela precisou?? Vai Lacrar na PQ P. ... APROVEITADORES...

Tweet-resposta 5: Parem com feminismo. Atraem rejeição. Quem é neutro, odeia issk

O viés “político-institucional/partidário” surge a partir da citação a figuras e medidas políticas e da oposição a determinados posicionamentos políticos. Quanto à citação de figuras políticas, pode ser destacada a menção à figura de Damares - à época ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo de Bolsonaro - e seu posicionamento diante de dinâmicas relativas a papéis de gênero. Durante seu mandato, Damares reforçou ideias como “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”³⁴, em um posicionamento conservador que prega a manutenção de tais papéis. Tal fala foi lembrada de forma negativa pelos usuários.

A figura de Jair Bolsonaro - presidente do Brasil à época - também foi citada, creditando este por sua medida de redução de impostos do skate, a qual permitiria o surgimento de “mais Rayssas”. Vale retomar que, conforme abordado nos capítulos teóricos (ALEGRETTE, 2021), figuras como Jair Bolsonaro são representativas de posicionamentos que se opõem ao debate de gênero e pregam valores conservadores. O ex-presidente também é citado de forma negativa, em um *tweet* que cobra do usuário do *tweet*-motivador 4 uma posição de repúdio a Bolsonaro.

A presença de tweets de viés “político-institucional/partidário”, portanto, surge aliando posicionamentos quanto às lógicas de gênero a figuras e correntes políticas, e apontando a defesa do conservadorismo a papéis de gênero mais “tradicionais”. Nesse sentido, Rayssa, ao conquistar destaque no skate feminino, parece colocar em tensão tais valores.

Tweet-resposta 6: É o fim da era "Meninos andam de skate, e meninas aprendem a fritar ovo e coar café senão não podem casar". Engulam essa, conservadores 🙄

Tweet-resposta 7: Só na cabeça da Damares, q identifica as pessoas por cor 😏 Rayssa vai inspirar muitas jovens 🍷🍷🍷🍷🍷🍷🍷

Tweet-resposta 8: Que bom que o Governo zerou impostos sobre skates , ...que venham muitas Rayssas. 🙌🙌🙌🙌🙌

Tweet-resposta 9: Lindo vídeo. Só falta agora repudiar o bozo!

Publicações contendo “expressões do feminismo” evocaram reivindicações feministas que posicionam-se contra imposições de gênero limitantes às mulheres, defendem a união feminina e destacam a luta das mulheres. A presença de tais expressões nas publicações sinaliza a presença do feminismo como movimento no ambiente online, e a replicação destas frases no contexto da vitória de Rayssa demonstra que usuárias feministas encontraram em sua figura uma representação de conquistas femininas. Cabe destacar que o uso de *hashtags* se fez

³⁴ G1. Em vídeo, Damares diz que 'nova era' começou: 'meninos vestem azul e meninas vestem rosa'. **G1**, Brasília, 03 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2023.

presente, o que é interessante vide a importância que o recurso carrega na disseminação de campanhas do movimento feminista (COSTA, 2018).

Tweet-resposta 10: Lola sempre precisa. Lugar de mulher é onde ela quiser.

Tweet-resposta 11: Feliz por você ter realizado seu sonho! Feliz pela reconexão que Rayssa e Rebeca Andrade nos proporcionaram com o Brasil que admiramos! #Lutecomoumagarota

Tweet-resposta 12: A voz de uma é a voz de todas! #ElasTransformam

Apesar de em menor frequência, as temáticas de “incentivo/influência/ impacto/inspiração”, “evocação da figura da criança/menina” e “outros atravessamentos” também surgiram no debate.

Tweets que abordam “incentivo/influência/impacto” citam Rayssa como figura de inspiração para outras mulheres para a prática esportiva. Em um *tweet* Daiane dos Santos também é lembrada como figura feminina influente para meninas iniciarem no esporte. Aqui, pode-se perceber como a visibilidade de atletas como Rayssa contribui para mudanças nos paradigmas dos esportes, uma vez que sua figura serve de modelo para que outras mulheres enxerguem nesse universo uma possibilidade.

Tweet-resposta 13: Vai fazer. Lembro quando surgiu a Daiane dos Santos, toda menina queria fazer ginástica.

Tweet-resposta 14: Hj a caminho do trabalho já vi uma mocinha de skate em uma ciclofaixa :)

A evocação da figura da criança/menina, por sua vez, surge, em grande parte das publicações nesta categoria, como uma forma de distanciamento da figura de Rayssa da pauta de gênero e da figura da “mulher”, por conta da idade da atleta. É interessante perceber aqui um contraste entre as publicações anteriormente citadas, que, a partir de menções a lembranças da infância, refletem sobre dinâmicas de gênero. Assim, é possível perceber dois posicionamentos distintos nas publicações: 1) usuários que reconhecem a presença de dinâmicas desiguais desde a infância; 2) usuários que distanciam a pauta de gênero da figura da “criança/menina”.

Tweet-resposta 15: Nunca diga para uma CRIANÇA que ela não consegue! Vai lacrara lá na....

Tweet-resposta 16: Mas ninguém disse que ela não podia por ser mulher KKKKKKKKKKKKKKKKKKKK duvidaram que ela podia por ser criança

Tweet-resposta 17: peello qe eu saiba ela ainda é uuma crriança

Por fim, a categoria “outros atravessamentos” surge no debate a partir de apenas um *tweet*, que, a partir de uma experiência individual, relata uma dificuldade de acesso à prática do skate na infância por questões financeiras. Tal relato chama a atenção para intersecções na vivências de mulheres que, para além das barreiras já existentes de gênero, adicionam dificuldades de acesso a determinadas atividades.

Tweet-resposta 18: No meu caso, foi pq nunca tive uma bicicleta, nem skate. Só por isso. Esse coisa de ser de menina ou não, não era o impedimento. Mas não ter grana. Era aluguel, e comida, e só. Comecei a trabalhar com 14 anos...

Demais *tweets*-resposta, que não participam do debate de gênero ou são inconclusivos, foram categorizados como “não se aplica/inconclusivo”.

4.2.2 Masculino x feminino

O atravessamento “masculino x feminino” diz respeito a *tweets*-motivadores que abordam comparações no âmbito esportivo entre atletas mulheres e atletas homens. As seguintes publicações correspondem a estes critérios:

Tweet-motivador 5: @Rayssa_Leal_Sk8 Será que se fosse um menino de 13 anos teria esse mesmo engajamento?

Tweet-motivador 6: as meninas se estabacando no concreto, cotovelo no chão, sangue pingando e não se ouve um grito. No futebol o marmanjo leva um totó já cai gritando desesperado com a mão pra cima, parece um bombardeio da Segunda Guerra Mundial. Parabéns @Rayssa_Leal_Sk8 !"

O universo esportivo, na medida em que impacta e é impactado pela ordem social, possui reflexos de lógicas desta ordem e, nesse sentido, as dinâmicas de gênero se fazem significativamente presentes (CAFEO; MARQUES, 2019). Isso significa dizer, portanto, que as vivências masculina e feminina são distintas, conforme os padrões que lhes são atribuídos pelo modelo social. Como abordado por Goellner (2006, p. 85), no contexto brasileiro “ao longo da história do esporte nacional foram e são distintos os incentivos, os apoios, as visibilidades, as oportunidades, as relações de poder, conferidos a mulheres e homens, seja no âmbito da participação, seja na gestão e administração”. O atravessamento presente nos *tweets* acima apresenta justamente comparações entre as vivências, em termos de reconhecimento e performance conforme o gênero dos atletas.

O *tweet*-motivador 5 aborda um questionamento quanto ao alcance de Rayssa Leal e sua conquista, discutindo se a reverberação seria a mesma caso, no lugar da atleta, fosse uma figura

masculina. Considerando que a dinâmica de visibilidade esportiva no skate costuma privilegiar homens e desfavorecer mulheres - conforme observado na investigação teórica - pode-se compreender que o usuário aponta que Rayssa estaria recebendo mais atenção do que no caso de um homem em seu lugar. Pode-se sugerir que tal apontamento diz respeito à repercussão do feito de Rayssa por seu caráter questionador de papéis de gênero, ou seja, a atleta teria se destacado “apenas por ser mulher”. Este tipo de posicionamento chama a atenção para a presença de posturas conservadoras quanto à pauta de gênero no Twitter, posicionando-se em oposição a esta. Estas posturas fazem parte da variedade de vozes que surgem em torno da temática nas publicações em sites de redes sociais (VENCATO, 2017).

O *tweet 2*, por sua vez, expande o debate esportivo citando outra atividade, o futebol. Aqui, o que se coloca em comparação é a performance esportiva de atletas mulheres e atletas homens. O usuário compara a intensidade e resistência das participantes da competição na prática do skate com as constantes quedas de jogadores de futebol masculino durante as partidas, de forma a exaltar as skatistas em detrimento dos futebolistas. Ante a esta comparação, é interessante lembrar que uma das barreiras para a prática do skate para mulheres se dá justamente por seu caráter como esporte radical e de impacto, tido como impróprio para a fragilidade do gênero feminino (MACHADO, 2013). O usuário, portanto, enaltece a postura das skatistas diante das quedas e riscos do esporte.

Nas conversações suscitadas por estes *tweets*, as respostas evocam as temáticas de “visibilidade/desempenho esportivo” e “afastamento da pauta de gênero/identitária”. Demais publicações foram categorizadas como “não se aplica/inconclusivo”. A quantificação dos *tweets* conforme as categorias consta no quadro a seguir.

Quadro 6 – Dados quantitativos - Masculino x feminino

Categoria	Quantidade
INCENTIVO/INFLUÊNCIA/IMPACTO/INSPIRAÇÃO	0
VISIBILIDADE/DESEMPENHO ESPORTIVO	9
POLÍTICO-INSTITUCIONAL/PARTIDÁRIA	0
EXPRESSÕES DO FEMINISMO	0
OUTROS ATRAVESSAMENTOS	0
AFASTAMENTO DA PAUTA DE GÊNERO/IDENTITÁRIA	4
EVOCAÇÃO DA FIGURA DA CRIANÇA/MENINA	0
IDENTIFICAÇÃO	0
NÃO SE APLICA / INCONCLUSIVO	18

Fonte: elaborado pela autora

A categoria “visibilidade/desempenho esportivo” surge em *tweets* que reforçam a diferença de visibilidade entre esportistas mulheres e homens e *tweets* que exaltam a performance das mulheres esportistas, enquanto criticam a postura dos homens. O primeiro viés surge na conversação em torno do *tweet*-motivador 5, de forma que os *tweets*-resposta demonstram discordância em relação à ideia de que Rayssa teria mais visibilidade em relação a uma figura masculina. As publicações demonstram um ponto de vista que compreende que os homens são favorecidos em relação a mulheres em termos de alcance no meio esportivo. Nesse sentido, Machado (2013, p. 2) traz que, historicamente no skate, “a masculinidade sempre foi tida como referência, com os homens representados na condição de sujeitos”. Goellner (2006) em sua revisão das dinâmicas de gênero no esporte também aponta diferença de visibilidades entre homens e mulheres nos esportes, em privilégio das figuras masculinas e em detrimento das femininas. As publicações que apontam tal desigualdade, portanto, encontram correspondência com o que afirmam os autores, e condizem com a realidade de muitas mulheres esportistas.

Tweet-resposta 19: A pelo amor de Deus presta atenção no que se tá falando, os meninos sempre foram mais valorizados nos esportes é todo mundo sabe disso, só porque ela tá fazendo sucesso você vem querer meter esse papo!, porque se fosse ao contrário eu tenho certeza que você estaria babado ovo

Tweet-resposta 20: Se ele fosse tão carismático, até mais com certeza

O segundo viés destaca a postura esportiva das mulheres, elogiando sua performance diante da intensidade esportiva. É interessante, nesse sentido, perceber este ponto de vista no contexto de práticas esportivas de maior intensidade e impacto, uma vez que tais atividades foram historicamente distanciadas das mulheres no contexto nacional (GOELLNER; KESSLER, 2018; MACHADO, 2013). Pode-se compreender que isso sinaliza, em certo sentido, um caminho de reconhecimento das atletas nestas modalidades, distanciando-se das noções de fragilidade associadas a estas. A crítica à performance dos homens também é expressada.

Tweet-resposta 21: Para quem acompanha o futebol feminino tá acostumado que esse negócio de unha quebrada rola só no masculino... valorizar falta é só para quem tá deitado em berço esplêndido.

Tweet-resposta 22: Muita verdade. Vc viu o pé da Pamela? Ela competiu daquele jeito e ninguém percebeu.

³⁵

Tweet-resposta 23: vdd,homem e mole

³⁵ ROSA, Pâmela. **Obrigada Mais uma vez enfrentei uma competição...**[S.l.], 26 jul. 2021. Instagram: @pamelarosaskt. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CRxLJRKNUYi/?img_index=2. Acesso em: 5 ago. 2023

A categoria “afastamento da pauta de gênero”, por sua vez, surge, principalmente, a partir de pontos de vista que justificam a diferença de performance entre mulheres e homens unicamente por características inerentes à prática esportiva em si, distante de dinâmicas baseadas em gênero. As publicações que podem ser enquadradas nesta categoria foram feitas todas em relação ao *tweet*-motivador 6. Ao distanciar da temática de gênero, tais *tweets*-resposta demonstram uma compreensão de que as diferenças devem-se apenas por fatores dos esportes em si. É relevante perceber aqui que, apesar de não assumirem um caráter de ataque à pauta de gênero, estes *tweets*-resposta afastam a conversa da temática. Cabe destacar, ainda, que apesar de serem válidos também os apontamentos às dinâmicas relativas às regras e estratégias de cada modalidade, o esporte, como reflexo da realidade social, é marcado por tensões no que se refere a gênero (CAFEO; MARQUES, 2019) que adicionam diferenças na vivência de mulheres e homens para além das “regras do jogo” em si. Conforme mencionado acima, o destaque à resistência das atletas expostos no *tweet*-motivador 6, portanto, assume outros significados, uma vez que denota mudanças nos modos de perceber as mulheres no meio esportivo, diante de representações de “fragilidade”.

Tweet-resposta 24: Pq no futebol existe a possibilidade de expulsar o jogador do outro time caso ele te machuque.

Tweet-resposta 25: Estratégia, campeão.

Mata o ritmo de jogo, pode ser pra desconcentrar o time adversário também ou só cavar falta mesmo.

Tanto é que em 99% das faltas os jogadores levantam depois tranquilamente, as vezes nem atendimento pedem

O restante das publicações coletadas destas conversações, ao não atenderem o debate de gênero ou serem inconclusivas, foram categorizadas como “não se aplica/inconclusivo”

4.2.3 Representatividade/identidade

O atravessamento representatividade/identidade diz respeito a *tweets*-motivadores que abordam o impacto representativo da figura de Rayssa, bem como aqueles que destacam fatores identitários da jovem, em especial o fator de gênero. Os *tweets*-motivadores enquadrados nesse atravessamento são os seguintes:

Tweet-motivador 7: Rayssa será ídola de geração de meninos no skate. Isso é gigante

Tweet-motivador 8: Bom dia ainda comemorando a emocionante medalha de prata da Rayssa. 🙄 @Rayssa_Leal_Sk8, você é ridícula! [contém imagem de entrevista legendada em que Rayssa fala sobre representar outras meninas]

Tweet-motivador 9: Estou emocionado Pai de menina e brasileiro Obrigado por isso @Rayssa_Leal_Sk8

Tweet-motivador 10: Mulher Nordestina Jovem Skatista Medalhista olímpica aos 13 anos! Rayssa é o Brasil que a gente merece.

Tweet-motivador 11: 13 anos!! Que mulher é Rayssa! Fenômeno 🙌🙌

Tweet-motivador 12: Precisamos falar de mulheres que apoiam mulheres. A atleta Letícia Bufoni esteve ao lado de Rayssa Leal mesmo após ser eliminada. São duas das melhores skatistas do mundo mostrando amizade, afeto e rivalidade saudável.

A partir destes tweets, é possível perceber as reverberações que surgiram em torno da identidade de Rayssa, que gerou efeitos representativos e de identificação. Como abordado durante as reflexões teóricas, as representações constroem-se a partir do meio social e nele impactam, estando ligadas a seus contextos a nível social e histórico (FRANÇA, 2005). Isso significa que as representações têm um caráter dinâmico, sendo transformadas na interação e comunicação entre os sujeitos (CORRÊA; SILVEIRA, 2014).

Considerando o contexto do skate feminino e das mulheres no esporte num geral, a figura de Rayssa contribui para o tensionamento de representações, na medida em que o grande alcance de seu feito coloca nos holofotes uma menina praticando um esporte de impacto que carrega em sua história a exclusão e sub-representação feminina (FOGLIATTO; MARQUES, 2019; FIGUEIRA; GOELLNER, 2013; MACHADO, 2013).

Vale também destacar que, conforme observado anteriormente, a representatividade identitária de Rayssa não está apenas no gênero, de forma que parte do público ressalta, também, questões de raça e geolocalização, reivindicando a nordestinidade e negritude da atleta. Aqui, é importante levantar que tais questões interseccionam-se com gênero, o qual não pode ser visto de forma isolada. Ou seja, questões como raça, geolocalização e classe encontram intersecções com a vivência do “ser mulher”, de forma que a opressão de gênero adquire diferentes contornos para diferentes mulheres. Podem ser retomados aqui os conceitos de Butler (2003), que ao rejeitar a busca por uma “unidade” na definição do “ser mulher”, ressalta que tal unidade pode ser excludente, o que chama atenção para o fato de que o feminismo deve compreender os demais atravessamentos identitários da vivência feminina. Conforme aborda Hollanda (2018), a atual onda do feminismo chama a atenção para estas intersecções, sendo marcada pela atuação dos feminismos da diferença. Nesse contexto, portanto, a figura de Rayssa tem enorme caráter representativo, e publicações como o *tweet*-motivador 10 expressam isso.

A partir destas considerações, é possível perceber que os *tweets* acima citados destacam o impacto representativo de Rayssa e chamam a atenção para sua identidade, principalmente no

que diz respeito a sua identificação como mulher. Quanto às categorias dos *tweets*-resposta, os dados quantitativos encontram-se no quadro a seguir.

Quadro 7 – Dados quantitativos - Representatividade/Identidade

Categoria	Quantidade
INCENTIVO/INFLUÊNCIA/IMPACTO/INSPIRAÇÃO	4
VISIBILIDADE/DESEMPENHO ESPORTIVO	4
POLÍTICO-INSTITUCIONAL/PARTIDÁRIA	4
EXPRESSÕES DO FEMINISMO	3
OUTROS ATRAVESSAMENTOS	8
AFASTAMENTO DA PAUTA DE GÊNERO/IDENTITÁRIA	14
EVOCÇÃO DA FIGURA DA CRIANÇA/MENINA	9
IDENTIFICAÇÃO	7
NÃO SE APLICA / INCONCLUSIVO	170

Fonte: elaborado pela autora

A temática que surge com mais expressividade nos *tweets*-resposta a estas conversações é a de “afastamento da pauta de gênero/identitária”. O tema aparece, principalmente, de duas formas nas conversações: uma em tom mais crítico, rejeitando a pauta de gênero e identitária; outra a partir da evocação de características do esporte em si, afastando a questão de gênero como algo determinante.

Quanto ao primeiro tom, os usuários demonstram uma posição oposta ao discurso voltado para a identidade e o gênero de Rayssa. Há publicações que atacam a pauta de gênero e identitária e publicações que defendem que tais características não são relevantes e não foram necessárias para a conquista da atleta. A oposição explícita ao debate de gênero em algumas publicações é um reflexo da presença destes posicionamentos frente à pauta nas discussões que se dão no ambiente digital em torno da temática. Conforme citado anteriormente, tais expressões são constantes nas redes sociais digitais, e estão muitas vezes ligadas a posições políticas mais conservadoras, que rejeitam discussões de caráter identitário (ALEGRETTI, 2021; VENCATO, 2017).

Tweet-resposta 26:

(
 Encantadora
 Talentosa
 Promissora
 Fofa
 Simpática
 Alto astral
 Inspiradora
 ...
)

>>>>>>>>

(características que a turma do discurso identitário se preocupa).

Tweet-resposta 27: Que merda é essa de "idola"? Querem enfiar essa pauta sobre gênero em tdo Parece um bando de retardado Ela vai ser ídolo de uma geração É isso

Tweet-resposta 28: Foda-se se ela é ou não nordestina. Que merda vocês tem na cabeça? Por acaso o nordeste deixou de ser Brasil?

Referente ao segundo tom, que surge principalmente relacionado ao tweet-motivador 12, os usuários afastam a temática de gênero na medida em que utilizam argumentos baseados em dinâmicas esportivas para justificar determinados fenômenos, o que, em certa medida, nega a questão identitária como um fator relevante para a situação. Nesse sentido, podem ser destacados *tweets* que, em resposta ao *tweet*-motivador 12, explicam que as formas de interação entre as atletas referem-se não necessariamente a questões de gênero, mas a características próprias da comunidade skatista. Tal posicionamento remete a aspectos do skate levantados na investigação teórica, na qual os autores de referência definem o esporte como marcado por uma cultura comum entre os praticantes (BRANDÃO, 2006; FOGLIATTO, 2021), o que pode-se inferir que contribui para um senso de comunidade entre estes.

Tweet-resposta 29: Normalmente o surf e o skate são esportes muitos competitivos, mas de muita amizade. Nem sempre o outro vai torcer para o outro se dar mal e sim torce para si, no intuito que suas manobras sejam boas o suficiente para impressionar juízes. Ou seja, elevar o nível!

Tweet-resposta 30: Isso é bem comum no esporte (skate), o problema é quando a confederação cria clima entre atletas.

A categoria referente à “evocação da figura da criança/menina” também foi expressiva nos *tweets*-resposta destas conversações. Nestas publicações, os usuários chamam a atenção para a idade de Rayssa, e argumentam que esta deve ser referenciada como criança ou menina, rejeitando o uso do termo “mulher” para referenciar a atleta. Estão presentes também publicações que somam esta argumentação à recusa do debate de gênero que surge em torno da jovem. Vale destacar uma publicação que argumenta que a associação de Rayssa a uma representatividade seria um “fardo” para uma criança.

A partir de tais publicações, podemos inferir que, para os usuários, a identidade “mulher” refere-se à vida adulta, e que Rayssa, na condição de “menina” deve ser distanciada do discurso identitário e de gênero. O termo “mulher” aqui, portanto, adquire uma conotação que expande seu conceito, correspondendo a uma performatividade que cabe a figuras adultas, e não à infância. Pode-se perceber aqui, portanto, diferentes compreensões do “ser mulher”, o que destaca a complexidade do debate de gênero no meio social.

É interessante perceber, também, que o afastamento da figura de Rayssa do debate de gênero a partir da figura da “criança” parece ignorar a existência de dinâmicas que impactam a vida de meninas desde a infância, e que não estão, portanto, restritas à vivência de mulheres na condição de adultas. Tal argumentação contrasta com outros relatos de usuários que, a partir da figura de Rayssa, evocam momentos da infância em que dinâmicas baseadas em gênero tiveram impactos em suas vivências.

Tweet-resposta 31: Se começar a lacação eu vou perder a paciência... A menina é pura ... Se vcs mexerem com a cabeça dessa menina ... olha meu

Tweet-resposta 32: que mulher não, QUE MENINA ❤️❤️👉 skate é isso caralho

Tweet-resposta 33: Gente Ela representa muito pra gente e tal, mas... Que tal a gente ver uma criança antes de tudo?! O fardo de representatividade em uma pessoa adulta já é MUITO pesado. Imagina para uma criança de 13 anos. Criança tem que brincar, ok?! Nosso dever é proporcionar isso pra ela.

“Outros atravessamentos” também são evocados nestas conversações. O principal atravessamento citado nas respostas destaca a nordestinidade de Rayssa. Isso demonstra como a representatividade da jovem skatista expande-se para além de gênero, e destaca outros fatores identitários da atleta que impactam sua vivência, ou seja, Rayssa carrega consigo não apenas o “ser mulher”, mas também o “ser nordestina” e outros atravessamentos. A questão de raça também é levantada em um *tweet*, que afirma que a jovem não seria considerada branca em determinados países. Aqui, parece haver uma referência à latinidade de Rayssa. Pode-se perceber, mais uma vez, a interseccionalidade no que diz respeito à representatividade de Rayssa, que carrega em sua vivência como mulher questões de raça e geolocalização, conforme as publicações destacam. É interessante aqui perceber que, portanto, Rayssa é representativa em diferentes aspectos da sua identidade e, assim, na soma destes aspectos.

Cabe, também, destaque a um atravessamento identificado em apenas um *tweet* desta coleta, no que se refere à religiosidade da skatista.

Tweet-resposta 34: Meu Maranhãoooo muito bem representado 🇧🇷🇺🇦 Vaaaaai Brasil Vaaaai Maranhãoooo BR

Tweet-resposta 35: E ela não é branca no Japão, na China, Rússia, Alemanha, Canadá...

Tweet-resposta 36: Quero ver quem vai reclamar dos "paraibas"?
Gente querida arretada!
Parabéns princesinha do nordeste.
Vem mais dessa gente arretada, por aí!

Tweet-resposta 37: Cristã TB!

A “identificação” com Rayssa surge principalmente em torno do *tweet*-motivador 9, e se dá, em grande parte das publicações, a partir de pais e mães de filhas mulheres que, na figura da atleta, encontram identificação e inspiração para suas filhas. É interessante perceber aqui que o poder representativo de Rayssa impacta espectadores em diversas formas, uma vez que a identificação aqui ocorre em diferente grau, na medida em que parte de figuras maternas e paternas que se sentem identificados em relação às figuras de suas filhas mulheres.

Tweet-resposta 38: Só de pensar que daqui há algum tempo pode ser as nossas, a minha, a sua... Tenho duas meninas, e por elas TUDO!

Tweet-resposta 39: É isso. E ainda por cima sou mãe de menina que tem cachinhos e sorriso dançante lindos como os da @Rayssa_Leal_Sk8 . LINDAS demais nossas meninas. Todas elas. ❤️

Tweet-resposta 40: Exatamente isso meu velho!! Para um pai de menina é especial!!!

Em menor frequência, as categorias temáticas “incentivo/influência/inspiração”, “visibilidade/desempenho esportivo”, “político-institucional/partidária” e “expressões do feminismo” também estiveram presentes nos *tweets-resposta*.

A temática “político-institucional/partidária” se faz presente nessas conversações principalmente a partir da referência à figura de Bolsonaro, presidente do país à época da competição. Há publicações que exaltam Rayssa como figura com impacto mais positivo para o país do que o presidente. Um dos tweets que critica o político faz referência a uma polêmica fala ³⁶em que este atribui à sua filha valores de “fraqueza”, por ser a sua única filha mulher. A figura de Rayssa, portanto, é neste contexto usada para debater política a nível institucional/partidário, e tecer reflexões acerca da figura representativa do presidente no que diz respeito a valores e ideais pregados por este, que, especialmente no âmbito de gênero, revelam misoginia e conservadorismo. Também foi identificada uma publicação que utilizou-se de viés político para criticar a pauta de gênero e outras pautas características do progressismo.

Tweet-resposta 41: Uma garota de 13 anos, já vez mais pelo país em questões ideológicas sobre igualdade, representatividade feminina nordestina, em poucas falas, do que o ancião que ocupa a cadeira da PR.

Tweet-resposta 42: Menina não! Menine. Apesar de Deus não existir espero que se existe que ajude sua fia a ser sapata, kenga e maconheira como vc deseja pra nossas filhas.

³⁶ GREGO, Maurício. Piada de Bolsonaro sobre sua filha gera revolta nas redes sociais: a “brincadeira” do parlamentar gerou revolta nas redes sociais, sobretudo do público feminino, que considerou suas palavras machistas e misóginas. **Exame**, [s.l.], 18 set. 2017. Disponível em: <https://exame.com/brasil/piada-de-bolsonaro-sobre-sua-filha-gera-revolta-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 30 jul. 2023

Publicações que abordam a força de influência de Rayssa destacam que a jovem servirá de inspiração para outras meninas - e meninos. Um dos *tweets* desta temática faz referência também às figuras anteriores a ela, como Letícia Bufoni e Pâmela Rosa, também participantes da competição de skate feminino das Olimpíadas. Tal observação chama atenção para a importância de figuras que, ao receberem visibilidade, têm impactos positivos de influência. Rayssa, inclusive, cita em entrevistas³⁷ que teve ambas as skatistas como referência e inspiração durante seu crescimento no esporte. Considerando o contexto do skate feminino, que muitas vezes se vê subrepresentado, a emergência de figuras representativas que ganham destaque na mídia tem enorme impacto na mudança de paradigma da modalidade esportiva. O aparecimento de publicações em torno de Rayssa, portanto, sugere que a atleta emerge como nova figura com potencial inspiracional para novas gerações de skatistas femininas. Vale, ainda, citar a observação *tweet* que aborda a atleta também como inspiração para meninos.

Tweet-resposta 43: Quantas Letícias, Pamelas e etc, estão no front, resistindo para abrir caminho às Rayssas desse mundo? O futuro depende de nós - juntas! 🍷

Tweet-resposta 44: Ela é inspiração pra muitas ❤️

Tweet-resposta 45: representou meninos também. que hoje estavam em cima de garrafa pet fazendo manobras

Expressões do feminismo também se fizeram presentes nas conversações, com frases que destacam o potencial das mulheres, a união feminina e a fuga de imposições de gênero. Em um dos *tweets* o uso de hashtag mais uma vez se faz presente.

Tweet-resposta 46: E veste o que ela quiser: azul, verde, cor de rosa, vermelho e muito mais 🍷🍷

Tweet-resposta 47: O mundo é delas!❤️❤️❤️

Tweet-resposta 48: Mulheres sempre apoiam mulheres. Dão remédio para cólicas umas as outras, enquanto os homens saem para o futebol. #Nóspornós

Por fim, a temática de visibilidade/desempenho esportivo foi evocada a partir da exaltação esportiva de Rayssa, das demais skatistas da competição e de outras atletas mulheres. Vale destacar uma publicação que, ao exaltar a skatista, a compara com “marmanjos” e clama por “mais Rayssas nesse Brasil desigual”.

³⁷ UOL. Rayssa Leal conta o que a motivou: 'Mostrar que skate não é só para menino'. **Uol**, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/2021/06/29/rayssa-leal-conta-o-que-a-motivou-mostrar-que-skate-nao-e-so-para-menino.htm>. Acesso em: 04 ago. 2023.

Tweet-resposta 49: Ridiculamente superior, aos 13 fazendo o q munto marmanjo não consegue. Pq inveja pouca é bobagem, né? PARABÉNS Rayssa!! Por mais Rayssas nesse Brasil desigual.

Tweet-resposta 50: Um momento de Oásis nessa Juventude linda! Geñte, e a Rebecca?? EU CHOREI vendo aquele desempenho, depois ouvi das lutas da menina, das cirurgias que teve que fazer. São muitas fadinhas, até no nado sincronizado!

Demais publicações, ao não abordarem gênero e, portanto, não se encaixarem nas categorias que refletem temas das publicações que participam do debate, foram categorizadas como “não se aplica/inconclusivo”.

4.3 REFLEXÕES FINAIS DA ANÁLISE

Após a exposição dos resultados e inferências da análise nas etapas anteriores, cabe aqui um fechamento visando uma conclusão diante dos dados avaliados, bem como adição de outros comentários relativos à pesquisa empreendida. Estas últimas reflexões também se propõem a visualizar os resultados gerais da investigação.

Antes de dissertar sobre os resultados, é interessante a reflexão sobre o espaço que as mídias digitais ocupam na expansão da visibilidade do skate feminino, espaço esse que assume diferentes formatos ao longo de sua história. Conforme observado na construção teórica, o skate feminino fez grande uso das mídias digitais em sua busca por visibilidade e reconhecimento e na formação de comunidades de skatistas mulheres (FIGUEIRA; GOELLNER, 2012). Foram criados blogs, sites e comunidades em redes sociais digitais visando estes fins, e obtendo sucesso no que diz respeito à expansão da luta por visibilidade e ao fomento da prática feminina do esporte. Olhando para o escopo desta pesquisa, que se baseia em discussões no Twitter em torno do skate feminino, pôde-se perceber como os espaços digitais seguem, de diferentes formas, contribuindo para a visibilidade e o reconhecimento da categoria. Sob outros significados, outros sujeitos, outros atores, outras formas de conversação, o uso do Twitter para comentar a modalidade também tem impacto positivo para o alcance do skate feminino e, assim como as estratégias das skatistas de fazer uso da Internet a seu favor, é mais um reflexo de como as mídias digitais contribuem para a disseminação da modalidade.

A evidenciação de diferentes debates de gênero em torno da participação de Rayssa no skate street feminino das Olimpíadas também traz uma interessante percepção: os comentários sobre esporte nas redes sociais digitais suscitam discussões para além da atividade esportiva em si, de forma que outros debates, como o de gênero, podem ser desdobrados pelo público. Pensando na revisão teórica desenvolvida nesta investigação, podem ser apontadas duas

questões que contribuem para o desenvolvimento destes debates: o universo esportivo como um reflexo da ordem social, conforme abordam Cafeo e Marques (2019); as potencialidades das redes sociais digitais como espaço de expressão de uma Esfera Pública, de acordo com Martino (2014) a partir do conceito de Habermas (1962).

Quanto ao primeiro ponto, na medida em que o esporte reflete lógicas da sociedade, ele permite que surjam discussões de interesse social em torno de suas práticas, o que, conforme foi observado, acontece no que diz respeito ao debate das dinâmicas de gênero a partir do skate. Relativo ao segundo ponto, uma vez que as redes sociais digitais promovem discussões de temas de relevância social entre os usuários, estas se tornam ambiente propício para debates desencadeados por conversações em torno do consumo de produtos midiáticos, como assim foi em relação à transmissão do skate feminino. Estes dois pontos, portanto, podem auxiliar na compreensão de como o evento reverberou nas mídias digitais evocando perspectivas de gênero.

Quanto às mídias que estão envolvidas neste episódio, é necessário destacar, além das mídias digitais, a televisão como suporte de transmissão do evento. A transmissão televisiva da competição em um evento de grande visibilidade como as Olimpíadas representa um enorme alcance para o skate feminino. A “soma” da mídia tradicional televisiva e das mídias digitais a partir dos fenômenos de segunda tela e convergência midiática representa, no contexto de uma modalidade que luta contra a sub-representação, um impacto ainda maior no que diz respeito à visibilidade. Assim, a televisão tem importante papel como meio de grande alcance e a Internet colabora para a reverberação do evento. Nesse sentido, conforme evidenciam as perspectivas de Orozco (2011) e Jacks (2015), percebe-se aqui que as mídias digitais não representam um apagamento das mídias anteriores, mas, sim, novas formas de comunicar, as quais, muitas vezes, dialogam com as mídias tradicionais.

Postas estas discussões, cabe, então, observar os resultados finais da investigação empreendida. Para tanto, no quadro abaixo estão expostos os temas de maior recorrência conforme cada atravessamento:

Quadro 8 – Temas de maior recorrência conforme o atravessamento

Temas mais mencionados, por ordem de aparição	Atravessamentos		
	Papéis de gênero	Masculino x Feminino	Representatividade/Identidade
1	IDENTIFICAÇÃO (13)	VISIBILIDADE/DESEMPENHO ESPORTIVO (9)	AFASTAMENTO DA PAUTA DE GÊNERO/IDENTITÁRIA (14)
2	AFASTAMENTO DA PAUTA DE GÊNERO/IDENTITÁRIA / POLÍTICO-INSTITUCIONAL/PARTIDÁRIA (6 cada)	AFASTAMENTO DA PAUTA DE GÊNERO/IDENTITÁRIA (4)	EVOCAÇÃO DA FIGURA DA CRIANÇA/MENINA (9)
3	EXPRESSÕES DO FEMINISMO (5)		OUTROS ATRAVESSAMENTOS (8)
4	INCENTIVO/INFLUÊNCIA/IMPACTO/INSPIRAÇÃO (4)		IDENTIFICAÇÃO (7)
5	EVOCAÇÃO DA FIGURA DA CRIANÇA/MENINA (3)		INCENTIVO/INFLUÊNCIA/IMPACTO/INSPIRAÇÃO / VISIBILIDADE/DESEMPENHO ESPORTIVO / POLÍTICO-INSTITUCIONAL/PARTIDÁRIA (4 cada)

Fonte: Elaborado pela autora

A observação do quadro permite perceber a diversidade de temas que estiveram presentes nas conversações. As categorias predominantes para cada atravessamento foram as seguintes: “identificação” para “papéis de gênero”; “visibilidade/desempenho esportivo” para “masculino x feminino”; e “afastamento da pauta de gênero/identitária” para “representatividade/identidade”.

A predominância da categoria de “identificação” nas conversações que partem do atravessamento “papéis de gênero” mostra que temática evocou nos usuários experiências

peçoais de como os papéis definidos a partir do gênero impuseram limitações a vivências femininas. O protagonismo da categoria “visibilidade/desempenho esportivo” a partir de conversações marcadas pelo atravessamento “masculino x feminino”, por sua vez, demonstra que o público encontrou, a partir do skate feminino e da medalha conquistada por Rayssa, formas de debater diferenças na vivência esportiva de homens e mulheres, bem como de destacar a performance das atletas femininas. Por fim, a notável frequência da categoria “afastamento da pauta de gênero/identitária” junto ao atravessamento “representatividade/identidade” parece refletir parte das tensões que o debate evoca entre os usuários brasileiros, suscitando muitos posicionamentos contrários à discussão.

Buscando os resultados gerais da coleta, nota-se que a categoria com maior frequência no total foi a de “afastamento da pauta de gênero/identitária”. É interessante perceber a aparente contradição no fato de que o afastamento da pauta foi, justamente, o tema de maior presença nas conversações sobre gênero coletadas. Isso expõe o fato de que negar ou se opor ao debate de gênero e identitário é, também, falar sobre gênero e identidade. Este resultado revela, portanto, a grande presença de discursos que se opõem à pauta, no que é, conforme observado, normalmente acompanhado por posicionamentos conservadores. Isto destaca a percepção da presença de vozes dissonantes nas discussões evocadas em torno de Rayssa e do skate feminino.

A presença de posicionamentos e vozes dissonantes no debate de gênero empreendido diz respeito não à diversidade de categorias temáticas, mas, sim a uma diversidade de posicionamentos em relação à discussão. Conforme já apontado, essas dissonâncias estão presentes nas redes sociais digitais. Observar isso em um evento específico - que foi a competição de skate feminino - reforça que estas tensões são uma constante quando o assunto é gênero em conversações de plataformas como o Twitter. As mídias digitais possibilitam, então, o encontro destas vozes opostas, o que reflete aspectos políticos da população brasileira.

Por fim, cabe aqui a conclusão de que a transmissão do skate feminino nas Olimpíadas e, em especial, a performance de Rayssa Leal competição, foram grandes instigadores do debate de gênero. Rayssa, nesse sentido, teve enorme significado representativo como figura feminina. Sua figura tensiona papéis de gênero, dinâmicas desiguais no esporte, noções de identidade, interseccionalidade e representatividade e, assim, contribui para a expansão de debates que questionam normas sociais. Como mulher, Rayssa representa os frutos de lutas de mulheres anteriores e, também, uma abertura de portas para mulheres que podem se inspirar em sua figura. Afinal, o chamado “efeito Rayssa Leal” é, também, usar o skate - um esporte tido como majoritariamente masculino - para falar delas. Das mulheres.

5 CONCLUSÃO

Vide o desenvolvimento teórico e a análise empreendida, toma-se este espaço para reflexões finais a respeito dos resultados e dos processos que envolveram este trabalho de pesquisa. Primeiramente, é necessário revisitar o problema e os objetivos propostos. O problema de pesquisa definido pelo questionamento: “quais os atravessamentos de gênero que permearam a recepção da participação de Rayssa Leal no campeonato de skate street feminino das Olimpíadas de 2020 pelo público brasileiro no Twitter?” foi respondido durante a análise, observando os atravessamentos de gênero das publicações que iniciaram discussões em torno do assunto na plataforma. O objetivo geral de “identificar quais temáticas que emergiram do debate de gênero nas publicações feitas por brasileiros no Twitter a respeito da participação da atleta Rayssa Leal na estreia do skate nas Olimpíadas de 2020, considerando o contexto de desigualdade enfrentado por mulheres na prática do esporte” foi atingido, a partir da coleta e posterior análise - inspirada em uma análise de conteúdo categorial - de publicações que atendiam à proposição do objetivo. A sistematização do material permitiu observar as principais temáticas envolvidas no debate de gênero em torno de Rayssa e sua performance na competição.

Quanto ao objetivo específico “a” - “contextualizar a discussão da visibilidade do skate street feminino” - ele foi atingido durante a construção teórica deste trabalho, mais precisamente nos capítulos voltados para compreender o skate como um todo e o skate feminino. As leituras dos referenciais teóricos e a sistematização destes conhecimentos em texto corresponderam ao atingimento deste objetivo, a partir, portanto, do método de pesquisa bibliográfica proposto por Stumpf (2005). O uso do método foi efetivo para o alcance do objetivo proposto.

O objetivo específico “b” - “mapear quais atravessamentos de gênero estão presentes nas percepções dos brasileiros no Twitter” - foi atingido a partir do exercício empírico efetuado na análise. O atingimento deste objetivo corresponde às dimensões criadas a partir dos *tweets*-motivadores, as quais se referem aos atravessamentos de gênero percebidos no material captado. Os atravessamentos de gênero presentes nas discussões dos brasileiros a partir do recorte utilizado para a investigação foram: “papéis de gênero”, “masculino X feminino” e “representatividade/identidade”. Com base nestas dimensões, portanto, foram discutidas as formas como “gênero” foi evocado no Twitter a partir de Rayssa Leal e sua participação no skate olímpico.

Por fim, o objetivo específico “c” - “examinar as temáticas que emergem no debate de gênero das conversações coletadas a partir da análise dos atravessamentos” - foi alcançado com a categorização dos *tweets*-resposta, que correspondem às discussões empreendidas a partir do

debate de gênero. A sistematização dos assuntos presentes nas conversações permitiu a observação dos temas que foram levantados pelos usuários brasileiros. Com as temáticas sistematizadas, foi possível examinar os assuntos desdobrados nestas conversações.

Para os objetivos “b” e “c”, foi utilizado um método inspirado em uma análise de conteúdo categorial. O método foi “inspirado” na medida em que não se utilizou de todos os processos propostos pela AC, mas fez uso estratégico de técnicas e metodologias descritas por Bardin (1977) e por Sampaio e Lycarião (2021) para planejar e realizar as etapas e procedimentos necessários para o atingimento dos objetivos propostos. O uso da análise de conteúdo como base para a investigação empírica teve resultados muito positivos para uma visualização, sistematização e interpretação dos dados coletados.

A construção teórica, por sua vez, foi um importante suporte para a compreensão dos diferentes aspectos que compõem o objeto de pesquisa proposto. O primeiro capítulo teórico contribuiu para o entendimento de conceitos e construções em torno de gênero, das tensões que envolvem a vivência das mulheres no esporte, da história e cultura do *skateboarding* e sua comunidade e do contexto e lutas do skate feminino. O segundo capítulo teórico forneceu o suporte para compreender dinâmicas envolvidas nos usos das mídias digitais, como a convergência midiática, a segunda tela, as mudanças promovidas em processos de recepção, e os usos para o desenvolvimento de debates sociais, em especial, o debate de gênero, o qual se dá a partir de diferentes tensões e com destaque ao papel do movimento feminista para a promoção da discussão.

Desafios fizeram parte da jornada de construção desta monografia. No que diz respeito ao desenvolvimento teórico, a dificuldade na busca por bibliografia foi parte de algumas etapas. Os obstáculos surgiram, principalmente, na busca por referenciais teóricos da área da comunicação que abordassem o *skateboarding*. Neste mesmo tópico, houveram desafios no acesso exemplares de livros que abordam a história do esporte. Nesse sentido, a exploração no acervo da biblioteca da ESEFID - sede dos cursos de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS - foi essencial no alcance de livros que auxiliaram nesta etapa.

Quanto às adversidades na realização da etapa de metodologia e análise, a maioria dos desafios se deram em relação à plataforma visada para a busca das publicações desejadas. Durante a execução deste trabalho, o Twitter passou por significativas alterações que afetaram a coleta. Além das mudanças mais recentes, como as movimentações para a alteração do nome do site para “X”³⁸, atualizações na usabilidade da plataforma representaram verdadeiros

³⁸ Ao final de julho de 2023, Elon Musk - empresário que comprou o Twitter em outubro de 2022 - anunciou mudanças na identidade de marca da plataforma, o que inclui uma atualização no nome para “X” e um novo logo.

desafios para a investigação. Neste ponto, o estabelecimento de limitações de acesso a *tweets* aos usuários trouxe obstáculos para as etapas de investigações de filtros de busca possíveis e para a coleta em si, o que por diversas vezes restringiu temporariamente as pesquisas na plataforma. Em uma medida emergencial, foi tomada a decisão de assinar o “Twitter Blue”, que, entre outras ferramentas concedidas aos assinantes, permitia o acesso a uma taxa maior de publicações. Ainda, cabe explicar que as mudanças empreendidas na plataforma não estão contempladas no desenvolvimento dessa pesquisa, uma vez que grande parte das alterações se deram após a construção teórica e durante o desenvolvimento da análise. Assim, mantiveram-se as nomenclaturas e conceitos anteriores às atualizações mais recentes. Foi decidido continuar se referindo ao site como “Twitter” e manter as nomenclaturas “*tweet*”, “*retweet*”, entre outras que antecedem as atuais mudanças.

Este trabalho de pesquisa também reconhece limitações que fizeram parte de sua construção e de seu recorte. Devido ao enfoque em gênero e, em especial, nas dinâmicas que impõem dificuldades às mulheres skatistas, há outros pontos que atravessam este foco que não foram abordados com tanta profundidade. Nesse sentido, a abordagem da categoria “gênero” concentrou-se em dissertar a respeito das desigualdades que atingem mulheres, principalmente em comparação aos homens. Esta pesquisa compreende que a categoria de gênero é ampla e está além do binarismo homem/mulher, sendo marcada, também, por outras tensões. Porém, para fins de debate das dinâmicas desejadas, a investigação manteve-se mais restrita ao enfoque relativo às dificuldades vividas pelas mulheres, principalmente no que diz respeito ao reconhecimento e visibilidade nos universos do esporte e do skate, o que, normalmente, está em oposição aos privilégios vividos pelos homens nesses mesmos universos. Por conta das intenções da pesquisa, os debates de gênero estiveram mais restritos a essas vivências.

Houve também o desejo de adicionar profundidade aos outros atravessamentos que foram abordados no decorrer da pesquisa, como raça, classe e geolocalização, os quais implicam dinâmicas e opressões na vivência de mulheres. O maior foco manteve-se no recorte específico de gênero, porém, é válido destacar aqui o desejo de que estes outros atravessamentos sejam trabalhados em futuras pesquisas com objetos semelhantes ao desta investigação. Como pôde-se averiguar, a figura de Rayssa Leal, por exemplo, tem enorme força representativa, a qual suscita diversos debates produtivos para outras análises no campo acadêmico da Comunicação.

GZH. Twitter vai mudar de nome e se chamar X, diz Elon Musk. **GZH**, Porto Alegre, 23 jul. 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2023/07/twitter-vai-mudar-de-nome-e-se-chamar-x-diz-elon-musk-clkfsngfp003v01547tyhp566.html>. Acesso em: 15 ago. 2023.

Em relação às contribuições deste trabalho, compreende-se que ele adiciona pontos de vista a estudos que já possuem considerável produção científica no campo da Comunicação, como gênero e esporte, e contribui para a construção de tópicos em que - durante a construção do estado da arte - não foram identificadas muitas produções no campo, como o *skateboarding*. O trabalho contribui para a construção de pontos de vista comunicacionais em torno do skate feminino, categoria esportiva que cresce em visibilidade e nos espaços que ocupa na mídia. Há uma contribuição também para os estudos em mídias digitais, aproveitando de um site de rede social como local para coletar comunicações, expressões e sentidos construídos pelos usuários brasileiros.

Refletindo de um ponto de vista da publicidade, este trabalho traz contribuições a respeito do potencial propagador e representativo de figuras como Rayssa. Como abordado anteriormente, a jovem tem figurado em diversas campanhas publicitárias, antes e após as Olimpíadas. As campanhas anteriores à competição contribuíram para a construção da imagem da atleta e, portanto, para sua visibilidade durante o evento. As participações posteriores em peças publicitárias, por sua vez, contribuem para manter a jovem em destaque, voltando os holofotes, também, para o skate feminino. Nesse sentido, a publicidade tem enorme papel na construção de sentidos em torno da modalidade e, ao voltar seu olhar para atletas como Rayssa, contribui para a visibilidade de skatistas mulheres. A presença da atleta em campanhas de marcas grandes colabora no reconhecimento e alcance da categoria e potencializa a representatividade de sua figura, que pode servir de inspiração a mulheres que encontram em Rayssa a possibilidade de viver o skate. A publicidade é capaz de reforçar certas normas e, também, atuar tensionando-as, em prol de mudanças. Como observado na construção teórica, o skate feminino batalha por visibilidade, para a mudança do status de sub-representação da categoria. Quando a publicidade volta sua atenção para figuras como Rayssa, ela atua em favor das mudanças de paradigma.

Quanto às reticências deixadas por este trabalho de pesquisa, novas perspectivas em torno de Rayssa Leal, do skate feminino e de outras skatistas e esportistas mulheres podem ser elaboradas. A investigação empreendida permitiu perceber algumas das significações evocadas em torno de gênero a partir do skate feminino. Outros pontos de vista comunicacionais podem observar outras categorias identitárias, outras atletas ou outros eventos esportivos em que o demarcador de gênero tem repercussões midiáticas. Ainda, é possível analisar o fenômeno Rayssa Leal a partir de outros materiais e outras perspectivas. Vide o enorme alcance da skatista, estudar os impactos da jovem sob vieses comunicacionais pode revelar outras potencialidades de sua força representativa.

Voltar o olhar para eventos de grande alcance como a vitória de Rayssa a partir da perspectiva da comunicação permite analisar as representações, significações e expressões que partem da mídia, dos veículos de comunicação, dos públicos e dos demais agentes que participam da dinâmica comunicacional. Tais investigações permitem realizar inferências a respeito de lógicas, dinâmicas, normas e embates engendrados no meio social. Nesse sentido, a pesquisadora entende que o processo de pesquisa aqui empreendido obteve sucesso na observação de dinâmicas de gênero envolvidas no skate feminino, a partir de processos comunicativos observados em mídia digital. Isso a partir da figura de uma jovem skatista, que, sobre uma tábua de madeira e rodinhas, fez as mulheres e o skate feminino serem vistos pelo Brasil e pelo mundo. Viva Rayssa Leal e o skate feminino.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000200006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/8gJQ9xFh7jcnGNsnYJQ7pbS/>. Acesso em: 12 maio 2023.
- ALLEGRETTI, Bruna Luíza de Camillo. **Gênero na polarização**: análise discursiva sobre os antagonismos midiaticizados a partir de embates no Twitter. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, SÃO Paulo, PUCSP, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/24424>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- ALMADA; CARREIRO; ROSSETTO, 2013 - Twitter e comunicação política: limites e possibilidades. **Revista Compolítica**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 189-216, 2013. Disponível em: <http://compolitica.org/revista/index.php/revista/article/view/49>. Acesso em: 5 jun. 2023.
- ANDRADE, Gabriela. Banco do Brasil lança campanha com skatista e medalhista Rayssa Leal. **Metrópoles**, [s.l.], 19 out. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/m-buzz/banco-do-brasil-lanca-campanha-com-skatista-e-medalhista-rayssa-leal>. Acesso em: 17 abr. 2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- BAVISHI, Jay. Como foram as conversas em torno dos Jogos no Twitter. **X Blog**, [s.l.], 9 ago. 2021. Disponível em: https://blog.twitter.com/pt_br/topics/events/2021/como-foram-as-conversas-em-torno-dos-jogos-no-twitter. Acesso em: 17 jul. 2022.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: fatos e mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BEIRÃO, Fernanda; CORRÊA, Catarina; CASTRO, Cosette. Democracia e Redes Sociais: Uma Análise do Twitter @Sen_Cristovam. **Comunicologia**, Brasília, DF, v. 7, n. 2, p. 48-70, 2014. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/5345>. Acesso em: 3 jun. 2023.
- BOGADO, Maria. Rua. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão Feminista**: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 23-42.
- BRANDÃO, Leonardo. **Corpos Deslizantes, Corpos Desviantes**: a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972-1989). 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/164/1/LeonardoBrandao.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- BRANDÃO, Leonardo. Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufjr.br/index.php/Recorde/article/view/778>. Acesso em: 21 fev. 2023.

BRANDÃO, Leonardo. O surfe de asfalto: a década de 1970 e os momentos iniciais da prática do skate no Brasil. *In*: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony (org.). **Skate & Skatistas: Questões Contemporâneas**. Londrina: UEL, 2012. p. 15-40.

BRITO, Priscilla Caroline de S. Primavera feminista: a internet e as manifestações de mulheres em 2015 no Rio de Janeiro. *In*: MUNDOS DE MULHERES, 13.; FAZENDO GÊNERO, 11., 2017, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499450296_ARQUIVO_PrimaryFeminista-ainterneteamanifestacoedemulheresem2015noRiodeJaneiro-FazendoGenero.pdf. Acesso em: 11 de junho de 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAFEO, Marta Regina Garcia; MARQUES, José Carlos. Análise das Representações das Atletas Olímpicas nas Capas do Caderno Especial Rio-2016. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais [...]**. Belém: Intercom, 2019. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0561-1.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2023.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CBSK. Pesquisa Datafolha 2015. **CBSK**, São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <https://cbsk.com.br/noticia/769/pesquisa-datafolha-2015>. Acesso em: 17 abr. 2023.

COB. Brincando, Rayssa Leal se torna a medalhista mais nova do Brasil na história. **COB**, [s.l.], 2021. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/galerias/noticias/brincando-rayssa-leal-se-torna-a-medalhista-mais-nova-do-brasil-na-historia/>. Acesso em: 12 maio 2023.

CONTADO, Valeria. Em clima de conto de fadas, Rayssa Leal estrela campanha da Nike. **Meio & Mensagem**, São Paulo, 26 jul. 2021. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/comunicacao/em-clima-de-conto-de-fadas-rayssa-leal-estrela-campanha-da-nike>. Acesso em: 17 abr. 2023.

CORRÊA, Laura Guimarães; SILVEIRA, Fabrício José N. da. Representação. *In*: VEIGA, Vera França; MARTINS, Bruno Guimarães; MENDES, André Melo. **Trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação**. Belo Horizonte: UFMG, 2015. p. 208-215. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/wp-content/uploads/2019/08/Grupo-de-Pesquisa-em-Imagem-e-Sociabilidade-GRIS-Selo-PPGCOM-UFMG.pdf>. Acesso em: 3 maio 2023.

CORTEZ, Natália. Hashtags e produção de sentidos: códigos, conteúdos e tendências no Twitter. *In*: ALZAMORA, Geane; MENDES, Conrado Moreira; RIBEIRA, Daniel Melo (orgs.). **Sociedade da desinformação e infodemia**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 113-134. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/sociedade-da-desinformacao-e-infodemia/>. Acesso em: 6 jun. 2023.

COSTA, Cristiane. Rede. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 43-60.

COSTA, Guilherme; RODRIGUES, João Gabriel; DILLON, Lorena. Rayssa Leal ultrapassa marca de dois milhões de seguidores: "O que é isso, minha gente?". **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, 26 jul. 2021 Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/rayssa-leal-ultrapassa-marca-de-dois-milhoes-de-seguidores-o-que-e-isso-minha-gente.ghtml>. Acesso em: 11 maio 2023.

COSTA, Leda. Marta versus Neymar. A “Guerra dos Sexos” nos Jogos Olímpicos 2016. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais** [...]. Belém: Intercom, 2019. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1423-1.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2023.

DÊ o start no seu dia com NESCAU® Cereal. [S.l.: s.n.]: 2023. 1 vídeo (15 seg). Publicado pelo canal NESCAU. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a8HhgXjMKtc>. Acesso em: 17 abr. 2023.

DIXON, Stacy Jo. Countries with most Twitter users 2022. **Statista**, [s.l.], 22 nov. 2022. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/242606/number-of-active-twitter-users-in-selected-countries/>. Acesso em: 02 jun. 2023.

DOCILE - Doces Gentilezas. [S.l.: s.n.]: 2022. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal Docile Alimentos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZLI9Pi5nO9E>. Acesso em: 17 abr. 2023.

ELAS TRANSFORMAM - MRV. Projeto #ElasTransformam. **Mrv**, [s.l.], [202?]. Disponível em: <https://elastransformam.mrv.com.br/sobre/>. Acesso em: 26 jul. 2023.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Comunicação e Gênero no Brasil: discutindo a relação. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 103-138, 2020. DOI: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27643>. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27643. Acesso: 3 dez. 2022.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. O skate feminino no Brasil: estratégias de se fazer ver. *In*: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony (org.). **Skate & Skatistas: Questões Contemporâneas**. Londrina: UEL, 2012. p. 147-170.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. Quando você é excluída, você faz o seu: mulheres e skate no Brasil. **Cadernos Pagu**, Porto Alegre, n. 41, p. 239-264, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/94573/000913163.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 7 abr. 2023.

FOGLIATTO, Monique de Souza Sant'Anna. **As pranchas do mar e do asfalto**: a cobertura televisiva do surfe e do skate como modalidades olímpicas. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2021. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/215416/fogliatto_mss_me_bauru_sub.pdf?sequence=7&isAllowed=y. Acesso em: 20 fev. 2023.

FOGLIATTO, Monique de Souza Sant'Anna; MARQUES, José Carlos. A pista também é delas: Reflexões sobre o discurso produzido na página Globo Esporte sobre as skatistas. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 42., 2019, Belém. **Anais [...]**. Belém: Intercom, 2019. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0307-1.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2023.

FOGLIATTO, Monique de Souza Sant'Anna; MARQUES, José Carlos. Dropando sobre as pranchas: os impactos das transformações conceituais das práticas do surfe e do skate refletidos no anúncio do comitê olímpico internacional. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 68, n. 37, p. 37-54, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/71803>. Acesso em: 22 fev. 2023.

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. *Galáxia*, São Paulo, n. 24, p. 10-21, dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucs.p.br/index.php/galaxia/article/view/12939>. Acesso em: 2 maio 2023.

FRANÇA, Vera. Representações, mediações e práticas comunicativas. *In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. Comunicação, representação e práticas sociais*. Rio de Janeiro: Editora PUCRIO, 2005.

FRICKE, Gabriel *et al.* Mãe, música e skatista! Pioneira, Karen Jonz agora quer ser olímpica: "Estou super a fim". **GE**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/programas/verao-espetacular/noticia/mae-musica-e-skatista-pioneira-karen-jonz-agora-quer-ser-olimpica-estou-super-a-fim.ghtml>. Acesso em: 16 abr. 2023.

FURLAN, Cássia Cristina. O discurso da ideologia de gênero nas redes sociais: recrudescimento das conquistas feministas ou reflexos do potencial das mudanças frente à onda conservadora no cenário brasileiro? **Revista de Educação e Complexidade**, Maringá, n. 5, dez. 2017. Disponível em: <http://sites.uem.br/crc/departamento-de-pedagogia-dpd/koan-revista-de-educacao-e-complexidade/educacao-n-5-dez-2017/educacao-n-5-dez-2017/o-discurso-da-ideologia-de-genero-nas-redes-sociais-recrudescimento-das-conquistas-feministas-ou-reflexos-do-potencial-das-mudancas-frente-a-onda-conservadora-no-cenario-brasileiro/view>. Acesso em: 1 de agosto de 2023.

G1. Em vídeo, Damares diz que 'nova era' começou: 'meninos vestem azul e meninas vestem rosa'. **G1**, Brasília, 03 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2023.

GAROTAS NO MUNDO. Vídeo de skate feminino vem aí. **Garotas no comando**, [s.l.], [20??]. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20081120184636/http://www.garotasnocomando.com.br/garotasolid/videofem.htm>. Acesso em: 10 maio 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2008.

GLOBO ESPORTE. Rumo à Olimpíada, confederação anuncia seleção brasileira de skate agora com 22 atletas. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, 16 jun. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/skate/noticia/rumo-a-olimpiada-confederacao-anuncia-selecao-brasileira-de-skate-agora-com-22-atletas.ghtml>. Acesso em: 11 maio 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2006. DOI: <https://doi.org/10.5216/rp.p.v8i1.106>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/106>. Acesso em: 11 jan. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, São Paulo, n. 117, p. 31-38, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/148685/146121/304895>. Acesso em: 9 jan. 2023.

GREGO, Maurício. Piada de Bolsonaro sobre sua filha gera revolta nas redes sociais: a “brincadeira” do parlamentar gerou revolta nas redes sociais, sobretudo do público feminino, que considerou suas palavras machistas e misóginas. **Exame**, [s.l.], 18 set. 2017. Disponível em: <https://exame.com/brasil/piada-de-bolsonaro-sobre-sua-filha-gera-revolta-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 30 jul. 2023.

GRUPO DE MÍDIA SÃO PAULO. **Mídia Dados 2021 para todxs**. Grupo de mídia São Paulo, [São Paulo], [2021]. Disponível em: <https://midiadadosgmstp.com.br/2021/>. Acesso em: 24 maio 2023.

GZH. Twitter vai mudar de nome e se chamar X, diz Elon Musk. **GZH**, Porto Alegre, 23 jul. 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2023/07/twitter-vai-mudar-de-nome-e-se-chamar-x-diz-elon-musk-clkfsngfp003v01547tyhp566.html>. Acesso em: 15 ago. 2023.

HABCKOST, Gabriela. **Fãs e conversaão em rede**: o Twitter como segunda tela no BBB20. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/217852>. Acesso em: 23 jun. 2023.

HAWK, Tony. **I don't know anything about this but it's awesome**: a fairytale heelflip in Brazil by #RayssaLeal (via @oliverbarton). [S.l.], 8 sep. 2015. Twitter: @tonyhawk. Disponível em: <https://twitter.com/tonyhawk/status/641374976927399938?s=20>. Acesso em: 07 ago. 2023.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão Feminista**: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HONORATO, Tony. A esportivização do skate (1960-1990): relações entre o macro e o micro. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. **Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 1, p. 95-112, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unes.br/handle/11449/28269>. Acesso em: 25 fev. 2023.

HONORATO, Tony. Uma história do skate no Brasil: do lazer à esportivização. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 17., 2004, Campinas. **Anais** [...]. Campinas: UNICAMP, 2004. Disponível em: <http://legacy.anpuh.org/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20IX/Tony%20Honorato.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2023.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

JACKS, Nilda Aparecida. Da agulha ao chip: brevíssima revisão dos estudos de recepção. **Intexto**, Porto Alegre, n. 34, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/58055>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KOIKE, Beth. Rayssa Leal, prata no skate, recebe mais de 2 milhões de citações no Twitter.

LEAL, Rayssa. **Rayssa Leal - OFICIAL**. Twitter: @rayssaleal. [S.l.], 2023. Disponível em: <https://twitter.com/rayssaleal>. Acesso em: 07 ago. 2023

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. As mulheres e o “carrinho”: gênero e corporalidade entre as skatistas. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373171573_ARQUIVO_GiancarloM.C.Machado_Asmulhereseocarrinho_generoecorporalidadeentreasskatistas.pdf. Acesso em: 6 abr. 2023.

MAGRI, Diogo. Aos seis anos ela ganhou um skate. Aos 12, é uma das melhores do mundo. **El País**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-03-06/aos-seis-anos-ela-ganhou-um-skate-aos-12-e-uma-das-melhores-do-mundo.html>. Acesso em: 11 maio 2023.

MARTINO, Luis Mauro Sá. Teoria das mídias digitais: Linguagens, ambientes, redes. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 333-357. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/6Y8dcfxYKPXWmyyZmhF5yph/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 dez. 2022.

MELLO, Bernardo. Por que Fadinha? Conheça a história de Rayssa leal, de 13 anos, medalha de prata no skate na Olimpíada. **Globo**, [s.l.], 26 jul. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/toquio-2020/por-que-fadinha-conheca-historia-de-rayssa-leal-de-13-anos-medalha-de-prata-no-skate-na-olimpiada-1-25126767>. Acesso em: 11 maio 2023.

MENDES *et al.* A campanha #FORARICARDOTEIXEIRA no Twitter: interações sociais e debate público a respeito do esporte. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 4, p. 929-946, 2013. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/1460>. Acesso em: 22 jun. 2023. MOURA, Bruno Melo *et al.* Just one screen isn't enough: social tv role to major league soccer Brazilian fans. *In: ENCONTRO DE MARKETING DA ANPAD*, 9., 2021, [s.l.]. **Anais [...]**. [S.l.]: 2021. Disponível em: <https://anpad.com.br/uploads/articles/110/approved/6c9882bbac1c7093bd25041881277658.pdf>. Acesso em: 29 maio 2023.

MUGNAINI, Haphisa Kashemyra Souza Costa. **Feminismo em Rede**: As redes sociais digitais como ferramenta de ativismo on-line. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação Estratégica: Publicidade e Relações Públicas) – Universidade Beira Interior, Covilhã, 2020. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/10611>. Acesso em: 11 de junho de 2023

NASCIMENTO, Caroline Gonçalves; COSTA, Angelo Brandelli; STREY, Marlene Neves. Reflexões sobre a relação da rede social facebook nas construções de gênero na juventude. *In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO, SEXUALIDADE*, 7., 2018, Natal. **Anais [...]**. Natal: FURG, 2018. Disponível em: <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/106.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2023.

NUSBAWN, Eric. The Skate Queen: In the 1970s, Ellen O'Neal was a freestyle skateboarding superstar. **Sport Stories**, [s.l.], 6 mar. 2020. Disponível em: <https://sportsstories.substack.com/p/the-skate-queen>. Acesso em: 14 abr. 2023.

OROZCO, Guillermo. La condición comunicacional contemporánea. Desafíos latinoamericanos de la investigación de las interacciones en la sociedad red. *In: JACKS, Nilda et al. Análisis de recepción en América Latina*: un recuento histórico con perspectivas al futuro. Quito: CIESPAL, 2011. p. 377-408.

PAGEL, Geovana Cleni; MELLO, Christine Pires Nelson de. Redes Feministas: a potência insurgente das hashtags #ChegadeFiuFiu, #PrimeiroAssédio e #EleNão. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27597. Acesso em: 14 jun. 2023.

PEREIRA, Cláudia da Silva. Disputas e impasses nas representações midiáticas da skatista Rayssa Leal. **Matrizes**, São Paulo, v. 17, n. 1, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/195389>. Acesso em: 29 maio 2023.

PIENIZ, Monica.; WOTTRICH, Laura. Receptores na Internet: desafios para o contexto de trânsito das audiências. *In: JACKS, Nilda. Meios e Audiências II*: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 73-94.

PILGER, Caroline. **As gordas saem do armário...e entram no closet**: interseccionalidade, lugar de fala e empoderamento na configuração das mulheres gordas pela revista Donna. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/232686>. Acesso em: 26 dez. 2022.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 dez. 2022.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PRIMO, Alex. A cobertura e o debate público sobre os casos Madeleine e Isabella: encadeamento midiático de blogs, Twitter e mídia massiva. **Galáxia**, São Paulo, n. 16, p. 43-59, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/1912/1174/3807>. Acesso em: 23 jun. 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

PROULX, Mike; SHEPATIN, Stacey. **Social TV: how marketers can reach and engage audiences by connecting television to the WEB, social media and mobile**. Hoboken: Wiley, 2012.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel. Discutindo Análise de Conteúdo como Método: o #DiadaConsciênciaNegra no Twitter. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 56, n. 2, p. 289–309, 2015. DOI: 10.20396/cel.v56i2.8641480. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8641480>. Acesso em: 31 jul. 2023.

RECUERO, Raquel. O twitter como esfera pública : como foram descritos os candidatos durante os debates presidenciais do 2º turno de 2014? **RBLA**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 157-180, 2016. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/3028>. Acesso em: 4 jun. 2023.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. “RT, por favor”1: considerações sobre a difusão de informações no Twitter. **Fronteiras - estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 12, n. 2, p. 69-81, 2010. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/4668/1891>. Acesso em: 4 jun. 2023.

REIS, Josemira Silva. Feminismo por hashtags: as potencialidades e riscos tecidos pela rede. *In*: MUNDOS DE MULHERES, 13.; FAZENDO GÊNERO, 11., 2017, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503731675_ARQUIVO_josemirareis_fazendogenerov2.pdf. Acesso em: 11 jun. 2023.

ROSA, Pâmela. **Obrigada Mais uma vez enfrentei uma competição...**[S.l.], 26 jul. 2021. Instagram: @pamelarosaskt. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CRxIJRKNUYi/?img_index=2. Acesso em: 5 ago. 2023.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 20 dez. 2022.

SILVA, Daniel Neves. Copa do Mundo. **Brasil Escola**, [s.l.], [20??]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/copa-mundo.htm>. Acesso em 12 dez. 2022.

SKATE PARA MENINAS. Skate para Meninas. **Skate para meninas**, [s.l.]. [20??]. Disponível em: <https://skateparameninas.wordpress.com>. Acesso em: 10 maio 2023.

SOARES, Felipe Bonow *et al.* Desinformação e esfera pública no Twitter: disputas discursivas sobre o assassinato de Marielle Franco. **Fronteiras - estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 21, n. 3, p. 2-14, 2019. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2019.213.01>. Acesso em: 5 junho 2023.

STEFANELLI, Francisco *et al.* Skate: qual o impacto dos Jogos Olímpicos na visão brasileira sobre o esporte? **Esquinas**, São Paulo, 2 fev. 2023. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/esportes/skate-qual-o-impacto-dos-jogos-olimpicos-na-visao-brasileira-sobre-o-esporte/>. Acesso em: 11 maio 2023.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 51-61.

UOL. Brasil é o segundo país com mais medalhas no skate nas Olimpíadas de Tóquio. **Uol**, Rio de Janeiro, 5 ago. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/2021/08/05/brasil-e-o-segundo-pais-com-mais-medalhas-no-skate-em-toquio.htm>. Acesso em: 11 maio 2023.

UOL. Rayssa Leal conta o que a motivou: 'Mostrar que skate não é só para menino'. **Uol**, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/2021/06/29/rayssa-leal-counta-o-que-a-motivou-mostrar-que-skate-nao-e-so-para-menino.htm>. Acesso em: 04 ago. 2023.

Valor, São Paulo, 26 jul. 2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/olimpiada-2021/noticia/2021/07/26/rayssa-leal-prata-no-skate-recebe-mais-de-2-milhoes-de-citacoes-no-twitter.ghtml>. Acesso em: 22 jul. 2023.

VENCATO, Anna Paula. Gênero e sexualidades em tempos instáveis: mídias digitais, identificações e conflitos. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, n. 4, p. 808-823, 2017. DOI: <https://doi.org/10.20396/etd.v19i4.8646384>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646384>. Acesso em: 1 ago. 2023.

VIMIEIRO, Ana Carola; EUGÊNIO, Flaviane Rodrigues; PILAR, Olívia. A produção acadêmica sobre gênero e esporte no Brasil (2000-2020). *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais [...]**. Belém: Intercom, 2019.

Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt6-ce/ana-carolina-vimieiro.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2022.

WORLD SKATE. Olympic World Skateboarding Rankings. **Ranking Tokyo 2020**, Lausanne, [202?]. Disponível em: <https://www.worldskate.org/skateboarding/ranking-tokyo-2020.html>. Acesso em: 17 abr. 2023.

X BLOG. Como acompanhar os Jogos no Twitter. **X Blog**, [s.l.], 21 jul. 2021. Disponível em: https://blog.twitter.com/pt_br/topics/events/2021/como-acompanhar-os-jogos-no-twitter. Acesso em: 23 jun. 2023.

X. Página Inicial. **X**, [s.l.], 2023. Disponível em: <https://twitter.com/home>. Acesso em: 01 jun. 2023.

X. Perguntas frequentes de novos usuários. **X**, [s.l.], 2023. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/resources/new-user-faq>. Acesso em: 01 jun. 2023.

X. Sobre o Twitter Blue. **X**, [s.l.], 2023. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/using-twitter/twitter-blue#:~:text=Para%20se%20manter%20a%20par,qualidade%20das%20conversas%20no%20Twitter>. Acesso em: 05 jun. 2023.